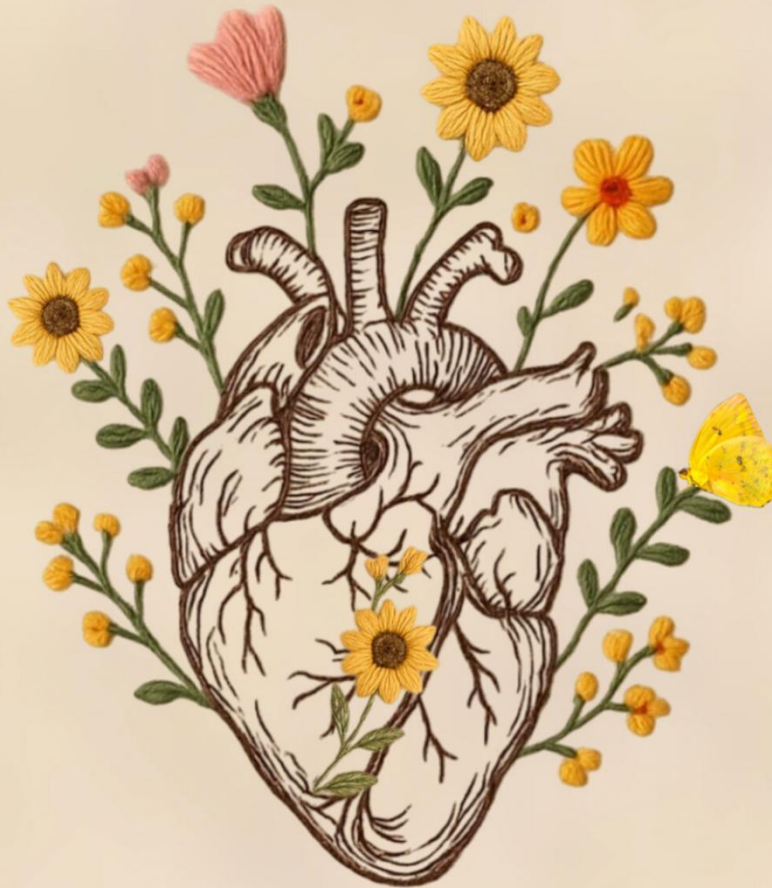


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Terapeutas Ocupacionais

no campo das emergências e desastres, no Brasil

Fernanda Laís Ribeiro



Entre flores e nó(s), pela honra das raízes de dor e ramos de esperança

São Carlos
2025

Imagem da capa da tese: A construção da capa da minha tese foi, para mim, uma experiência profundamente simbólica. Chegar até Josyelle¹ foi um desses encontros que reconheço como providência do Criador. Com sua sensibilidade, Jô foi capaz de acolher esse tema e, mais do que isso, captar emoções que eu mesma ainda não havia verbalizado, apenas sentido, e tudo isso se expressa lindamente em cada traço desenhado. Quando contei a ela sobre a encomenda da capa e compartilhei a essência do trabalho, Jô se emocionou e, chorando, disse: **“o que fica é o amor”**, frase que passou a ecoar em mim como expressão verdadeira do que esta tese representa. Desde o início, percebi que alguns elementos precisavam estar presentes na imagem que traduziria a pesquisa e só foi possível por ela acreditar na delicadeza como ferramenta de comunicação: o girassol, símbolo que me acompanha e representa a capacidade de se inclinar ao outro na ausência de luz, com uma rapidez visível aos olhos humanos. As diferentes flores representam, ao mesmo tempo, cada vida levada pelo desastre, cada vida que fica, cada vida atravessada, cada entrevistada, e a própria ação das terapeutas ocupacionais. Cada semente, uma narrativa; cada flor, um gesto de cuidado. Já a borboleta traz-me à memória a primeira entrevista: uma borboleta preta circulou entre mim e Dani Tônus, e anos depois, ao convidar Jô para criar a arte da capa, ela (sem saber) respondeu ao convite com a imagem de uma borboleta amarela, dizendo: “Prima, não sei o que significa, mas deve ser bônus.” Por fim, o coração. Elemento central não só na geografia de Santa Maria (Rio Grande do Sul), mas também no pulsar da vida e da dor que atravessa essa história. Flávio, o primeiro familiar que tive a honra de conhecer, é carinhosamente conhecido como “o coração” da Associação de Vítimas da Tragédia de Santa Maria (AVTSM), e não haveria símbolo melhor para expressar o amor, a memória e a resistência que habitam este trabalho.

¹ Jô Anjo é uma artista paulistana, pedagoga e pós-graduada em Ensino de Arte. Tem dois *Extended Play's* lançados e um livro digital. Já criou capas de álbuns, singles e livros, mesclando arte manual e digital.

FERNANDA LAÍS RIBEIRO

TERAPEUTAS OCUPACIONAIS
NO CAMPO DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES, NO BRASIL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de doutora em Terapia Ocupacional.

Agência de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Linha de pesquisa: Redes Sociais e Vulnerabilidades.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Magalhães

São Carlos, SP
2025

Ribeiro, Fernanda Laís

Terapeutas ocupacionais no campo das emergências e
desastres, no Brasil / Fernanda Laís Ribeiro -- 2025.
151f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Lilian Magalhães

Banca Examinadora: Sandra Maria Galheigo, Alex
Branco Fraga, Taís Quevedo Marcolino, Éllen Cristina
Ricci

Bibliografia

1. Terapia ocupacional. 2. Desastres. 3. Emergências. I.
Ribeiro, Fernanda Laís. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(Sín)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS UFSCAR
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

FOLHA DE APROVAÇÃO

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Doutorado da candidata Fernanda Laís Ribeiro, realizada em 30/06/2025:

Profa. Dra. Lilian Magalhães (Presidente da Comissão e Orientadora)
Departamento de Terapia Ocupacional
Universidade Federal de São Carlo — UFSCar

Profa. Dra. Sandra Maria Galheigo
Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - USP

Prof. Dr. Alex Branco Fraga
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Profa. Dra. Taís Quevedo Marcolino
Departamento de Terapia Ocupacional
Universidade Federal de São Carlo — UFSCar

Profa. Dra. Éllen Cristina Ricci
Departamento de Terapia Ocupacional
Universidade Federal da Bahia — UFBA

Quando plantamos uma semente, plantamos uma narrativa de possibilidade futura.

Stuart-Smith

AGRADECIMENTOS

*Tapeceiro, grande artista,
Vai fazendo seu trabalho
Incansável, paciente no seu tear*

Como na canção, de Stenio Marcius (2002), minha vida e esta tese foram tecidas por um Tapeceiro, o grande Artista, o Criador, que, com *fi*os invisíveis, mas absolutamente precisos, foi entrelaçando encontros, dores, alegrias, desencontros, silêncios e vozes para que esta tese pudesse tomar forma. A Ele, minha gratidão por tudo tornar possível, por me guiar até cada pessoa que me constituiu e que compôs este tecido complexo, sensível e profundamente humano.

Agradeço à Professora Tais Quevedo Marcolino, ela que percebeu, ainda no fio solto de uma ideia, um potencial a ser tecido para além de mim, para a nossa profissão, para o coletivo. Ela foi o ponto de partida do entrelaçar, quem me apresentou à minha orientadora.

À minha orientadora, que acolheu esse novelo ainda emaranhado, mas cheio de intenções. Com seu olhar sábio, perspicaz e sua escuta atenta, foi quem alinhou os fios, deu forma, ampliou sentidos, acreditou antes de mim mesma (e sempre me recorda o quanto acredita). Com sua paciência e rigor, fez-me enxergar onde havia textura, profundidade e trama.

*Tapeceiro, não se engana,
Sabe o fim desde o começo*

Aos *fi*os que encontrei ao longo da pesquisa, minha profunda gratidão. À amiga Bianca Gonçalves De Carrasco Bassi, que foi ponto de apoio antes mesmo da chegada à Santa Maria. Sua generosidade abriu portas, apresentou pessoas e lugares, ajudou a tecer essa pesquisa com afetos e conexões reais. Sem você, o tear teria ficado incompleto.

À coordenação e chefia do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na ocasião, obrigada por acolher meu projeto e ceder espaço físico e institucional para que o trabalho pudesse existir.

Às terapeutas ocupacionais que doaram seu tempo e compartilharam suas histórias, dores e nó(s): seus testemunhos são *fi*os preciosos desta tapeçaria. Obrigada por

confiarem em mim, por me fazerem companhia, mesmo em silêncio, nos momentos solitários da escrita.

À memória da Professora Taísa, que foi carinhosamente lembrada pelo coletivo das vozes narradas. Sua atuação permanece como um legado para a profissão. Sua presença, teceu caminhos em um campo ainda em construção.

Aos que me receberam na biblioteca e no acervo de Santa Maria: suas histórias e contatos me conduziram como guia precisa no tecido da pesquisa. A cada santa-mariense que me abordou ao reconhecer meu sotaque (motoristas de táxi, atendentes de estabelecimentos), obrigada por partilharem suas dores ao ouvirem sobre a pesquisa. Cada escuta foi uma linha delicada bordando sentidos.

Ao Juliano, Jujuba, policial militar que me ofertou um fio caro de sua história, ainda nunca partilhado nem com seu melhor amigo. Obrigada por me permitir conhecer esse avesso íntimo, e por confiar a mim uma parte silenciosa e densa do seu viver.

Ao coletivo de Psicanálise, *Kiss*: que não se repita, à AVTSM, especialmente a Bruna Ozorio, que me acolheu, e me apresentou ao estimado Gabriel Rovadoschi Barros (presidente da Associação na época), e que com sua generosidade me atravessou. Gabriel, sua história, sua palavra e sua fala profunda, marcaram-me entre os momentos mais significativos da minha vida. Senti-me impotente diante da sua dor, mas você me ensinou que, muitas vezes, escutar é o gesto mais poderoso e necessário. Sua partilha ecoa em um capítulo desta tese e em um artigo que comporemos juntos. Obrigada por me transformar.

Ao Flávio Silva, pai de Andrielle Righi, atual presidente da AVTSM, obrigada por me acolher mesmo quando minhas palavras pareciam pequenas diante de sua dor. Seu abraço e gratidão me deram força para seguir e transformar impotência em ação.

À Kellen Ferreira, minha gratidão profunda. Embora nosso encontro não tenha se concretizado, sua presença atravessa esta tese como força e inspiração. Obrigada por existir e resistir.

Ao coletivo de terapeutas ocupacionais que se constituiu a partir das chuvas intensas de maio de 2024 no RS: obrigada por me permitir compor com vocês um curso de capacitação para terapeutas ocupacionais.

À Professora Elaine Miranda, da Universidade Federal Fluminense (UFF), que com excelência, ética e delicadeza revisou nossos escritos. Foi minha professora na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), na disciplina de emergências e desastres em saúde pública e tornou-se parceria de caminhada. Obrigada pelas indicações bibliográficas que se fizeram solo para esta tese.

Aos lares que me foram presenteados, a partir de minha primeira ida até Santa Maria, mais uma providência do Tapeceiro: ao meu noivo, Diogo Schott, e sua família (Elton, Lily, Fia, Lore, Margô, Binho e Kany). Diogo, que tem sido cuidado, abrigo e presença. Dialogamos juntos sobre a *Kiss*, escrevemos sobre a situação e ordenamento jurídico no país, e ele revisou meus textos. Obrigada por acreditar em mim nos meus extremos (bons e ruins) e escolher permanecer.

À minha terapeuta Renata, que acolheu os ruídos de todas as vozes que habitaram minha mente e coração ao longo do doutorado. Obrigada por sustentar meus lutos, minhas transformações e a imensidão que esta tese me atravessou.

Aos bastidores que sempre estiveram comigo: minha família. Aos meus pais, Diva e Jarbas, e aos meus irmãos, Neto e Rapha, que desde a infância me apoiam, mesmo sem sempre compreender exatamente o que faço ou por que faço. Ao meu pai, por acreditar em mim e incentivar meus estudos, cultivando, desde cedo, a confiança de que este caminho seria possível. À minha mãe, pelas histórias que me tornaram sensível à humanidade e às suas complexidades. Ao Neto, pela presença serena e firme, lembrando-me que apoio também se constrói na presença discreta. Ao Rapha, por sempre me fazer rir, mesmo nos momentos mais difíceis, trazendo a leveza que sustenta o caminho.

Às minhas tias Dalva, pelas mensagens afetuosas diárias, e Vera, por seu apoio constante. Às minhas avós, *in memoriam*, especialmente minha avó Marinete, com quem conheci o amor incondicional, sentimento que também vivi com Yara, minha companheira de quatro patas. Elas que partiram, mas seguem vivas em mim.

À minha amiga Isabela Risso, com quem compartilho o simples e o profundo. Ela que me enxergou quando eu não conseguia mais me ver. À Jéssica, minha discipuladora e amiga, que sempre abre espaço em sua vida para doar-se.

Ao Pastor Cleiton, a quem tenho a honra de chamar de pai, e que exerce esse papel em minha vida com presença, cuidado, sabedoria e boas gargalhadas. Suas palavras e ensinamentos forjam meu caráter e moldam meu caminhar com amor e sabedoria. Sou imensamente grata por sempre me lembrar que não estou só e pela direção Certa nos momentos desafiadores.

Às amigas do treino (a turma do Cesinha, Anne e Chris), por serem alegria contagiante. Aos amigos desta última mudança de estado para o Rio Grande do Sul: Sandra, Carol, Marcos, Jaqueline e Bruno, obrigada por fazerem parte deste recomeço.

Ao meu primo Deivid (André Fernandes), músico, por sua generosidade ao pensar comigo, cuidadosamente, nas canções que compuseram os capítulos desta tese. À pastora

Fernanda, que me despertou para a canção de Stenio Marcius e a quem tive a honra e o prazer de conhecer, cuja presença convida ao acolhimento e à permanência, alguém com quem dá vontade de se demorar.

Pelo apoio financeiro, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

*Se você olha do avesso,
Nem imagina o desfecho.
No fim das contas, tudo se explica*

A todos vocês, que são *fiões* dessa tapeçaria, meu profundo agradecimento. O avesso foi muitas vezes confuso, doloroso, disforme... Mas no fim, ao virar o tecido, o Criador me mostrou que tudo fazia sentido. Esta tese é mais que texto: é testemunho, é trama e é vida. Obrigada por fazerem parte dela.

MEMORIAL

A memória das 242 vidas ceifadas no desastre da Boate *Kiss* não se limita a um gesto de homenagem simbólica, ela é, antes de tudo, um grito de denúncia e um apelo ético. Cada nome aqui escrito carrega uma história interrompida por negligências múltiplas, por estruturas de poder e por um sistema que falhou em proteger nossos jovens. Não se trata de um sofrimento do passado, mas de interpelar o presente.

Este memorial é, portanto, uma dedicatória à resistência das famílias, sobreviventes, amigos. É também um lembrete incômodo, mas necessário, de que nenhuma produção científica deve ser neutra diante do sofrimento humano, sob risco de se tornar cúmplice do silêncio e da omissão.

Lembrar de afetados fatais da Boate *Kiss* é responsabilizar, cobrar justiça e insistir em práticas profissionais e sociais que priorizem a vida e o compromisso com o cuidado em todas as suas dimensões.

A seguir, registro os nomes dos 242 jovens que perderam a vida naquele 27 de janeiro de 2013. Com especial reverência, destaco em negrito os nomes de estudantes de terapia ocupacional, cujas histórias ressoam com os princípios, os afetos e as urgências ético-políticas que atravessam esta tese.

Alan Rá Rehbein de Oliveira • Alexandre Ames Prado • Alex Giacomelli • Alisson Oliveira da Silva • Allana Willers • Ana Caroline Rodrigues • Ana Paula Anibaletto dos Santos • Ana Paula Rodrigues • André Cadore Bosser • Andressa Inaja de Moura Ferreira • Andressa Ferreira Flores • Andressa Rooz Paz • Andressa Thalita Farias Brissow • Andrieli Righi da Silva • Andrise Farias Nicoletti • Angelo Nicoloso Aita • Ariel Nunes Andreatta • Augusto Cesar Neves • Augusto Malezan de Almeida Gomes • Augusto Sergio Krauspenhauer da Silva • Bárbara Moraes Nunes • Benhur Retzlaff Rodrigues • Bibiani Berleze Brady Aridoni Gonçalves Silveira • Bruna Brondani Papalia • Bruna Camila Gratieri • Bruna Eduarda Neu • Bruna Karoline Occai • Bruno Kräulich • Bruno Portella Fricks • Camila Massulo Ramos • Carlitos Chaves Soares • Carlos Alexandre dos Santos Machado • Carolina Simões Corte Real • Cássio Garcez Biscaino • Cecilia Soares Vargas • Clarissa Lima Teixeira • Crisley Caroline Saraiva Freitas da Palma • **Cristiane Quevedo da Rosa** • Daniel Cecchim • Daniel Knabben Da Rosa • Daniel Betega Ahmad • Daniele Dias de Mattos • Danilo Brauner Jaques • Danrlei Darin • David Santiago de Souza • Débora Chiappa Porci • Devis Marques Gonçalves • Diego Comim Silvestri • Dionatha Kamphorst Paulo • Douglas da Silva Rodrigues • Diriele Pedroso Lucas • Dulce

Ranieri Gomes Machado • Elisandro Oliveira Rolim • Emerson Dalforno • Emili Contreira Ercolani • Emily dos Santos • Erika Satur Lecker • Evlin Costa Torres • Já J Doser Cervinski Felipe Oliveira • Fernanda de Lima Machado • Fernanda Thais Fischer • Fernando Michel Vogarins Parcianello • Fernando Pellin • Flávia de Carli Magalhães • Flávia Maria Torres Lemos • Franciele Vizioli • Francielle Araujo Vieira • Francieli Soares Vargas • Gabriele Corcine Sanchotene • Gabriella dos Santos Senger • Geni Lourenço da Silva • Gilmara Quintanilha Oliveira • Gislaine Krauchemberg Simões • Greicy Pazini Bairro • Guilherme Pontes Gonçalves • Guino Ramón Brítez Burró • Gustavo Ferreira Soares • Gustavo Marques de Gonçalves • Heitor Santos Oliveira Teixeira • Heitor Teixeira Gonçalves • Heleno Polletto Dambros • Helio Trentin Junior • Henrique Nemitz Martins • **Herbert Magalhães Charão** • Igor Stephan de Oliveira • Ilivelton Martins Koglin • Isabella Fiorini • Ivan Munchen • Jacob Francisco Thiele • Jaderson da Silva • Janaina Portela • Jennifer Mendes Ferreira • Jéssica Almeida Konzen • João Aloisio Treubla • João Carlos Barcellos • João Paulo Pozzobom • João Renato Chagas de Souza • José Luiz Weiss Neto • José Manuel Rosa da Cruz • Julia Cristofari Sául • Juliano Romero Medeiros • **Juliana Oliveira dos Santos** • Juliana Sperone de Lima • Juliano de Almeida Farias • Karen Fernanda Ritter • Karen Perin de Rosa • Kellin Karsten Favarin • Kelli Anne Santos Azzolin • Larissa Holsbach Teixeira • **Lauriane Salapata** • Leandra Fernandes Toniolo • Leandro Avila Leivas • Leandro Nunes da Silva • Leonardo de Lima Machado • Leonardo Lemos Karsburg • Leonardo Machado de Lacerda • Leonardo Schoff Vendrúscolo • Letícia Baú • Letícia Ferraz da Cruz • Letícia Vasconcellos • Lincon Turcato Carbagliable • Louise Victoria Farias Brissow • Luana Behr Vianna • Luana Facco Ferreira • Lucas Dias de Oliveira • Lucas Foggianto • Lucas Leite Teixeira • Luciane Moraes Lopes • Luciano Ariel Silva da Silva • Luciano Tagliapietra Esperidião • Luís Carlos Lindt de Oliveira • Luís Felipe Baleset Piovesan • Luísa Batistella Püttow • Luiz Antonio Xisto • Luiz Eduardo Viegas Flores • Luiz Fernando Donati • Luiz Fernando Rodrigues Wagner • Luiza Alves da Silva • Maicon Apolinário Cordeiro • Maicon Douglas Moreira Iensen • Maicon Francisco Evaldt • Manoeli Moreira Passamani • Marcelo de Freitas Salla Filho • Marcos André Rigoli • Marfisa Soares Caminhia • Maria Mariana Rodrigues Ferreira • Mariana Comassetto Do Canto • Mariana Machado Bona • Mariana Moreira Macedo • Marina de Pereira Freitas • Marina Uelanda Vilemo • Marilene Iensen Castro • Marina de Jesus Nunes • Marina Kettermann Callegaro • Martim Mascarenhas de Souza Onofrio • Marton Matana • Matheus de Lima Librelotto • Matheus Engers Rebolho • Matheus Pacheco Brondani • Matheus Rafael Raschen • Mauricio

Loreto Jaime • Melissa Berguemaí Correa • Melissa Simoni • Amerdal Dalforno • Merylin Camargo dos Santos • Michele Froehlich Cardoso • Michele de Campos • Miguel Webber Mayr • Mirella Rosa da Cruz • Monica Andressa Glanzel • Murilo Garcez Fumaco • Murilo Souza Baroni Silveira • Natalie Crusius Ohe • Natasha Oliveira Urquiza • Natheles da Silva Fischer • Nathieli de Carvalho Pires • Carina de Oliveira Marin • Octacílio Altíssimo Gonçalves • Odemar Gonzaga Noronha • Pâmela de Jesus Lopes • Paola Portto Rodrigues • Patrícia Pazzini Bairro • Paula Batistella Gatto • Paula Simone Melo Prates • Pedro de Andrade • Pedro de Oliveira Salila • Pedro Falcão Pinheiro • Pedro Ramos da Silva • Priscila Ferreira Escobar • Rafael de Oliveira Dorneles • Rafael Dias Ferreira • Rafael Paulo Nunes de Carvalho • Rafael Quilião E Oliveira • Rafaela Schmidt Nunes • Raquel Daiane Fischer • Raíssa Gross Curia • Raul Oenning • Rebeca de Andrade • Ricardo Custodio • Ricardo Dariva • Ricardo Stefanello Piovesan • Robson Van Der Ham • Rodrigo Dellinghausen Bairros Costa • Rodrigo Tauana • Roger Barcellos Farias • Roger Dall'agnol • Rogério Cardoso Ivaniski • Rogerio Floriano Cardoso • Rosane Fernandes Rechermann • Roxana Alves • Sabrina Soares Mendes • Sandra Leone Pacheco Ernzen • Sandra Victorino Goulart • Shaiana Tauchem Antolini • Silvio Beuren Júnior • Stefani Posser Simeoni • Susiele Cassol • Taís da Silva Scaphin de Freitas • Taíse Carolina Vinas Silveira • Taíse Santos dos Santos • Tanise Lopes Ciele • Thailan de Oliveira • Thailan Rehbein de Oliveira • Thais Zimmermann Darif • Thanise Correa Garcia • Thiago Amaro Cechinatto • Tiago Dovigi Segabinazzi • Ubirajara Soares Bastos Junior • Vagner Rolim Marostega • Vandercork Marques Lara • Vanessa Vancovick Soares • Victor Datria Macagnan • Vinícius Pagnossim • Vinícius Marconato Unggeri • Vinícius Montardo Bispo • Vinícius Silveira de Moraes • Vinícius Silveira Marques de Mello • Vitória Dacorso Saccol • Viviane Tólio Soares • Walter de Mello Cabistani • Wilton Martins Schmitz

Se a dor de alguém não te comove, sua humanidade adoeceu.
Conceição Evaristo

RESUMO

Emergências e desastres são fenômenos inerentemente sociais. Frequentemente abordados sob a lógica do risco, essas situações revelam demandas complexas, individuais e coletivas, que afetam diretamente os direitos humanos, como a liberdade, a dignidade e o acesso à justiça. Os seus efeitos expõem agravos como dilemas éticos, ações e omissões humanas, interesses econômicos e políticos, hesitações e negacionismos científicos. As escolhas feitas para proteger vidas e conter danos, muitas vezes, aprofundam desigualdades, evidenciando a sobreposição de vulnerabilidades e o acesso desigual aos recursos que salvam vidas. No Brasil, a pandemia da Covid-19, os desastres recorrentes causados por chuvas intensas, incêndios e os rompimentos das barragens da Vale e da Samarco escancaram fragilidades estruturais preexistentes do Estado e da sociedade. O que reafirma a urgência de um planejamento eficaz, ações intersetoriais e sustentadas em justiça, nas quais terapeutas ocupacionais têm um papel relevante a desempenhar, especialmente na ampliação da participação, na promoção da equidade e nas possibilidades de vida perante a interrupção ocupacional de afetados. Com isso, o presente estudo visa articular níveis de análise em relação às possíveis práticas que vêm sendo desenvolvidas por terapeutas ocupacionais no campo das emergências e desastres, com o objetivo de identificar características e prioridades, revelar, discutir e aprimorar possíveis perspectivas teórico-práticas ora em uso. Trata-se, portanto, de considerar como terapeutas ocupacionais podem contribuir de modo equânime no campo das emergências e desastres, considerando suas escolhas, mas também a realidade social, histórica, pluricultural, ética e política, ao contexto brasileiro. Para essa consecução, um estudo de caso foi realizado, articulando entrevistas com doze terapeutas ocupacionais que estiveram e ou permanecem envolvidas com o desastre na Boate *Kiss*, no Rio Grande do Sul, cujos achados foram trabalhados a partir de análise temática. As narrativas indicaram que a atuação nesse campo permanece historicamente marcada por abordagens predominantemente reativas, fortemente influenciadas por marcos teórico-práticos e normativos internacionais que nem sempre dialogam com as especificidades históricas, sociais e culturais locais. As participantes revelaram práticas sensíveis e coletivas, reconfigurando noções de justiça e política pública, e atuando como agentes de cuidado e transformação social nos vazios deixados por estruturas de proteção social inoperantes. O estudo contribui para o campo ao valorizar narrativas que revelam o compromisso ético, moral e político da profissão, mas também expõe lacunas persistentes na formação, no reconhecimento formal e na clareza conceitual sobre emergências e desastres. Reconhece-se, ainda, que a ênfase nas ações reativas limita a exploração de dimensões como prevenção e preparação. Recomenda-se que pesquisas futuras aprofundem a compreensão dos desastres como fenômenos sociais, invistam em instruções práticas e simulações nos processos formativos, explorem a implementação de políticas públicas para o cuidado dos profissionais da linha de frente enquanto afetados e investiguem estratégias para transição de uma lógica reativa para abordagens proativas.

Palavras-chave: Boate *Kiss*, desastres, emergências, terapia ocupacional.

ABSTRACT

Emergencies and disasters are inherently social phenomena. Often approached from the perspective of risk, these situations reveal complex demands, both individual and collective, that directly affect human rights, such as freedom, dignity, and access to justice. Their effects expose issues such as ethical dilemmas, human actions and omissions, economic and political interests, and scientific hesitations and denialism. The choices made to protect lives and contain damage often deepen inequalities, highlighting overlapping vulnerabilities and unequal access to life-saving resources. In Brazil, the COVID-19 pandemic, recurring disasters caused by heavy rains, fires, and the collapse of Vale and Samarco dams have exposed preexisting structural weaknesses in the State and society. This reaffirms the urgency of effective planning, intersectoral actions and actions supported by justice, in which occupational therapists have a relevant role to play, especially in expanding participation, promoting equity and life possibilities in the face of occupational interruption in those affected. Therefore, this study aims to articulate levels of analysis in relation to the possible practices that have been developed by occupational therapists in the field of emergencies and disasters, with the objective of identifying characteristics and priorities, revealing, discussing and improving possible theoretical-practical perspectives currently in use. Therefore, it is about considering how occupational therapists can contribute equally in the field of emergencies and disasters, considering their choices, but also the social, historical, multicultural, ethical and political reality of the Brazilian context. To this end, a single case study was conducted, articulating interviews with twelve occupational therapists who were and/or continue to be involved with the disaster at Boate Kiss, in Rio Grande do Sul, whose findings were worked on based on thematic analysis. The narratives indicate that work in this field remains historically marked by predominantly reactive approaches, strongly influenced by theoretical-practical frameworks and international regulations that do not always reflect local historical, social, and cultural specificities. The participants revealed sensitive and collective practices, reconfiguring notions of justice and public policy, and acting as agents of care and social transformation in the gaps left by ineffective social protection structures. The study contributes to the field by valuing narratives that reveal the profession's ethical, moral, and political commitment, but also exposes persistent gaps in training, formal recognition, and conceptual clarity regarding emergencies and disasters. It is also recognized that the emphasis on reactive actions limits the exploration of dimensions such as prevention and preparedness. Future research is recommended to deepen the understanding of disasters as social phenomena, invest in practical instruction and simulations in training processes, explore the implementation of public policies for the care of frontline professionals while affected, and investigate strategies for transitioning from a reactive logic to proactive approaches.

Keywords: disasters, emergencies, Kiss Nightclub, occupational therapy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Reconhecimentos vigentes das Situações de Emergência e Estado de Calamidade Pública, no Brasil	32
Figura 2 — Fluxograma PRISMA-ScR para os resultados e seleção de fontes.....	55
Figura 3 — Distribuição dos artigos selecionados para a RE, por ano/autor e citação..	56
Figura 4 — Localização geográfica de Santa Maria (RS) e acessos rodoferroviários..	72
Figura 5 — Palco da Boate <i>Kiss</i> , Santa Maria (RS).....	73
Figura 6 — Desenho esquemático do interior da Boate <i>Kiss</i> , Santa Maria (RS).....	74
Figura 7 — Desenho esquemático da entrada da Boate <i>Kiss</i> , Santa Maria (RS)	76
Figura 8 — Casos semelhantes em casas noturnas encontrados na literatura e número de afetados fatais	80

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Registro histórico de desastres, a partir da década de 1990 até 2023, no Brasil, por número de afetados fatais	39
Gráfico 2 — Registro histórico de desastres, a partir da década de 1990 até 2024, no Brasil, por grupo de desastres.....	40
Gráfico 3 — Distribuição dos artigos selecionados, por ano	57
Gráfico 4 — Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade Santa Maria (RS), 2010	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Termos e noções relacionados aos desastres	31
Quadro 2 — Definição e diretrizes para a prevenção, preparação, mitigação, resposta e recuperação de desastres.....	35
Quadro 3 — Estratégia de busca na base de dados MEDLINE via PubMed. São José do Rio Preto, São Paulo, 2023	52
Quadro 4 — Buscadores e idiomas selecionados.....	53
Quadro 5 — Instrumento de Extração de Dados.....	54
Quadro 6 — Distribuição de artigos disponíveis e inclusos para a RE, separados por periódico (N = 29)	57

SUMÁRIO

FOLHA DE APROVAÇÃO	5
AGRADECIMENTOS	7
MEMORIAL.....	11
RESUMO.....	14
ABSTRACT	22
LISTA DE FIGURAS	23
LISTA DE GRÁFICOS.....	24
LISTA DE QUADROS	25
SUMÁRIO.....	26
APRESENTAÇÃO	22
1 INTRODUÇÃO	28
1.1 Emergências e desastres: fenômeno novo ou de novo?	28
1.2 Entre contradições e dubiedades: o mosaico conceitual das emergências e desastres	28
1.3 Um foco na gestão do risco de emergências e desastres ou na gestão propriamente: uma consciência necessária e urgente.....	33
1.4 Marcos internacionais e nacionais no campo das emergências e desastres: para além das palavras ou apenas palavras?.....	36
1.4.1 Embora com certo atraso, o Brasil reage.....	37
1.5 O cenário brasileiro dos desastres.....	39
1.6 Os incêndios urbanos, no Brasil: um breve registro histórico	40
1.6.1 Gran Circus – 1961 – 503 mortes – Niterói/RJ	41
1.6.2 Edifício Andraus – 1972 – 16 mortes – São Paulo/SP	42
1.6.3 Edifício Joelma – 1974 – 187 mortes – São Paulo/SP	42
1.6.4 Instituto Butantan – 2010 – Sem afetados fatais – São Paulo/SP	42
1.6.5 Boate Kiss – 2013 – 242 mortes – Santa Maria/RS	42
1.6.6 Museu Nacional – 2018 – Sem afetados fatais – Rio de Janeiro/RJ	43
1.6.7 Hospital Badim – 2019 – 22 mortes – Rio de Janeiro/RJ	43
1.6.8 Pousada Garoa – 2024 – 11 mortes – Porto Alegre/RS.....	43
1.7 Elementos-chave do estudo.....	44
1.7.1 Pergunta de pesquisa	44
1.7.2 Objetivos	44

2	TERAPIA OCUPACIONAL NO CAMPO DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES.....	46
2.1	Identidade, valores e visão: a pedra angular de terapeutas ocupacionais nas emergências e desastres.....	46
2.2	Marcos internacionais e nacionais: mero convite ou imediata convocação à ação de terapeutas ocupacionais?	47
3	AÇÃO DE TERAPEUTAS OCUPACIONAIS EM EMERGÊNCIAS E DESASTRES: UM PANORAMA DA LITERATURA	50
3.1	Pergunta de Pesquisa	50
3.2	Critérios de Inclusão	50
3.3	Participantes	51
3.4	Conceito	51
3.5	Contexto	51
3.6	Tipo de Pesquisa	51
3.7	Estratégia de Busca	52
3.8	Estudo/Seleção da Fonte de Evidência	53
3.9	Extração dos Dados	54
3.10	Análise e Apresentação dos Dados	55
3.11	Resultados	55
3.11.1	Demandas de intervenções de terapeutas ocupacionais	59
3.11.2	<i>Educação de pessoas, grupos, comunidades e de terapeutas ocupacionais</i> <i>Erro! Indicador não definido.</i>	
3.11.3	<i>Intervenção</i>	<i>63</i>
3.12	Discussão	64
3.13	Limitações do estudo	67
3.14	Conclusões	69
4	CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	70
4.1	Estudo de caso único: contribuições para o campo das emergências e desastres	70
4.1.1	O caso da Boate Kiss.....	71
4.1.2	A Boate Kiss.....	73
4.1.3	A noite que não termina: 27 de janeiro de 2013	74
4.1.4	A longa trajetória do caso Kiss: entre a dor e a (in)justiça.....	76

4.1.5	Casos semelhantes em casas noturnas encontrados na literatura: a história se repete.....	80
4.2	Desenho do Estudo	81
4.2.1	<i>Primeira fase: revisão de literatura</i>	<i>81</i>
4.2.2	<i>Segunda fase: análise documental e observação preliminar de campo.....</i>	<i>81</i>
4.2.3	<i>Terceira fase: Ouvir terapeutas ocupacionais</i>	<i>82</i>
4.2.4	<i>Quarta fase: análise temática</i>	<i>82</i>
4.3	Aspectos éticos e legais	83
5	A EXPERIÊNCIA DE DOZE TERAPEUTAS OCUPACIONAIS: DAS PRIMEIRAS HORAS DO DESASTRE ATÉ OS DIAS ATUAIS.....	86
5.1	Muitas vozes, pouco eco: síntese das entrevistas	86
5.1.1	A história de Aline: “A única palavra que fica, assim muito forte pra mim, é tristeza. Um sentimento de tristeza muito grande”.....	86
5.1.2	A história de Amara: “a-fé-T.O”	88
5.1.3	A história de Ana Ferrer: “Era um silêncio mortal, ninguém falava disso”	91
5.1.4	A história de Cláudia: “A nossa preocupação, na época, foi fazer esse planejamento, uma forma que a gente conseguisse seguir acolhendo essas pessoas, né?”	94
5.1.5	A história de Dani Laura: “Então, acho que tem um olhar sobre os fazeres (...) que na hora a gente não pensava assim, estamos fazendo porque somos terapeutas ocupacionais. Não era por isso, mas era por isso”	95
5.1.6	A história de Dani Tônus: “Enquanto a gente plantava, alguém chorava, outros cantavam, e outros conversavam sobre o que estavam sentindo”	98
5.1.7	A história de Juliana Borges: “Eu acho que isso vira rotina e eu trago isso da Kiss e dos pacientes, né? Porque aprendi com eles também, a estar e entender que preciso estar segura nos locais”	100
5.1.8	A história de Kássia: “Não foi uma coisa que tu consegue te despedir e te preparar e talvez pensar em como lidar com aquilo. Foram coisas que são tiradas assim, sabe? São apagadas da tua vida. E aí? E aí?”	102
5.1.9	A história de Kayla: “Não é terremoto, não é furacão, não é maremoto. Não é nada disso. É uma cidade universitária, onde morreram jovens”	104
5.1.10	A história de Miriam: “Ela marca a vida de todo mundo que esteve em contato com isso, né? Não tem como você sair assim, ileso, né?”	107

5.1.11	A história de Silvani: “Eu acho que aí vem uma questão importante da terapia ocupacional, a ser pensada como fonte de orientação, de prevenção, de cuidados, né?”	109
5.1.12	A história de Tatiana: “Eu não tenho como ‘desver’ a Kiss”	111
5.2	Entre omissões e resistências: singularidades que compõem vozes plurais.....	114
5.2.1	Transformações na identidade profissional das terapeutas ocupacionais: novas formas de ser, viver e ensinar	115
5.2.2	Silêncios e escutas: o lugar da terapia ocupacional na produção de memória e reparação	119
5.2.3	Confronto com a Inoperância das Estruturas de Proteção Social.....	122
5.2.4	Atuação profissional em emergências e desastres	125
5.2.5	Sistemas de Comunicação de Massa, Reconhecimento e Disputa de Narrativas.....	137
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
	REFERÊNCIAS	144
	APÊNDICES	158
	ANEXO	166

Oh, pedaço de mim
Oh, metade afastada de mim
Leva o seu olhar
Que a saudade é o pior tormento
É pior do que o esquecimento
É pior do que se entrevar

Oh, pedaço de mim
Oh, metade exilada de mim
Leva os seus sinais
Que a saudade dói como um barco
Que aos poucos descreve um arco
E evita atracar no cais

Oh, pedaço de mim
Oh, metade arrancada de mim
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu

Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que é saudade dói latejada
É assim como uma fígada
No membro que já perdi

Oh, pedaço de mim
Oh, metade adorada de mim
Lava os meus olhos
Que é saudade é o pior castigo

Pedaço de mim, Chico Buarque (1978).

APRESENTAÇÃO

Te amo com a memória, imperecível.
Adélia Prado

A cidade de Santa Maria, localizada no centro geográfico do estado do Rio Grande do Sul (RS), conhecida como o coração do Rio Grande, teve o pulsar da alegria entusiasmada de seus jovens *à saudade que é o revés de um parto*.

Agromerados, uma festa organizada por inúmeros alunos das ciências rurais com apoio dos alunos de terapia ocupacional. Graduandos da Terapia Ocupacional, do curso da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), preparavam-se também para uma comemoração que aconteceria na manhã de domingo, na casa de uma docente. Essa comemoração se devia a formatura da turma que ocorreria em poucos dias. Alguns alunos escolheram festejar mais cedo, reunindo-se na Boate *Kiss*².

A *Kiss* levou os nossos alunos mais alegres... não é qualquer pessoa que entraria num lugar com tanta gente e barulho como estava, tendo que acordar cedo no dia seguinte [...] Amara

O incêndio não controlado levou a morte de 242 jovens e deixou mais de 600 sobreviventes. Alunos do curso de Terapia Ocupacional da UFSM e da Universidade Franciscana (UFN) foram afetados, especificamente, 04 alunos da UFSM perderam as suas vidas e outras três ficaram hospitalizadas (uma delas passou por 24 dias em coma, devido às lesões graves e toxicidade inalada). Apresentei aqui números, embora precisos, não traduzem a dor, os efeitos subjetivos e a ruptura nas trajetórias de vida dessas pessoas e de suas comunidades.

Na fragilidade dos segundos, as docentes do curso de Terapia Ocupacional da UFSM que vivenciavam um clima festivo no preparo da comemoração de formatura, viram-se, abruptamente, tomadas por angústia e drama, perante o desafio de entender e responder ao inesperado.

² Refere-se à casa noturna, localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Santa Maria, onde ocorreu o segundo maior incêndio urbano do Brasil. O termo será utilizado com iniciais maiúsculas, para seguir as informações contidas no Inquérito Policial, sob o nº. 94/2013/150501, da 1ª Delegacia de Polícia de Santa Maria-RS.

O desastre resultou em um processo criminal de grande complexidade e repercussão, inicialmente conduzido pela Polícia Civil e, em seguida, pelo Ministério Público (MP), culminando na apresentação de denúncia contra apenas quatro réus, entre os muitos inicialmente investigados, pelos crimes de homicídio simples, sendo julgados pelo Tribunal do Júri em 2021. Nesse ínterim, pais foram processados pelo próprio MP, sob a alegação de desacato ou coação no curso do processo, em razão de manifestações públicas de indignação com as manobras jurídicas que tentavam anular o júri popular e reverter as condenações. A decisão de 2021 que havia condenado os réus pelo incêndio foi anulada. Em 2024, o Supremo Tribunal Federal (STF) restabeleceu essa decisão, determinando a execução imediata das penas, o que levou à prisão de quatro dos acusados. Ainda assim, o processo judicial não foi encerrado: ele retornou ao Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS) para que outros pontos pendentes sejam analisados.

Esta tese representa, para mim, um ato de vida, resistência, defesa e respeito aos afetados³, aos 242 jovens que perderam suas vidas. Refere-se também aos que sobreviveram, seus familiares, amigos e todos aqueles que, de algum modo, foram atravessados por esse desastre, bem como as terapeutas ocupacionais que responderam, considerando as regionalidades e pluralidades da profissão. Com o intuito de honrar as experiências narradas e a vida de afetados, reconhecendo a complexidade desse sofrimento diante do segundo maior incêndio urbano do Brasil (Arbex, 2018), ocorrido na Boate *Kiss*, procuro dar visibilidade às camadas humanas desse desastre: às marcas deixadas nos corpos, nas rotinas e nas subjetividades daqueles que o vivem e resistem.

A junção de um domingo com um 27, nunca passa despercebido! Não para todo mundo. O todo é muita coisa. Eu só sei que tem parte que precisa de cuidado, de escuta, de espaço [...]

Bruna Ozório, afetada diretamente, ativista do coletivo *Kiss* que não se repita.

Trata-se também de dar lugar às vozes ouvidas, em sua potência política, afirmando a necessidade desta tese ser ainda uma declaração pública dos gargalos de um modelo de gestão centrado nos riscos e reativo às emergências e desastres, em nosso país,

³ Refere-se às pessoas, comunidades, sociedades ou sistemas que vivenciaram, direta ou indiretamente, os efeitos de catástrofes, emergências e ou desastres (adaptado de UNDRR, s/a), contrapõe-se à vítima, e portanto, àquele que é vulnerável e precisa de proteção, ou seja, afetados não são considerados ontologicamente vulneráveis. Nesse sentido, abre-se espaço para reconhecer que afetados podem também criar, reivindicar, elaborar e transformar, sendo, portanto, protagonistas e não apenas alvo de cuidado.

que negligencia tanto a exploração predatória dos ecossistemas quanto a produção e reprodução de vulnerabilidades.

Espero que este trabalho contribua como um dispositivo para a compreensão ampla e crítica de nossos recursos, históricos, atuais e até mesmo hipotéticos (Smith-Oliver, 2015; 2021), servindo como orientador de práticas comprometidas com a superação dos riscos, tanto como campo do saber quanto como profissão. Almeja-se, ainda, que ele contribua para a formação de terapeutas ocupacionais, preparando-os⁴ para atuar de forma ética, crítica e contextualizada em emergências e desastres. Desejo que, em um movimento coletivo, esse estudo possa encontrar colegas e, ao circular, sirva como leitura sensível, espaço de acolhimento e convite à partilha. E que, sobretudo, ele possa operar como estratégia de luta: não apenas para denunciar, mas para afirmar caminhos possíveis de resistência, cuidado e transformação.

Encontros, deslocamentos e compromissos: construindo a tese

Início com uma breve analogia e, para isso, peço licença à autora Clarice Lispector. Em seu conto *Amor*⁵, ela nos apresenta Ana, uma mulher que se dedicava a manter a ordem das coisas, conduzindo sua rotina com precisão e previsibilidade. Em uma de suas caminhadas cotidianas, ao sair para fazer compras, Ana se depara com um homem cego mascando chiclete em um ponto da cidade. Essa imagem inesperada, aparentemente banal, acende nela algo incômodo e profundo, uma chama que mistura, ao meu ver, encanto e tormento. Confrontada com o estranhamento, com o que escapa ao controle, Ana não sabe o que fazer com aquilo que se move dentro dela.

De maneira semelhante, fui tomada por um súbito encantamento e, ao mesmo tempo, pela consciência da minha própria ignorância ao testemunhar uma notícia sobre desastre há alguns anos. Compreendi, naquele instante, que havia sido profundamente deslocada de tudo que até então me era familiar, ora vivenciando esse movimento como um drama, enraizado na ordem que me parecia segura; ora cedendo ao desejo de saber, abrindo-me ao encontro com epistemologias e teorias oriundas de contextos até então desconhecidos, e buscando formas de articulá-las à terapia ocupacional. Ao contrário de

⁴ Para facilitar a leitura, utilizarei o masculino majestático como forma genérica, sem intenção de excluir qualquer identidade de gênero.

⁵ Conto, Amor, de Clarice Lispector extraído da obra *Laços de Família*, publicado em 1960.

Ana, não apaguei a chama do espanto⁶. Escolhi segui-la. E, na tentativa de dar forma a esse deslocamento, retorno ao *arkhé*, ao princípio que orientou minha busca pelo conhecimento, conduzida pelo fio tênue, porém potente, daquilo que me constitui em essência.

É a partir dessa abertura ao desconhecido que compreendo também minha própria trajetória. Eu me identifico como uma mulher branca, de 38 anos. Ao longo da minha história pessoal e profissional, os deslocamentos geográficos por diferentes estados brasileiros que percorri também representaram deslocamentos existenciais, políticos e epistêmicos. Minha família foi o alicerce que tornou possível esse caminho, apoiando cada etapa, da graduação ao doutorado. Meu noivo e amigos têm sido sustentação afetiva cotidiana, amparando os atravessamentos intensos que o processo formativo e tema impuseram.

O desejo que motivou esta pesquisa não teve início com o doutorado. Ele nasceu em um tempo social, e não cronológico, marcado pelo afetamento de uma notícia, em 2012, com a transmissão de um desastre pelos sistemas de comunicação de massa. A partir dali, envolvi-me voluntariamente com diferentes frentes ligadas a emergências e desastres, realizando formações e buscando compreender, a partir do lugar da terapia ocupacional, qual seria a nossa contribuição possível diante da dor e disrupção ocupacional e social. No ano seguinte, o incêndio da Boate *Kiss*, em 2013, atravessou-me profundamente. Na ocasião, eu residia no Paraná, e entrei em contato com a Força Nacional do Sistema Único de Saúde (FN SUS), oferecendo-me como voluntária. A negativa institucional não silenciou meu desejo; ao contrário, reafirmou a urgência da presença formal da terapia ocupacional nesse campo, porque sabíamos, e seguimos sabendo, que podemos contribuir.

Minha atuação profissional se consolidou no contexto hospitalar, especialmente na interface com a saúde mental. Durante meu aperfeiçoamento profissional no interior do estado de São Paulo, percebi uma afinidade crescente com o campo da pesquisa. Em vez de cumprir o requisito de um projeto para a conclusão da formação, realizei cinco projetos de pesquisa e um de extensão, o que confirmou meu desejo de estreitar o diálogo entre teoria e prática e me levou ao mestrado com estudo na área das emergências e desastres. Ao aprofundar nesse campo, já no doutorado, fui atravessada não apenas por experiências, mas também por inquietações epistemológicas e um compromisso ético-

⁶ Espanto, palavra com origem da filosofia aristotélica, quer dizer admirada.

político com a vida e o tecido social. Reconhecendo que esse mergulho exigiria mais do que tempo, exigiria presença, entrega e cuidado, tomei a decisão de pedir demissão do hospital em que atuava para me dedicar integralmente à pesquisa.

Esta tese, portanto, é fruto de um processo intenso de deslocamento e desconstrução de ideias, valores e crenças que eu tinha sobre mim mesma, sobre a terapia ocupacional e sobre a própria vida. Esse movimento foi fundamental para abrir espaço a novas perspectivas e modos de existir e compreender as complexidades desse campo. Longe de ser uma construção solitária, esta investigação foi tecida a partir de encontros, partilhas e do entrelaçamento de experiências que compõem um coletivo pulsante e insurgente, força viva que me orienta nessa travessia.

No campo das emergências e desastres, onde vidas são interrompidas e territórios devastados, esta investigação se ancora na resistência e se afirma como um ato político. Concebida ainda sob a influência de pressupostos teóricos que analisam os desastres no âmbito de sua natureza social (Quarantelli, 2015) apesar da escassez de pensadores latino-americanos que influenciem teoria e práxis na ciência ocupacional. Assumimos então o desafio de articular tais teorias, assim como Margarita Mondaca, terapeuta ocupacional chilena, ao propor uma ciência ocupacional que não seja alienada e nem alienadora às questões sociais, mas responsiva às pessoas e grupos, bem como uma oportunidade de descolonização (Mondaca, 2021). Essa perspectiva também contribui para um olhar que não reduz os desastres à disfunção, mas os compreende como parte da dinâmica evolutiva dos sistemas sociais, espaços que, mesmo na dor, podem revelar reorganizações, fortalecimento de vínculos, gestos de cuidado e potências inesperadas.

Assim, mais do que um exercício acadêmico, esta tese é guiada por um compromisso com a justiça, o cuidado e a coletividade. É uma escolha ética e sensível diante do mundo, uma convocação a imaginar e construir futuros em que a vida, mesmo diante do colapso, não apenas resista, mas floresça.

Por fim, entendo que a produção de conhecimento, especialmente em contextos marcados pela dor, não deve se encerrar nos limites dessa tese. Por isso, retornarei à comunidade de Santa Maria para compartilhar os achados da pesquisa e promover diálogos sobre caminhos possíveis a partir das experiências vividas. Mais do que um gesto ético, essa devolutiva representa um compromisso com a escuta sensível e com o reconhecimento das vozes que sustentam este trabalho. Ao promover esse encontro, buscarei resgatar o papel social da pesquisa, ampliando suas fronteiras para que ela possa

contribuir com a reflexão, a mobilização comunitária e a construção coletiva de estratégias de cuidado, justiça e transformação.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Emergências e desastres: fenômeno novo ou de novo?

Eventos que podem levar a emergências e desastres, como as alterações climáticas, a perda da biodiversidade, a desflorestação, doenças emergentes e reemergentes, ou até mesmo os próprios desastres que envolveram as secas, os incêndios, as inundações, recentemente assolaram a Alemanha, África Oriental, Brasil, Estados Unidos, China, Emirados Árabes Unidos, entre tantos outros países (Severe, 2024), provocaram a realocação de pessoas, comunidades e animais de seus territórios (Albery *et al.*, 2021; Zhang, 2021). Acontecimentos assim revelam que historicamente o tripé ciência, política e sociedade é quase sempre problemático (Porto, 2003). Mesmo com o aumento da frequência, intensidade e abrangência geográfica desses eventos (Tin *et al.*, 2024; UNDRR, 2024), normalmente eles estão imbricados em dilemas éticos, hesitações, interesses econômicos, preconceitos, negacionismos, o que revela dificuldades das sociedades e Estado nesse campo.

1.2 Entre contradições e dubiedades: o mosaico conceitual das emergências e desastres

Inúmeros são os conceitos, termos e ou noções que surgiram nos últimos anos nesse campo de conhecimento (Quarantelli, 1998). Contudo, equívocos têm ocorrido, ao serem utilizados enquanto sinônimos, embora sejam fenômenos que são, na verdade, múltiplos e distintos. Clareza conceitual não apenas aprimoraria a nossa compreensão teórica dos fenômenos de desastres, mas também proporcionaria conhecimentos valiosos para o planejamento e a gestão eficientes (Quarantelli, 2015). Na tentativa de esclarecer possíveis equívocos, apresentamos alguns dos principais paradigmas e um breve panorama conceitual do que são desastres, catástrofes, emergências, emergências sanitárias e emergências climáticas, destacando quais as suas intersecções e refletindo sobre como esses elementos interagem e se aplicam à realidade brasileira.

Gilbert (1998) identifica as abordagens conceituais dos desastres em três principais momentos históricos e epistemológicos que compõem esse campo de conhecimento. A primeira, sob influência norte-americana, vê o desastre como uma

duplicação da guerra, centrada em respostas a ameaças externas. A segunda, influenciada por Quarantelli (1970), enxerga-o como expressão de vulnerabilidades sociais, resultante de fatores internos. A terceira, considera o desastre como incerteza, gerada pela falha social e não por um fator externo, ou seja, oriundo da ausência em perceber e comunicar riscos (Gilbert, 1998).

O primeiro estudo científico social de um desastre envolveu a explosão de um navio de munições no porto de Halifax em 1917 (Prince, 1920). Desde então, autores como Quarantelli (1998), Cutter (2001), Perry e Quarantelli (2005) e Oliver-Smith (2010), contribuíram para a consolidação do campo. Para Quarantelli (2005), **os desastres são acontecimentos sociais** que sugerem que a inter-relação e interação das sociedades podem levar eventos de origem natural ao acarretamento de desastres com graves consequências (OPAS, 2014). Carr (1932) já indicava que, enquanto uma cidade (ou comunidade) resistir, o desastre não ocorre. Assim, desastres naturais, de fato, não existem (Chmutina; Meding, 2019), como se pudessem ocorrer fora das ações, omissões e até decisões dos seres humanos e suas sociedades (Quarantelli, 2005).

No Brasil, as chuvas intensas, com movimentos de massa, deslizamentos de terra, inundações e enxurradas (Brasil, 2012; Emater/RS, 2024), tiveram consequências sociais em razão das atividades desenvolvidas pelas comunidades antes, durante e após o desastre (Quarantelli, 2015). Esses eventos refletem dimensões prejudiciais de processos sociais contínuos e históricos (Albala, 1993), no país.

Fatores sociais imbricados na alta densidade populacional em planícies de inundação; retorno de afetados aos mesmos locais; estruturas frágeis em rodovias e falta de manutenção; desflorestamento, inclusive em áreas de preservação (Dudley et al., 2015); remoção de vegetação de banhados, que reteriam a água da chuva (Singh, Nair e Gupta, 2013); e aumento de temperatura devido à emissão de gases poluentes (Althor, Watson e Fuller, 2016), agravam os seus efeitos (Quarantelli, 2015).

Em resumo, os desastres do passado, como as cheias em 1941 que também afetaram o estado do RS (Torres, 2012), como do presente (Emater, 2024) e, infelizmente, do futuro, se originam a partir de fatores sociais (Quarantelli, 1999) e perpetuam vulnerabilidades já existentes.

*Coisa esquisita a gadaria toda
Penando a dor do mango com o focinho n'água
(Machado, 1995)*

Cabe também considerar o chamado racismo ambiental, que tem sido examinado na literatura (Bullard, 1993; Herculano, 2008), assim como o detrimento da segurança ambiental e sustentabilidade, decorrentes do desenvolvimento urbano que privilegia o ganho econômico (Colton, 2006).

O *Emergency Events Database* (EM-DAT), banco internacional de desastres, documenta dados globais, segregados por países, de perdas humanas e econômicas, utilizado pela Organização das Nações Unidas, serviu como base, entre nós, para a criação da Classificação e Codificação Brasileira de Desastres (COBRADE), que define os desastres como situações ou eventos imprevistos e frequentemente repentinos, que excedem a resposta local. O órgão ainda classifica as perdas por desastres, de acordo com pelo menos um dos seguintes critérios: mais de 10 mortes, mais de 100 pessoas afetadas, uma declaração de estado de emergência ou um apelo por assistência internacional (EM-DAT, s/a).

Para certos grupos especializados (TFQCDM/WADEM, 2002), bem como para a Estratégia Internacional das Nações Unidas para a Redução de Desastres (UNISDR), atualmente denominado Escritório das Nações Unidas para Redução do Risco de Desastres (UNDRR), o conceito de desastre, em certo ponto, assemelha-se ao emitido pelo EM-DAT, mas os amplia ao empregar outros termos e noções, como sumarizamos no Quadro 01. Em resumo, o conceito de desastre está relacionado a eventos mediadores entre vulnerabilidades, exposição e resiliência, vinculadas a algum tipo de ameaça (TFQCDM/WADEM, 2002) com resposta insuficiente, e portanto, que excedem a capacidade de reação e superação de uma comunidade ou sociedade afetada (UNISDR, 2017, UNDRR, s/a). Cabe ainda lembrar que inúmeros debates acerca da incorporação dos termos vulnerabilidade e resiliência, relacionados ao campo, têm sido apresentados (Quarantelli, 2015; Oliver-Smith, 2021).

No Brasil, o conceito de desastre integra a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (Brasil, 1995, 2012, 2020, 2023) e se refere a eventos adversos, termo empregado internacionalmente (EM-DAT, s/a; UNDRR, 2017). Atualmente (Brasil, 2023) classificado como de origem natural ou induzidos pela ação humana. Contudo, a COBRADE, que descreve tal codificação e classificação de desastres, no país, **manteve desastre natural em vez de origem natural e desastre tecnológico para os induzidos pela ação humana** (Brasil, 2012). A noção de desastre natural demanda um entendimento importante (Quarantelli, 2005). Embora associado a causas geológicas, hidrológicas ou

climatológicas, o desastre envolve ações ou omissões humanas. Nem toda chuva forte, por exemplo, gera um desastre, o que reforça a necessidade de reconhecer causas socioeconômicas e contextuais frequentemente negligenciadas.

Quadro 1 — Termos e noções relacionados aos desastres

Ameaça	As ameaças abrangem tudo aquilo que tem potencial de causar danos à vida humana, animal e ambiental (WHO, 2017). A exemplo disso, uma chuva <i>a priori</i> não é uma ameaça, pois ela é benéfica e necessária, no entanto, as chuvas intensas não mediadas pelo contexto geopolítico, ou seja, sem ações de prevenção, preparação e mitigação se tornam ameaças para a ocorrência de um desastre.
Evento	Evento é uma ocorrência que pode influenciar negativamente os humanos, animais e ou ambientes, no entanto, atinge escala e magnitude menores do que em um desastre (UNDRR, s/a). Por exemplo, um terremoto pode ser um evento, mas não necessariamente um desastre ou catástrofe.
Resiliência	É a capacidade de sistemas, comunidades ou sociedades expostas às ameaças e eventos, com as suas diferentes formas de enfrentamento, resistirem aos seus efeitos de modo a preservar e restaurar suas estruturas e funções básicas essenciais (UN/ISDR, 2004; UNDRR, s/a).
Risco	O risco de desastre pode ocorrer em um sistema, comunidade ou sociedade e compreende diferentes tipos de perdas potenciais que são frequentemente difíceis de quantificar (UNDRR, s/a). Sua ocorrência se dá em um período específico, resultado da interação entre ameaças e vulnerabilidades (TFQCDM/WADEM, 2002).
Vulnerabilidade	São condições determinadas por fatores físicos, sociais, econômicos e ambientais ou processos que aumentam a suscetibilidade de uma comunidade ou sistema às ameaças (UNDRR, s/a). Para TFQCDM/WADEM, 2002, ser vulnerável ou não implica no quanto um indivíduo ou comunidade é incapaz de antecipar, lidar, resistir e recuperar-se de um desastre.

Fonte: Elaboração própria.

A distinção entre desastre e catástrofe é raramente abordada com o devido rigor. Para Quarantelli (2006), essa diferenciação é qualitativa e não apenas de escala. Enquanto o desastre afeta sistemas organizacionais e pode ser absorvido por estruturas existentes, a catástrofe rompe essas estruturas em múltiplos níveis — comunitário, institucional e territorial. A catástrofe, portanto, implica uma interrupção massiva e generalizada do cotidiano.

A **emergência**, por sua vez, é definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como: “uma situação que afeta as vidas e o bem-estar de um grande número de pessoas [...] e que requer substancial assistência multissetorial” (WHO, 2017, p. 8). Trata-se de

um processo delimitado no tempo e espaço, declarado e encerrado por autoridade competente (Miranda, 2022). No Brasil, o Decreto nº 7.616/11 detalha situações epidemiológicas, de desastres ou desassistência que justificam essa declaração⁷.

Em 2024, no mês de outubro, conforme pesquisa no Sistema Integrado de Informações sobre Desastres (S2ID), no Brasil, verificaram-se 1.500 reconhecimentos vigentes (Figura 01), dentre situações de emergência (SE) e estados de calamidade pública (ECP)⁸, no território nacional, com maior ocorrência no estado do Rio Grande do Sul (RS), responsável por 430 desses reconhecimentos. As SE ou ECP são decretadas pelo Estado, Distrito Federal ou Município afetado com a finalidade de solicitar auxílio federal nas ações de resposta e reconstrução (Defesa Civil e Defesa Nacional, 2023).

Figura 1 — Reconhecimentos vigentes das Situações de Emergência e Estado de Calamidade Pública, no Brasil



Fonte: S2ID, mês de outubro de 2024.

As **emergências sanitárias ou emergências de saúde pública**, conforme o Regulamento Sanitário Internacional (WHO, 2005), são determinadas pelo:

⁷ **Situação que levam a declaração de emergência, no país. Situação epidemiológica:** os surtos ou epidemias que: I – apresentem risco de disseminação nacional; II - sejam produzidos por agentes infecciosos inesperados; III - representem a reintrodução de doença erradicada; IV - apresentem gravidade elevada; ou V - extrapolem a capacidade de resposta da direção estadual do Sistema Único de Saúde (SUS); **situações de desastres:** os eventos que configurem situação de emergência ou estado de calamidade pública reconhecidos pelo Poder Executivo federal nos termos da Lei nº 12.340, de 1º de dezembro de 2010, e que impliquem atuação direta na área de saúde pública; e **situações de desassistência:** o evento que, devidamente reconhecido mediante a decretação de situação de emergência ou calamidade pública pelo ente federado afetado, coloque em risco a saúde dos cidadãos por incapacidade ou insuficiência de atendimento à demanda e que extrapolem a capacidade de resposta das direções estadual e municipal do SUS (Brasil, 2011, p. 1; grifo nosso).

⁸ **Situação de emergência:** “situação anormal, provocada por desastres, causando danos e prejuízos que impliquem o comprometimento **parcial** da capacidade de resposta do poder público do ente atingido” (p.2, grifo nosso); e **estado de calamidade pública:** “é uma situação anormal, provocada por desastres, causando danos e prejuízos que impliquem o comprometimento **substancial** da capacidade de resposta do poder público do ente atingido” (Decreto nº 10.593, 2020, p.2, grifo nosso).

(i) risco para a saúde pública para outros Estados, devido à propagação internacional de doença e (ii) potencialmente exigindo uma resposta internacional coordenada (p. 14-15)

Assim, envolvem surtos graves, geralmente zoonóticos (Kilpatrick; Randolph, 2012), sempre definidas por ocorrerem em tempo e espaço determinados (Miranda, 2022) e também exigem declaração (WHO, 2005).

Por fim, as **emergências climáticas** refletem o fracasso das ações globais (UNFCCC, 2015; IPCC, 2023) frente aos efeitos dos gases de efeito estufa, aumento do nível do mar e calor extremo (UNDRR, 2024; Copernicus, 2024), o que levou à mudança de termo: de mudança climática para emergência climática (IPCC, 2023), embora ainda permaneça sem consenso global, as quais também devem ser declaradas.

O Escritório das Nações Unidas para Redução do Risco de Desastres reconhece o uso intercambiável dos termos emergência e desastre (UNDRR, 2017). Concordamos que desastres podem gerar emergências, inclusive sanitárias ou de saúde pública, desde que declaradas (WHO, 2005). Contudo, como alertam Quarantelli (2005) e Smith-Oliver (2021), é fundamental não perder de vista que riscos e desastres são construções sociais. Considerando que o risco nunca será eliminado por completo, devemos evitar atribuí-lo exclusivamente às mudanças climáticas ou pandemias, por exemplo (Smith-Oliver, 2021).

1.3 Um foco na gestão do risco de emergências e desastres ou na gestão propriamente: uma consciência necessária e urgente

O pensador e educador Paulo Freire define os tipos de consciência da seguinte maneira: “A consciência *crítica* é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstanciais. A consciência *ingênua* (pelo contrário) se crê superior aos fatos, dominando-os de fora, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agrada” (Freire, 1982, p. 138, grifos nossos). Esse ensinamento nos ajuda a compreender que o foco na gestão de risco de emergências e desastres, ou seja, ter como cerne do planejamento a visão de que riscos levam aos desastres, pode ser uma avaliação ingênua (Quarantelli, 2015):

Para dizer a verdade, o perigo pode às vezes existir. No entanto, o perigo, na medida em que ele existe (dificilmente o encontramos em situações de fome, nevascas, desastres tecnológicos, explosões de ônibus espacial, ataques terroristas, como o de 11/09) representa um fator, e não necessariamente o mais importante (p. 40).

A exemplo, podemos citar os terremotos ocorridos no ano de 2010, na América Latina, especificamente no Chile e Haiti. O terremoto no Chile atingiu uma magnitude de 8.8 na escala Richter, com duração de 3 minutos e resultou em 577 mortes (PAHO, 2010). Por sua vez, o terremoto no Haiti teve magnitude de 7.0 na escala Richter, com duração de 35 segundos, epicentro localizado na extremidade leste da península, região populosa (Les Cayes e Jérémie) e provocou a morte de 300 mil pessoas (Calais *et al.*, 2022; PAHO, 2011). Os terremotos promoveram efeitos completamente diferentes nos dois territórios, mesmo diante da semelhança na magnitude, ou seja, embora o perigo estivesse presente, ele não foi um dos fatores mais relevantes nos desastres ocorridos (Quarantelli, 2015; Miranda, 2022).

Esse foco nos levaria a negligenciar a natureza contextual dos desastres. Com isso, uma leitura crítica da realidade é essencial. No Brasil, contudo, recentemente vimos a Gestão de Riscos de Desastres (GRD) atrelada à PNPDC (Brasil, 2012). Isso está ocorrendo no projeto de Lei (PL, 5.002 330 de 2023), ainda em tramitação, que visa instaurar uma Política Nacional de Gestão Integral de Risco de Desastres (PNGIRD) (CAE, 2024). Definida como um processo social que objetiva prevenir, reduzir e controlar de modo permanente os fatores de risco de desastres, esse PL alinha-se aos marcos internacionais, nacionais e diretrizes políticas. Cabe indagar se, em parte, o foco está se descolando de uma preocupação com as características físicas do risco para os fatores sociais. É preciso estarmos atentos ao processo.

A GRD, no país, está orientada pelos seguintes processos: evitar e prevenir novos riscos de desastres (gestão prospectiva), reduzir ou eliminar os riscos de desastres existentes (gestão corretiva), gerir riscos residuais que não podem ser efetivamente reduzidos (gestão compensatória), enfrentamento e resposta aos desastres quer sejam frente às ameaças iminentes ou após a ocorrência do risco (gestão de risco reativa) (PL 342 5002, 23; UN, 2016; UNDDR, 2009). Outro termo atrelado é a redução do risco de desastres (RRD), no país, que se caracteriza pela elaboração de metas e objetivos definidos em estratégias e planos para prevenir novos riscos de desastres, reduzir aqueles existentes e gerenciar os riscos residuais, ou seja, complementa os objetivos da GRD, consistindo em: prevenção, preparação, mitigação, resposta e recuperação (Quadro 02).

No Brasil, essas cinco ações são incluídas entre as atividades de proteção e defesa civil (PL, 5002/23).

Quadro 2 — Definição e diretrizes para a prevenção, preparação, mitigação, resposta e recuperação de desastres

Prevenção	Refere-se às atividades e medidas aplicadas com antecedência para evitar que as situações de risco se convertam em desastres e ou para evitar o estabelecimento de novos riscos (PL, 5002/23; UNDRR, s/a). A exemplo disso, tem-se a oferta de capacitação e orientação em todos os níveis, de modo inclusivo e acessível, que, portanto, requer participação e engajamento de toda a sociedade para o estabelecimento de uma cultura de prevenção de desastres e cidadania responsável (NU Brasil, 2024). Outras formas estão relacionadas às obras de contenção, o mapeamento de áreas de risco e provimento da transposição de pessoas e animais dessas áreas.
Preparação	Faz menção ao conjunto de atividades elaboradas previamente para possibilitar a execução das ações de prevenção, de mitigação, de resposta e de recuperação que sejam diligentes, eficazes e apropriadas (PL, 5002/23; UNDRR, s/a). Envolve, por exemplo, atividades de planejamento de contingências (logística a ser empregada, os setores que irão se integrar, atribuições de cada ator, reflexões e estratégias acerca de quando, onde e como executar as ações); desenvolvimento de rotinas para a comunicação de riscos, capacitações e treinamentos, e exercícios simulados de campo. Portanto, refere-se ao conjunto de ações oferecidas com presteza quando necessário.
Mitigação	São as medidas e estratégias voltadas para diminuir ou limitar os riscos de desastres, já que alguns de seus efeitos não podem ser prevenidos em sua totalidade (PL, 5002/23; UNDRR, s/a). A exemplo disso, tem-se a emissão de alertas e avisos, monitoramento de eventos de origem natural, evacuação de áreas de risco.
Resposta	São medidas especificamente emergenciais (curto prazo), voltadas ao socorro e a assistência pública (pelos setores público, privado e até mesmo comunitários, com participação de voluntários) direcionados aos indivíduos, comunidades e ou população afetada. Essas medidas contam com o restabelecimento da segurança e dos serviços essenciais, realizadas durante ou após um desastre (o período de sua execução pode se estender até a recuperação) (PL, 5002/23; UNDRR, s/a), envolvem ainda busca, salvamento, primeiros socorros; provimento de medicamentos e insumos estratégicos, fornecimento de materiais de primeira necessidade (alimento, roupa, água potável), restabelecimento dos serviços essenciais dentre outros.
Recuperação, reabilitação e reconstrução	Conjunto de atividades e ações para o reestabelecimento do bem estar coletivo, de modo inclusivo, seguro, resiliente e sustentável (PL 5002, 23; UN, 2023; NU Brasil, 2024). Como exemplo, tem-se a reconstrução das infraestruturas que poder ser destruídas ou danificadas em um desastre, como: estradas, pontes, prédios, casas, serviços essenciais. Contudo, faz-se relevante que essa reconstrução esteja alinhada aos objetivos do desenvolvimento sustentável (NU Brasil, 2024; UNDRR, 2015). Além de se voltar à recuperação do tecido social (memória, história, afetos, relações sociais), e do meio ambiente, reestruturação da economia, com vistas a reduzir os riscos de um novo desastre.

Fonte: Elaboração própria.

Para Quarantelli (2015), uma das vantagens desse posicionamento é a possibilidade de prever desastres antes que ocorram, evitando-se assim as consequências

irreparáveis, como a perda de vidas. Contudo, é preciso superar a lógica centrada nos riscos (Smith-Oliver, 2015; 2021), adotando uma leitura contextual situada no tempo e aprendendo com os efeitos prejudiciais do neoliberalismo. Isso implica, por exemplo, exercer formas de engajamento político que denunciem a imposição de riscos, a assistência inadequada ou mal distribuída, a falta de transparência nos planos de contingência e/ou reconstrução, bem como o deslocamento e reassentamento de *populações vulneráveis*, entre outras ações (Checker, 2017; Oliver-Smith, 2021).

As mudanças sociais irão transformar o tipo e os números de desastres, assim, a natureza do planejamento e a gestão futura devem levá-las em consideração (Quarantelli, 1999). Desse modo, para que políticas adequadas sejam estabelecidas, programas executados e medidas implementadas em todas as etapas do planejamento e gestão (prevenção, preparação, mitigação, resposta e recuperação), as decisões e interações entre grupos, líderes e organizações precisam levar em conta que os desastres são, em sua essência, fenômenos sociais. Cabe, então, voltar a Freire, enfatizando que a chamada **letra morta**⁹ das leis, não é o suficiente para garantir segurança à população, como veremos no próximo tópico.

1.4 Marcos internacionais e nacionais no campo das emergências e desastres: para além das palavras ou apenas palavras?

Nosso intuito aqui é apresentar um breve panorama dos marcos nacionais e internacionais, mantendo o foco nas dinâmicas sociais e comunitárias, em vez das ações de planejadores e legisladores (Quarantelli, 2005).

Ao longo dos anos a ONU tem promovido diretrizes para redução de riscos de desastres (UNDRR, s/a), fortalecendo, em certa medida, ações de enfrentamento às mudanças climáticas e à promoção da saúde (Djonú *et al.*, 2018; NU Brasil, 2000), com vistas a um mundo mais justo (NU Brasil, 2010). Destaca-se o Regulamento Sanitário Internacional (RSI), vigente desde 1951, centrado em doenças virais emergentes (WHO, 2005). Contudo, patógenos como os da malária, leptospirose, dengue, chikungunya, febre maculosa e doença de Chagas seguem afetando humanos e animais (Schott *et al.*, 2020), e riscos químicos ainda não foram declarados como emergências (Wilder-Smith e Osman, 2020; WHO, 2017).

⁹ Letra morta refere-se a aquilo que se tornou menos relevante ou perdeu seu significado.

Desde os anos 1960, diversas resoluções culminaram na Década Internacional para Redução dos Desastres Naturais (DIRDN) e na Estratégia Internacional para Redução de Desastres (IDNDR, 1999). Originalmente centrada em riscos, essa década foi posteriormente renomeada para redução de desastres (Quarantelli, 2005).

O Brasil sediou a Rio+20 em 2012, destacando a economia verde e sustentabilidade (CNUDS, 2012). Em 2015, o Marco de Sendai substituiu o de Hyogo, com quatro prioridades para reduzir o risco de desastres (OMS, 2005; UNDRR, 2015), no mesmo ano dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável com vistas a erradicar a pobreza até 2030 (NU Brasil, 2024).

Em 2019, a OMS lançou a Estrutura de Gestão de Riscos de Desastres e Emergências de Saúde, integrando o RSI (WHO, 2019; 2005), mas sua aplicação permanece limitada. Cerca de um terço da população latino-americana vive em pobreza, agravando vulnerabilidades sanitárias (CEPAL, 2023; Brito, 2013; Singhal, 2020). A pandemia de COVID-19 evidenciou tais fragilidades e a necessidade de implementar eficazmente o RSI (OPAS/OMS, 2022; MS, 2024).

1.4.1 *Embora com certo atraso, o Brasil reage*

Após as guerras mundiais, instituiu-se as primeiras respostas aos *desastres*¹⁰ com a criação do Conselho de Segurança Nacional (1946) (Ministério do Desenvolvimento Regional *et al.*, 2022). Nas décadas de 1960 e 1970, secas e chuvas intensas impulsionaram a criação de órgãos e decretos de calamidade (Brasil, 1961; Alpino *et al.*, 2016; Cunha *et al.*, 2022). As defesas civis estaduais se organizaram nos anos 1970-80 (Ministério do Desenvolvimento Regional *et al.*, 2022), e a Constituição de 1988, pela primeira vez, incluiu como prerrogativa da União: “planejar e promover a defesa permanente contra as calamidades públicas, especialmente as secas e as inundações” (Brasil, 1988, p. 19).

Influenciado pela DIRDN, o Brasil criou em 1995 a Política Nacional de Defesa Civil (PNDC), atualizada em decretos posteriores (Brasil, 2005, 2012, 2020, 2023). Em

¹⁰ Utilizamos *desastres* em itálico para enfatizar, pois na ocasião o termo foi usado de modo intercambiável com crise, ou seja, nesse contexto, das guerras. Segundo Quarantelli (2015), há diferenças na maneira como se diferenciam desastres de conflitos. Quando ocorrem desastres, os indivíduos reagem de forma ativa e pró-social enquanto há muito mais variabilidade nos conflitos, em que os comportamentos antissociais são frequentes.

2006, foi criado o Centro de Informações Estratégicas em Vigilância e Saúde (CIEVS), integrando a rede nacional de alerta resposta à emergências em saúde pública (OPAS/OMS, 2015). Em 2008, as chuvas em Santa Catarina afetaram mais de 78 mil pessoas foram declaradas desabrigadas e desalojadas¹¹ (Xavier *et al.*, 2014), seguidas pela pandemia de H1N1 (2009), com 60 mil casos e 2.146 mortes (Temporão, 2021), impulsionando a tradução para o português e a ratificação do RSI, no país (Brasil, 2009).

Mais tarde, a Zika e COVID-19 acentuaram a resposta reativa e a responsabilidade histórica pela internalização do RSI. Ainda demonstramos pouco conhecimento sobre a evolução de patógenos, o que tem nos custado caro. Essas ocorrências evidenciam que, ao longo do tempo, há forças econômicas e políticas que implicam na distribuição iníqua de riscos e recursos de saúde, denominada *sindemia*, conceito cunhado por Singer (1996, 2009) e desenvolvido por Smith-Oliver (2021).

A Portaria nº 74/2009 criou kits de medicamentos para desastres, atualizada pela GM/MS nº 874/2021. Em 2011, foi definida a Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) e instituída a Força Nacional do Sistema Único de Saúde. Também foram criados o Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais (CEMADEN) (Seluchi, 2023) e a atualização da Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (PNPDEC), que pela primeira vez incluiu o termo proteção junto à Defesa Civil e integrou políticas em diferentes áreas (Almeida, 2016) e se alinhou aos marcos internacionais por incluir as fases de prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação, e ao menos formalmente, direcionou os esforços de gerenciamento de risco de desastres para o âmbito da prevenção.

Em 2013, a Portaria nº 1.139 do MS definiu ações do SUS para eventos de massa (Brasil, 2013). Vale ressaltar que o país se preparava para a Copa de 2014 e Olimpíadas de 2016. Apenas cinco meses antes de sua promulgação, a cidade de Santa Maria, vivia uma dor e luto coletivo, em decorrência do segundo maior incêndio urbano do país, na Boate *Kiss* (TJRS, 2021). Provavelmente, esse desastre influenciou também a criação da Lei nº 13.425/2017, conhecida como Lei *Kiss*, voltada à prevenção e combate a incêndios urbanos (Brasil, 2017). Isso nos leva a considerar que, ao enfatizar a reatividade das

¹¹ Desabrigado, refere-se à pessoa que foi obrigada a abandonar sua habitação de forma temporária ou definitiva em razão de evacuações preventivas, de destruição ou de avaria grave decorrentes de acidente ou desastre e que necessita de abrigo provido pelo Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil (SINPDEC). Já desalojado faz menção à pessoa que foi obrigada a abandonar sua habitação de forma temporária ou definitiva em razão de evacuações preventivas, de destruição ou de avaria grave decorrentes de acidente ou desastre e que não necessariamente carece de abrigo provido pelo SINPDEC (Lei 14.750, 2023, p. 1)

ações, estamos nos afastando de esforços para nos adaptarmos às dinâmicas internas dos sistemas sociais.

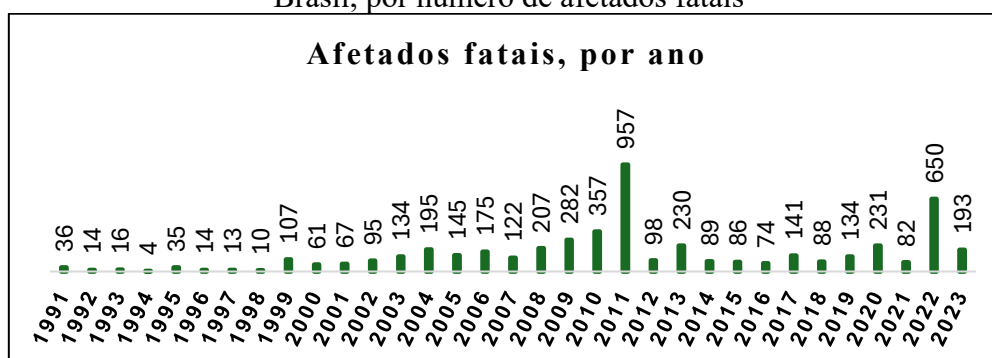
Ainda em 2017, a Secretaria de Vigilância em Saúde instituiu o Programa Vigidesastres, focado em gestão de riscos no SUS, atuando desde 2005 (Portaria GM/MS nº5), provavelmente influenciada pelos marcos das Nações Unidas (UNDRR, 2015) e por desastres de origem natural, no país. Outro exemplo de ação reativa é o Projeto de Lei nº 5.002/2023, aprovado após as chuvas no RS, propondo inovação a partir de uma Política Nacional de Gestão Integral de Riscos (PNGIRD) e o Sistema Nacional de Gestão Integral de Risco de Desastres (SINGIRD), com o objetivo de unificar todo o aparato legal e com planos de ação desde a prevenção até a recuperação de desastres (CAE, 2024).

Sabe-se que o ordenamento jurídico nesse campo é exaustivo, sem o intuito de exauri-lo, entendemos que apesar de todos os esforços e legislações, a aplicação das políticas muitas vezes não tem alcançado os resultados desejados. As emergências e desastres ao longo dos anos, no país, destacam fragilidades no planejamento, na gestão de desastres e na resposta intersetorial. O contexto brasileiro, até o momento, está marcado por várias ações reativas, pautadas nos riscos, além de um embasamento legal fortemente influenciado por marcos internacionais. Ainda há, entretanto, um longo caminho para garantir a implementação efetiva das normas e a segurança das vidas e ecossistemas.

1.5 O cenário brasileiro dos desastres

O registro histórico de desastres, fundamental para a compreensão dos padrões de ocorrência, recorrência e até mesmo de suas consequências, mostra que a partir da década de 1990 os desastres têm sido mais frequentes no país e têm afetado cada vez mais a vida humana (Atlas Digital de Desastres no Brasil, 2024) (Gráfico 01).

Gráfico 1 — Registro histórico de desastres, a partir da década de 1990 até 2023, no Brasil, por número de afetados fatais

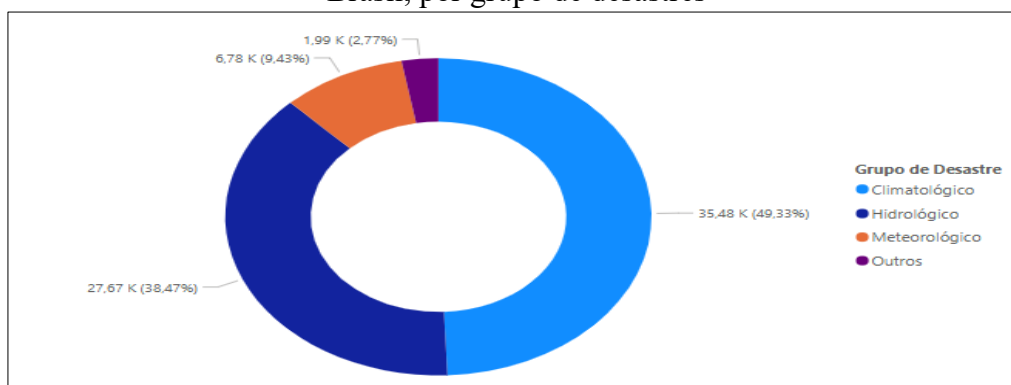


Fonte: Adaptado de Atlas Digital de Desastres no Brasil, 2024.

Dados da Confederação Nacional de Municípios (CNM) mostram que, entre o período de 2013 a 2023, as defesas civis municipais, estaduais e o Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional/ MIDR, validaram 5.847 decretações de anormalidade por ano, reconhecendo um total de 64.742 decretações de SE e ECP, nesse período de 10 anos. Conforme a CNM 94% dos municípios já foram afetados pelo menos uma vez por algum tipo de desastre (CNM, 2024).

Os desastres com maior frequência no país, nesse período, foram a seca/estiagem, responsáveis por 26,1 mil decretações, seguido das chuvas com 18,1 mil, aos quais somados contabilizaram mais de 45,1 mil decretações, sendo eles responsáveis por quase 70% do total de 64.742 decretações em todas as regiões do país. As doenças infecciosas (virais, parasitárias e bacterianas) representam 24% do total, seguido pelos incêndios com 5% do total, e por último, 1% do total, contabilizaram outros tipos de desastres (CNM, 2024) (Gráfico 02).

Gráfico 2 — Registro histórico de desastres, a partir da década de 1990 até 2024, no Brasil, por grupo de desastres



Fonte: Atlas Digital de Desastres no Brasil, 2025

Se mesmo com o maior número de ocorrências de desastres como secas, estiagens e chuvas intensas, o país ainda permanece assolado e carece de ações urgentes e eficazes, o que dizer então daqueles 5% do total de desastres que são representados pelos incêndios?

1.6 Os incêndios urbanos, no Brasil: um breve registro histórico

Os incêndios urbanos classificados como desastres tecnológicos (COBRADE, 2012), não superam quantitativamente os desastres de origem natural, tampouco recebem atenção da literatura especializada. Contudo, ao longo da história do Brasil, diversos

incêndios urbanos marcaram profundamente a memória coletiva do país, deixando um legado de dor, perdas humanas irreparáveis e destruição de patrimônios históricos e culturais.

Além das vidas ceifadas, inúmeras pessoas são afetadas por esses desastres que destroem lares, interferem no curso da vida cotidiana e impactam diretamente a dinâmica das cidades. Trata-se de um fenômeno que não apenas revela fragilidades estruturais, mas que evidencia, de forma contundente, como a negligência com a segurança urbana e o patrimônio coletivo tem moldado a realidade brasileira de forma recorrente e dolorosa.

Mesmo nessas circunstâncias, identifica-se que há entraves até mesmo para a obtenção de informação disponível, no que diz respeito aos incêndios urbanos. Os dados encontrados estão fragmentados em sítios esparsos na internet ou requerem solicitação às instituições de gestão de emergências e de combate a incêndios para uma determinada pesquisa. No entanto, ocorrências diárias de notícias de incêndios no Brasil, relatadas de forma incompleta, ou seja, sem os dados sobre afetados, estão disponíveis online e registraram 2.222 ocorrências em 2023, representando alta de 8,9% ante o ano anterior, quando foram registradas 2044 notícias (ISB, 2023).

Esse breve histórico reúne alguns dos incêndios ocorridos em território nacional, destacando suas causas, consequências e impactos sociais, na tentativa de refletir sobre a importância de ações proativas, fiscalização e da valorização da vida e do patrimônio coletivo:

1.6.1 Gran Circus – 1961 – 503 mortes – Niterói/RJ

Em uma tarde de 17 de dezembro de 1961, três mil pessoas assistiam ao espetáculo do Gran Circus Norte-Americano, quando um ex-funcionário e outros dois ajudantes, intencionalmente, cobriram com gasolina a lona do circo, com cerca de seis toneladas, e atearam fogo (Acervo o Globo, 2013). A lona, com tecido altamente inflamável, caiu sobre as pessoas, impedindo-as de correr e encontrar as saídas mais próximas. O local não tinha extintores e nem rotas de saída. O incêndio causou a morte de 503 pessoas, em sua maioria crianças, e afetou diretamente 2.500 pessoas. Esse foi o maior desastre por incêndio urbano no Brasil, em relação ao número de pessoas que perderam as suas vidas (Dobjenski, 2022).

1.6.2 Edifício Andraus – 1972 – 16 mortes – São Paulo/SP

Em 24 de fevereiro de 1972, um curto-circuito em equipamentos de escritório no Edifício Andraus, no centro da capital paulista, deu início ao fogo. O prédio comercial, de 32 andares, rapidamente foi consumido pelas chamas, agravadas pela falta de medidas de segurança adequadas. Dezenas de pessoas subiram ao topo do prédio, e o resgate por helicópteros foi dramático. Dezesesseis pessoas morreram e mais de 300 ficaram feridas (Memória Globo, 2020).

1.6.3 Edifício Joelma – 1974 – 187 mortes – São Paulo/SP

Na manhã de 1º de fevereiro de 1974, um incêndio teve início em um ar-condicionado do 12º andar do Edifício Joelma, na região central de São Paulo. O fogo se espalhou rapidamente pelos 25 andares. As rotas de fuga eram precárias, e muitas pessoas morreram por asfixia ou ao pular do prédio. O incêndio matou 187 pessoas e feriu mais de 300 (Folha de S.Paulo, 2014).

1.6.4 Instituto Butantan – 2010 – Sem afetados fatais – São Paulo/SP

Na madrugada de 15 de maio de 2010, um incêndio destruiu parte do prédio onde estavam os laboratórios de pesquisa e a coleção científica do Instituto Butantan. Aproximadamente 85 mil espécimes de répteis e anfíbios, alguns com mais de um século, foram perdidos. Embora não tenha havido afetados humanas, o desastre foi significativo à ciência brasileira (Folha de S.Paulo, 2010).

1.6.5 Boate Kiss – 2013 – 242 mortes – Santa Maria/RS

Na madrugada de 27 de janeiro de 2013, uma banda utilizou pirotecnia durante sua apresentação na Boate Kiss, e as faíscas atingiram a espuma de isolamento acústico no teto. A fumaça tóxica se espalhou em poucos minutos, e as saídas mal localizadas e insuficientes contribuíram para levar ao desastre. O incêndio causou 242 mortes e deixou mais de 600 feridos (G1, 2023).

1.6.6 Museu Nacional – 2018 – Sem afetados fatais – Rio de Janeiro/RJ

Na noite de 2 de setembro de 2018, um incêndio de grandes proporções destruiu o Museu Nacional, localizado na Quinta da Boa Vista. O fogo consumiu cerca de 90% do acervo de 20 milhões de itens, incluindo documentos históricos, fósseis, artefatos indígenas e peças egípcias. O museu, fundado em 1818, era o mais antigo do Brasil e um dos mais importantes da América Latina. Não houve afetados, mas o impacto cultural foi devastador. O caso escancarou a negligência crônica com a preservação do patrimônio histórico (BBC Brasil, 2018).

1.6.7 Hospital Badim – 2019 – 22 mortes – Rio de Janeiro/RJ

Na noite de 12 de setembro de 2019, um incêndio teve início em um gerador do Hospital Badim, na zona norte do Rio de Janeiro. A fumaça se espalhou rapidamente pelos andares, e a evacuação de pacientes, muitos em estado grave, foi dificultada. Vinte e duas pessoas morreram, em sua maioria idosos internados na UTI. O episódio revelou falhas nos sistemas de evacuação hospitalar e gerou debate sobre segurança em instituições de saúde (G1, 2019).

1.6.8 Pousada Garoa – 2024 – 11 mortes – Porto Alegre/RS

Na madrugada de 26 de abril de 2024, um incêndio de grandes proporções atingiu a Pousada Garoa, localizada na Avenida Farrapos, no bairro Floresta, região central de Porto Alegre. O fogo teve início por volta das 2h da manhã e se alastrou rapidamente pelos três andares do prédio, que abrigava pessoas em situação de vulnerabilidade social. Segundo o Corpo de Bombeiros, o local não possuía alvará de funcionamento nem Plano de Prevenção e Proteção Contra Incêndios (PPCI), operando de forma irregular. As chamas resultaram na morte de 11 pessoas e deixaram outras 15 feridas (Correio do Povo, 2024).

Como se observa, os incêndios urbanos têm marcado a história do Brasil ao longo das décadas evidenciando um padrão recorrente de negligência estrutural e omissão do Estado na formulação, fiscalização e atualização das normas de segurança contra incêndios. Esses casos emblemáticos, mostram que muitos deles poderiam ter sido

evitados com medidas básicas de prevenção, como saídas de emergência funcionais, sistemas de alarme e combate ao fogo, e fiscalização rigorosa do cumprimento das normas técnicas. Essa repetição indica falhas graves na cultura de prevenção, na atuação dos órgãos públicos e na responsabilização dos responsáveis, refletindo um descaso crônico com a vida humana e o patrimônio coletivo. Assim, como já dissemos, é urgente que o Estado atue não apenas de forma reativa, ou seja, após os desastres, mas de maneira planejada, contínua e preventiva, com legislação eficiente, fiscalização ativa e educação voltada à cultura da segurança.

1.7 Elementos-chave do estudo

1.7.1 Pergunta de pesquisa

Esta pesquisa está orientada pela seguinte pergunta:

Quais são as experiências teórico-práticas vivenciadas por terapeutas ocupacionais no campo das emergências e desastres?

1.7.2 Objetivos

1.7.2.1 Objetivo geral

Analisar de que forma os conhecimentos e as práticas de terapeutas ocupacionais têm sido construídos e mobilizados em emergências e desastres no Brasil.

1.7.2.2 Objetivos específicos

- a) identificar quais ações são priorizadas por terapeutas ocupacionais;
- b) identificar as responsabilidades, desafios e as oportunidades para terapeutas ocupacionais em emergências e desastres;
- c) identificar as peculiaridades na formação de terapeutas ocupacionais, no que tange às suas possíveis responsabilidades nesse campo.

Nós vamos prosseguir, companheiro
Medo não há
No rumo certo da estrada
Unidos vamos crescer e andar
Nós vamos repartir, companheiro
O campo e o mar
O pão da vida, meu braço, meu peito
Feito pra amar.

Americana Pátria, morena
Quiero tener
Guitarra y canto libre
En tu amanhecer
No pampa, meu pala a voar
Esteira de vento e luar
Vento e luar

Nós vamos semear, companheiro
No coração
Manhãs e frutos e sonhos
Pr'um dia acabar com esta escuridão
Nós vamos preparar, companheiro
Sem ilusão
Um novo tempo, em que a paz e a fartura
Brotem das mãos

Minha guitarra, companheiro
Fala o idioma das águas, das
pedras
Dos cárceres, do medo, do fogo, do sal
Minha guitarra
Tem os demônios da ternura e da tempestade
É como um cavalo
Que rasga o ventre da noite
Beija o relâmpago
E desafia os senhores da vida e da morte
Minha guitarra é minha terra, companheiro
É meu arado semeando na escuridão
Um tempo de claridade
Minha guitarra é meu povo, companheiro
No pampa, meu pala a voar
Esteira de vento e luar
Vento e luar.

2 TERAPIA OCUPACIONAL NO CAMPO DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES

Até os planetas se chocam e do caos nascem as estrelas.

Charles Chaplin

2.1 Identidade, valores e visão: a pedra angular de terapeutas ocupacionais nas emergências e desastres

A terapia ocupacional é um campo de conhecimento e intervenção na saúde, educação e esfera social, cuja identidade profissional se ancora na promoção da participação social e na valorização de ocupações significativas para a autonomia e emancipação (WFOT, 2017). Seus valores e visão fundamentam-se nos direitos humanos, compromisso ético, social, cultural e político com a justiça e sustentabilidade.

Diante das transformações sociais e do aumento na frequência e complexidade dos desastres (Quarantelli, 2005; UNDRR, 2024), terapeutas ocupacionais têm priorizado o bem-estar de *populações em condição de vulnerabilidades* (Habib *et al.*, 2013). Sua identidade (Galheigo, 2014), visão e valores orientam à ação política, com potencial para influenciar mudanças macroestruturais, desde políticas públicas até reorganizações institucionais (Stark, 2013). Em consonância com a perspectiva de Cutter (2001), que propõe a superação da lógica centrada no risco, com prioridade para a reversão de vulnerabilidades.

Historicamente, a profissão tem se destacado no contexto das emergências e desastres (Borges, 2017; Ching; Lazaro, 2021; Hossain *et al.*, 2013; Nizzero *et al.*, 2017; Rodrigues, 2023; Rashad *et al.*, 2022; Smallwood *et al.*, 2021; Souza, 2023; Stark, 2013; Taylor *et al.*, 2011). Nessas situações, os profissionais atuam diretamente com os efeitos da interrupção ocupacional e no apoio à adaptabilidade (Sima *et al.*, 2017).

Embora os estudos na área estejam em crescimento, é necessário problematizar o campo para ampliar o conhecimento sobre os fenômenos relacionados aos desastres e sua relação com as atividades desenvolvidas por terapeutas ocupacionais. A World Federation of Occupational Therapists (WFOT) tem se adaptado às demandas globais, com o objetivo de promover justiça ocupacional, sustentabilidade e equidade (WFOT, 2014, 2016, 2024). No entanto, ainda persiste uma lacuna na participação formal de terapeutas ocupacionais e na produção de pesquisas voltadas para emergências e desastres. Apesar

da existência de normativas, como a Resolução nº 383/2010, emitida pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO), a consolidação dessas práticas no Brasil ainda é incipiente (COFFITO, 2010).

2.2 Marcos internacionais e nacionais: mero convite ou imediata convocação à ação de terapeutas ocupacionais?

Nos últimos anos, marcos internacionais, no campo das emergências e desastres, têm sido expandidos, com metas e estratégias globais e nacionais sendo estabelecidas (Brasil, 2012; 2023; CNUDS, 2012; UNDRR, 2015; CAE, 2024; NU Brasil, 2024). Sob alguma pressão social, entidades representativas da terapia ocupacional vêm reconhecendo o papel da profissão. Um exemplo é o conjunto de recomendações publicado após o desastre no Oceano Índico em 2004¹², voltado à preparação de terapeutas ocupacionais (Sinclair *et al.*, 2005). Em 2011, a *American Occupational Therapy Association* (AOTA) declarou que a profissão tem papel na resposta e RDD (AOTA, 2011, 2017). Da mesma forma, a WFOT (2014) afirmou que esses profissionais devem atuar em todas as fases da GRD.

Importante ponto de reconhecimento da intervenção de terapeutas ocupacionais, nesse campo, ocorreu em 2016, quando a Organização Mundial da Saúde (WHO) inseriu profissionais de reabilitação em equipes de emergência, estabelecendo padrões mínimos para sua atuação:

A equipe especializada em cuidado de reabilitação deve ser composta por pelo menos três profissionais de reabilitação. As equipes devem ser multidisciplinares e incluir pelo menos um fisioterapeuta, bem como outra (s) disciplina (s) de reabilitação (terapia ocupacional, fisiatria e ou enfermagem de reabilitação) (WHO, 2016, p.14, tradução nossa)

No Brasil, o código de ética e deontologia da terapia ocupacional aponta o dever de ofertar serviços em “caso de guerra, catástrofe, epidemia ou crise social” (Brasil, 2013,

¹² A partir do tsunami que devastou países do Oceano Índico em 2004, causado por um terremoto de magnitude 9,1 na costa de Sumatra, a WFOT passou a se posicionar quanto à atuação da terapia ocupacional nesse campo de conhecimento, revelando como as primeiras iniciativas da profissão nesse contexto foram pensadas. O relatório leva o nome de preparação para terapeutas ocupacionais e até aponta avanços para a resposta e recuperação, mas fica evidente a lacuna quanto às ações de prevenção, que não recebem o mesmo nível de atenção. Essa ausência reforça a abordagem predominantemente reativa, em detrimento de políticas propositivas que articulem os saberes da profissão.

p.4)¹³. Somos convocados a atuar, mas o que e como faremos? Estamos perante um desafio ético, moral e político. Com isso, investigar as diferenças promovidas por localizações geográficas, contextos sociais, recursos, as raízes dos desastres, o prévio engajamento na formulação das políticas e estratégias, poderá alicerçar a contribuição de terapeutas ocupacionais nesse campo.

A WFOT atualizou seu documento em 2024, reiterando as responsabilidades locais, nacionais e internacionais de terapeutas ocupacionais. A atualização se baseou em entrevistas com 14 profissionais experientes, apresentando avanços em ações centradas na pessoa, reabilitação baseada na comunidade, e defesa de direitos para criar mudanças políticas e ou fortalecê-las (WFOT, 2024). Essas iniciativas cobriram todas as fases do desastre com abordagens intersetoriais. O documento também destacou avanços na pesquisa e no currículo, incentivando sua continuidade (WFOT, 2024). Ainda assim, enfatiza ações sob a lógica do risco, negligenciando a construção social das vulnerabilidades que ampliam os desafios encontrados, uma questão que parece problemática, ao nosso contexto.

Apesar do reconhecimento crescente, a presença desses profissionais nas fases de prevenção e preparação ainda é limitada (Habib *et al.*, 2013; WFOT, 2016, 2024). Ching e Lázaro (2021), ao entrevistarem terapeutas ocupacionais, identificaram que a atuação ocorre majoritariamente nas fases de resposta e recuperação, com foco em: (1) saúde mental de sobreviventes e familiares; (2) identificação de pessoas com deficiência; (3) visitas domiciliares; e (4) adaptação de ambientes.

Destaca-se o desafio da lógica centrada no risco, que, em sua maioria, não é acompanhada por ações eficazes e transparentes de planejamento por parte de gestores públicos, instâncias de defesa civil, instituições de ensino e políticas setoriais. Sem esse planejamento que anteceda a ocorrência das emergências e desastres, a resposta tende a parecer desconexa, alimentando a falsa ideia de inesperado. Soma-se a isso, profissionais e estudantes, por vezes, podem ser afetados e acumulam funções de respondentes a um mesmo desastre. A exemplo no incêndio da Boate Kiss (Terapeuta, 2020), no rompimento de barragens da Vale e Samarco (Brasil, 2015; Fundação Getúlio Vargas, 2019), ciclone

¹³ Nota-se que não há menção aos desastres, possivelmente substituído pela expressão catástrofe. Ainda é relevante destacar que essa Resolução foi criada após seis meses do desastre na Boate Kiss, revelando, mais uma reatividade do ordenamento jurídico, agora naquilo que compete a nossa profissão.

extratropical (Portaria nº 45, 2023) e durante as fortes chuvas no Rio Grande do Sul (Severe, 2024).

Simon (2005), em revisão de literatura, não encontrou registros sobre ações de prevenção realizadas por terapeutas ocupacionais. Ainda assim, Asher e Pollak (2009) apontaram possibilidades relevantes, como planejar o transporte e posicionamento de pessoas com deficiência, selecionar equipamentos essenciais e garantir acessos e rotas seguras. Habib *et al.* (2013) relataram a atuação preventiva de três terapeutas em Bangladesh, com mapeamento de riscos domiciliares e identificação de pessoas com deficiência e barreiras ambientais. Também foram listados os recursos comunitários disponíveis, voluntários capacitados, contribuindo para ações mais seguras e eficazes, conforme recomenda a UNDRR (2015). Esses são fatores que podem fazer a diferença em planos de ações de RDD.

De modo geral, a abordagem presente na literatura internacional, ligada às práticas de terapeutas ocupacionais, permanece centrada na lógica dos riscos, considerando especialmente os *efeitos negativos* de sua ocorrência, voltando o olhar de terapeutas ocupacionais para as *vítimas*. Segundo Quarantelli (2005), essa falta de consideração pelo contexto mais amplo reflete a abordagem histórica predominante na investigação de desastres. Contudo, se enfatizarmos os desastres em detrimentos dos riscos, consideraremos uma visão mais ampla dos aspectos sociais dos desastres, o que pode levar terapeutas ocupacionais a uma nova direção, que ainda carece de investigação e sistematização.

A compreensão dos aspectos sociais dos desastres exige considerar as significativas mudanças sociais que estão acontecendo nas áreas política, econômica, familiar, cultural, educacional e científica (Smith-Oliver, 2021). Adotar essa perspectiva, pra além dos riscos de desastres, exige mais do que uma mudança conceitual: implica revisitar nossas práticas, condutas e, principalmente, reformular as agendas de pesquisa que ainda se apoiam fortemente em paradigmas reativos. Reconhecendo os desastres como fenômenos sociais e construídos historicamente, torna-se possível ampliar o protagonismo da terapia ocupacional nesse campo, com ações mais proativas, justas, solidárias e transformadoras. Para contribuir com esse avanço e aprofundar a compreensão sobre o tema, realizamos um estudo de revisão de escopo, cujos achados serão discutidos no próximo capítulo.

3 AÇÃO DE TERAPEUTAS OCUPACIONAIS EM EMERGÊNCIAS E DESASTRES: UM PANORAMA DA LITERATURA

As ideias que aqui apresentamos têm origem no protocolo de revisão de escopo conduzido e registrado na plataforma Open Science Framework (OSF), cujo estudo foi recentemente publicado (Ribeiro e Magalhães, 2024). Elaboramos um resumo desse protocolo com a finalidade de facilitar a leitura.

Essa revisão investigou a atuação de terapeutas ocupacionais com o objetivo de mapear o estado da arte de suas ações desenvolvidas em contextos de emergências e desastres no Brasil, bem como em territórios atravessados por especificidades geográficas, étnicas, sociais, culturais e/ou políticas.

Para alcançar esse objetivo, a revisão de escopo foi conduzida segundo a metodologia preconizada pelo *Joanna Briggs Institute* (JBI), conforme apresentada em seu capítulo dedicado às revisões de escopo (Peters *et al.*, 2020; 2024) e seguiu a extensão *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR) (Tricco *et al.*, 2018). Alinhada às orientações do JBI (Peters *et al.*, 2020, 2022), a questão de pesquisa se baseou no acrônimo PCC [**Participantes (ou População), Conceito e Contexto**].

3.1 Pergunta de Pesquisa

“Quais as características, prioridades e principais áreas de interesse das ações de terapeutas ocupacionais em emergências e desastres?”

3.2 Critérios de Inclusão

Estudos nos idiomas espanhol, inglês e português foram incluídos. Os estudos considerados não tiveram restrição temporal, com o intuito de identificar o ponto de partida das possíveis contribuições de terapeutas ocupacionais nesse campo de conhecimento.

3.3 Participantes

A revisão de escopo considerou estudos que incluíram terapeutas ocupacionais inseridos nos contextos práticos e/ou teóricos da terapia ocupacional em emergências e desastres. Para tanto, foram considerados elegíveis os estudos que abordaram ações relacionadas à assistência, ao ensino, à gestão ou que incluíram percepções, ensaios teóricos, experiências e ou estratégias de ensino de terapeutas ocupacionais como parte de programas multiprofissionais, setoriais e ou seccionais, desde que os dados referentes aos terapeutas ocupacionais pudessem ser segregados e extraídos.

3.4 Conceito

Inúmeros são os conceitos, termos e ou noções que surgiram nos últimos anos nesse campo de conhecimento (Quarentelli 1998; 2005), e muitos ainda são utilizados como sinônimos. Para tanto, serão levados em conta os estudos que mencionarem emergências e desastres, respeitando a abrangência teórica de cada um.

3.5 Contexto

Não houve restrições contextuais. Portanto, foram considerados estudos de diversas localidades geográficas, étnicas, sociais, culturais e/ou políticas que envolvam a contribuição de terapeutas ocupacionais nesse campo de conhecimento.

3.6 Tipo de Pesquisa

Esta revisão de escopo abrangeu estudos quantitativos, qualitativos e mistos. Foram considerados desenhos de estudos experimentais e quase experimentais, bem como ensaios clínicos randomizados e não randomizados, estudos do tipo antes e depois, além de séries temporais. Estudos observacionais, incluindo estudos de coorte, estudos caso-controle ou estudos transversais, também foram examinados. Esta revisão de escopo também considerou séries e relatos de casos, além de protocolos e diretrizes de prática clínica.

3.7 Estratégia de Busca

Conforme preconizado, uma estratégia de busca em três etapas foi utilizada para esta revisão de escopo (Peters *et al.*, 2022, 2024). Para tanto, uma busca inicial, limitada ao MEDLINE (PubMed), foi realizada por uma revisora com experiência prévia para identificar artigos sobre o tema, conforme a Quadro 3. Em seguida, as palavras contidas nos títulos e resumos e os termos frequentemente utilizados nos artigos foram analisados para compor uma estratégia completa de busca na MEDLINE via PubMed. Tal busca foi realizada no dia 24 de julho de 2023 usando-se o recurso de “busca avançada” com os descritores em inglês via MeSH (Medical Subject Headings) combinados aos operadores booleanos OR e AND.

Quadro 3 — Estratégia de busca na base de dados MEDLINE via PubMed. São José do Rio Preto, São Paulo, 2023

Consulta	Mapeamento dos Termos	Registros Recuperados
1	“disaster” OR “risk management” OR “disaster risk management” OR “disaster risk reduction”	161.837
2	“occupational therapy” OR “occupational therapist”	41.646
3	1 AND 2	152

Fonte: Elaboração própria.

Em resposta à busca inicial, uma busca adaptada às bases de dados eleitas foi realizada, considerando o uso de descritores nos idiomas espanhol, inglês e português, a partir dos buscadores detalhados no Quadro 04. Sinônimos e termos alternativos às palavras-chave da pesquisa inicial foram incluídos. A formulação da estratégia de pesquisa foi prevista de acordo com as particularidades de cada sistema de busca das bases de dados.

Posteriormente, uma busca complementar foi conduzida por uma profissional bibliotecária da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) para ajudar na identificação de estudos adicionais. Igualmente, as listas de referências cruzadas dos artigos selecionados para a amostra final foram examinadas.

Uma busca ampla foi realizada¹⁴, incluindo os periódicos *Disasters, Hazards & Crisis in Public Policy*; *International Journal of Mass Emergencies and Disasters*, and *Risk*; *International Journal of Risk Reduction*; *Journal of Contingencies and Crisis Management*, assim como nas bases de dados *Occupational Therapy Literature Search Service (OTDBASE)* e *PubMed (MEDLINE)* até dezembro de 2024.

Quadro 4 — Buscadores e idiomas selecionados

Buscadores	Idioma
Descritores em Ciências da Saúde (DeCS)	Espanhol e Português
Estrategia Internacional para la Reducción de Desastres de Las Américas (EIRD)	Espanhol
Medical Subject Headings (MeSH)	Inglês
Thesaurus	Espanhol, Inglês e Português
Vocabulário Controlado sobre Desastres	Espanhol, Inglês e Português

Fonte: Elaboração própria.

3.8 Estudo/Seleção da Fonte de Evidência

Após a busca, todas as citações identificadas foram agrupadas e carregadas no software Rayyan (Qatar Computing Research Institute, Doha, Qatar) para a identificação e remoção dos textos em duplicata. Os títulos e resumos foram examinados por duas revisoras e, em seguida, importados para o gerenciador de referências Mendeley (Elsevier, NY, EUA). Os trabalhos potencialmente relevantes e disponíveis foram recuperados na íntegra e seus detalhes de citação importados para o sistema JBI Sumari para a gestão unificada, avaliação e revisão de informações (JBI SUMARI; JBI, Adelaide, Austrália), conforme preconizado pelo JBI (Munn *et al.*, 2019; Peters *et al.*, 2022, 2024).

A lista completa das citações selecionadas foi organizada no JBI Sumari e avaliada em detalhe com relação aos critérios de inclusão, por duas revisoras independentes. Foram excluídos os estudos indisponíveis. Não houve necessidade de maiores esclarecimentos sobre elegibilidade, portanto, nenhum autor foi contatado para maiores informações. Fontes de evidências excluídas durante esta fase foram registradas e os

¹⁴ Foram também consultadas revistas científicas brasileiras da área de terapia ocupacional e realizada busca manual em listas de referências de publicações relevantes. Contudo, os dados obtidos a partir dessas estratégias não foram incluídos nos resultados desta tese e serão apresentados em publicação futura.

resultados do processo de seleção e inclusão, foram apresentados em um fluxograma Itens de Relatório Preferidos para Revisões Sistemáticas e Meta-Análises para Revisão do Escopo (PRISMA-ScR) (Peters *et al.*, 2020, 2024) (Figura 02, página 55).

3.9 Extração dos Dados

Os dados dos estudos inclusos na revisão de escopo foram extraídos por duas revisoras independentes, usando um instrumento de extração de dados JBI (Peters *et al.*, 2020, 2024), em versão adaptada pelas autoras, segundo o Quadro 05.

Quadro 5 — Instrumento de Extração de Dados

Detalhe e Característica da Fonte de Evidência	
Título da Revisão de Escopo	
Objetivo	
Pergunta da Revisão	
Critérios de Inclusão (Participantes, Conceito, Contexto)	
Tipo de Estudo (Método)	
Detalhes da citação (autor, periódico, volume, edição, ano de publicação, título país)	
Tipo de ocorrência, ano e país	
Contexto teórico-prático de terapia ocupacional	
Referencial teórico-metodológico	
Participantes (detalhes como idade, número e outros)	
Resultados Extraídos das Fontes de Evidência	

Fonte: Elaboração própria.

Com isso, os dados extraídos incluíram 1. detalhes específicos sobre as características das fontes de evidências (por exemplo, tipo de evidência, origem geográfica do estudo, ano da publicação, autores); 2. detalhamento de Participantes, Conceito, Contexto (por exemplo, terapeutas ocupacionais no ensino, pesquisa, gestão e ou assistência, tipo de ocorrência dos fenômenos, âmbito da atuação do terapeuta ocupacional), assim como 3. caracterização dos métodos de estudo e 4. principais resultados ou argumentos, fenômenos de interesse ou posição declarada. As duas revisoras, individualmente, conduziram o formulário de extração de dados em todas as fontes de evidências. Após o término da extração, um terceiro membro revisou e auditou os resultados com o intuito de garantir consistência. Ocasionalmente, ajustes e esclarecimentos foram necessários, com as discrepâncias resolvidas por meio de discussões.

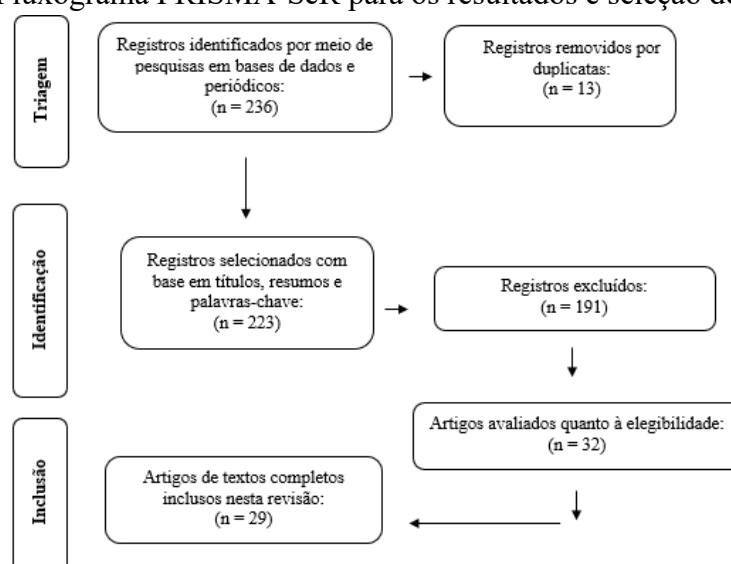
3.10 Análise e Apresentação dos Dados

Os dados extraídos, dos estudos inclusos, foram apresentados na forma de diagramas, mapas e/ou desenhos tabulares alinhados ao objetivo desta revisão de escopo. Usamos o Litmaps operado por Litmaps Limited (Nova Zelândia) para criar um mapa-mundi com características das fontes incluídas (Figura 02, página 55). Análises quantitativas e qualitativas, a partir de descrição e categorização dos componentes-chave, acompanharam os resultados tabulados e mapeados, descrevendo como esses resultados se relacionam ao objetivo e à questão da revisão. Lacunas na pesquisa também foram destacadas.

3.11 Resultados

Foram identificados 236 documentos, todos a partir dos resultados da busca. Após a exclusão dos arquivos duplicados, foram lidos os títulos, palavras-chave e resumos de 223 textos e excluídos 191 que não eram artigos publicados em revistas acadêmicas, indisponíveis ou não elegíveis à PCC. Com isso, 32 artigos restantes, foram selecionados para leitura na íntegra por duas revisoras independentes (Figura 02).

Figura 2 — Fluxograma PRISMA-ScR para os resultados e seleção de fontes

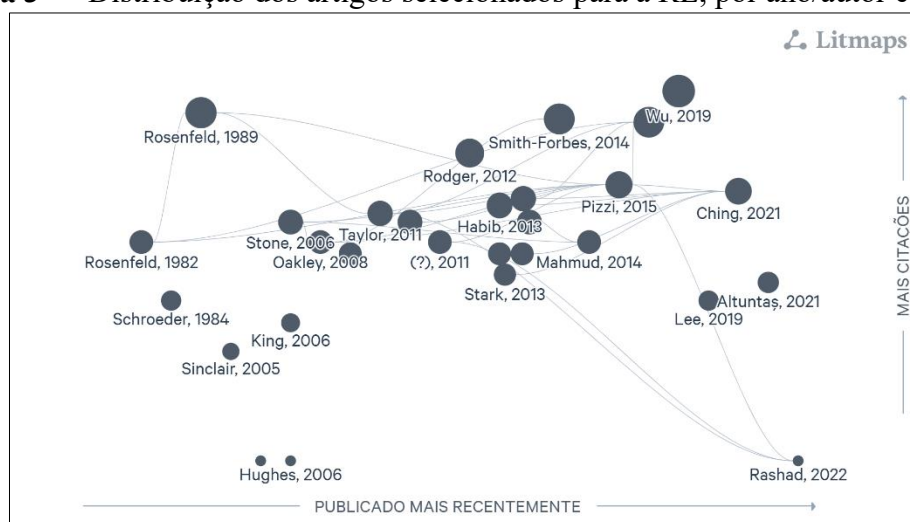


Fonte: Adaptado pelas autoras (2024) de Adaptado pelas autoras (2024) de *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR)*, por Peters MDJ, Godfrey C, McInerney P, Munn Z, Tricco AC, Khalil H. *Scoping reviews* (2020). In: Aromataris E, Lockwood C, Porritt K, Pilla B, Jordan Z, eds. *JBIM Manual for Evidence Synthesis*. JBI, 2024. Disponível em: <https://synthesismanual.jbi.global>. <https://doi.org/10.46658/JBIMES-24-09>. Tradução livre e adaptação pelas autoras.

Dos 32 artigos inicialmente identificados, os mais antigos datam de 1982 e 1989, ambos indisponíveis para acesso, e o mais recente foi publicado em 2022. Observa-se um hiato significativo de 16 anos entre a publicação do terceiro artigo (1989) e o quarto (2005), sendo que a partir de 2005 os textos passaram a estar disponíveis para análise (Figura 02, página 55). Assim, foram incluídos 29 artigos na presente revisão (Apêndice 01), classificados da seguinte forma: 20 artigos de pesquisa, 4 artigos de reflexão, 5 relatos de experiência.

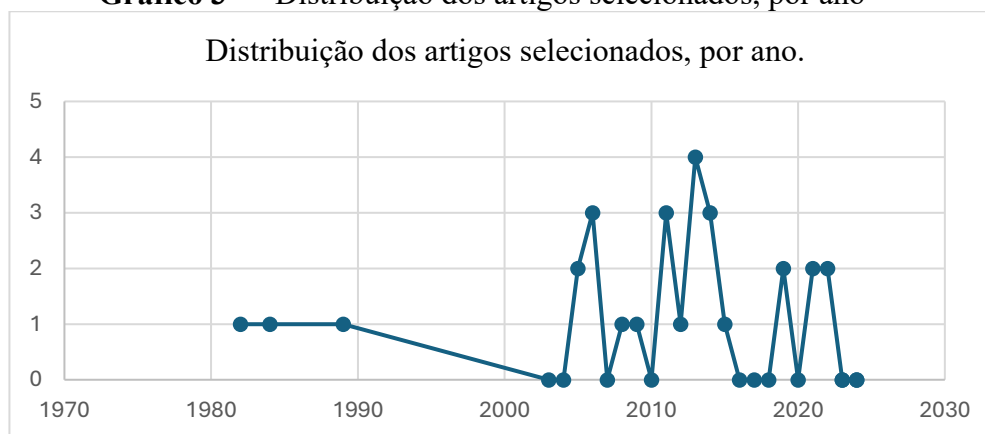
Na Figura 03, os artigos estão organizados de acordo com dois critérios: o número de citações e o ano de publicação, com o objetivo de destacar tanto a relevância atribuída aos textos pela comunidade acadêmica quanto a atualidade das discussões apresentadas. Essa distribuição facilita a visualização do desenvolvimento temporal da produção e permite compreender quais contribuições têm ganhado maior destaque no campo.

Figura 3 — Distribuição dos artigos selecionados para a RE, por ano/autor e citação



Fonte: LitMaps, 2025.

Dos artigos inclusos, o ano em que houve mais publicação (4) ocorreu em 2013 (Gráfico 3). Recentemente, entre janeiro de 2022 e dezembro de 2024, os autores publicaram apenas 1 artigo relacionado ao tema, o que evidencia um crescimento irregular, possivelmente reativo a ocorrência dos desastres. Além disso nota-se o tema emergente na pesquisa e na prática de terapeutas ocupacionais.

Gráfico 3 — Distribuição dos artigos selecionados, por ano

Fonte: Elaboração própria.

Os 29 artigos inclusos foram publicados em 11 periódicos (Quadro 6). Oito foram publicados no *The American Journal of Occupational Therapy Journal* entre 1982 e 2022, mas apenas cinco estavam disponíveis online entre 2005 e 2022. A maioria das publicações se originam das entidades representativas de terapeutas ocupacionais.

Quadro 6 — Distribuição de artigos disponíveis e inclusos para a RE, separados por periódico (N = 29)

The American Journal of Occupational Therapy	8
Australian Occupational Therapy Journal	5
World Federation of Occupational Therapy Bulletin	6
Occupational Therapy Mental Health	3
Disability and Rehabilitation	1
Journal of Occupational Science	1
Militar Medicine	1
Brain Injury	1
Terrorism and Political Violence	1
Burns	1
Occupational Therapy Health Care	1

Fonte: Elaboração própria.

A análise do material resultou em 3 categorias (1) demandas de intervenções de terapeutas ocupacionais, (2) educação de pessoas, grupos, comunidades e de terapeutas ocupacionais (3) intervenções. Alguns artigos foram incluídos em mais de uma categoria

3.11.1 Demandas de intervenções de terapeutas ocupacionais

Alguns artigos documentam trajetórias de vida de pessoas e comunidades afetadas por emergências e desastres que não necessariamente partem de experiências em terapia ocupacional, mas abordam a profissão e os profissionais com o objetivo de facilitar e informar possibilidades de ações nesse campo de conhecimento, seja com pessoas, grupos e ou comunidades, considerando suas necessidades ou desafios. Para descrever melhor, subdividimos essa categoria em quatro temas:

Deficiências dos sistemas sociais

Alguns estudos apontaram que as pessoas com deficiência estão entre aquelas mais vulneráveis em um desastre (Duque *et al.*, 2013; Stark, 2013; Sinclair, 2014; Parente *et al.*, 2017; Rashad *et al.*, 2022) estando mais propensas a perderem as suas vidas (Parente *et al.*, 2017). Essa vulnerabilidade é exacerbada pela falta de planejamento inclusivo em situações de desastre, pela dificuldade de evacuação e transporte seguro (Parente *et al.*, 2017), e pela falta de provisão de dispositivos e equipamentos em contextos com poucos recursos (Stark, 2013). Uma pesquisa em Bangladesh demonstra esses desafios específicos enfrentados por pessoas com deficiência (Mahmud, 2014) e por idosos (Oakley, 2008) durante desastres.

Populações historicamente excluídas, mulheres, imigrantes e refugiados, e aqueles que vivem em áreas com poucos recursos também são identificados como tendo maior vulnerabilidades (Taylor *et al.*, 2011; Hossain *et al.*, 2013; Sinclair, 2014; Rashad *et al.*, 2022). Altuntas *et al.* (2021) pesquisaram a vida de sírios afetados, vivendo na Turquia, sob proteção temporária, e mostraram que eles enfrentaram incertezas em suas vidas, empobrecimento do repertório ocupacional e precariedades de emprego. Nesse sentido, para Stark (2013) terapeutas ocupacionais podem fazer contribuições valiosas para criar mudanças no nível macro do ambiente, incluindo estruturas de políticas e organização estrutural.

Reconhecimento e integração formal

Outro grupo de artigos centrou-se no reconhecimento e integração formal do papel de terapeutas ocupacionais, no qual a colaboração entre profissionais e organizações de

emergências e desastres foi reconhecida como vital para realizar os objetivos de planos de preparação e resposta a desastres (Duque *et al.*, 2013). O desenvolvimento de um plano nacional nas Filipinas demonstra esse esforço para posicionar a terapia ocupacional como parte integrante do plano nacional de redução, resposta e gestão de desastres do governo (Duque *et al.*, 2013).

A necessidade de equipes multidisciplinares para atender às demandas em situações de desastre, nas quais terapeutas ocupacionais podem contribuir, é enfatizada (Oakley, 2008; Lee *et al.*, 2019). Contudo, a presença de profissionais ainda é apontada como um desafio a ser superado (Duque *et al.*, 2013).

Instrumentalização para a prática profissional

Este tema reuniu artigos que analisaram exemplos, reflexões e possibilidades de ações de terapeutas ocupacionais em emergências e desastres. As contribuições são apresentadas de acordo com as fases da gestão de risco de desastres (preparação, resposta e recuperação), conforme demonstrado nos estudos analisados.

Fase de preparação

A inserção dos terapeutas ocupacionais foi pensada para ocorrer por meio da articulação com equipes de assistência, residências para pessoas com deficiência e agências nacionais, estaduais ou locais. Nessa fase, tem a importância do reconhecimento dos recursos disponíveis e dos planos de resposta, visando contribuir com o planejamento e fortalecimento das ações preparação para emergências e desastres (Scaffa *et al.*, 2006; Taylor *et al.*, 2011). Um estudo sugere ainda que terapeutas ocupacionais se filiem à alguma organização local e nacional (Scaffa *et al.*, 2006), além de colaborar com essas frentes envolvidas na garantia de planos que incluam meios de evacuações e acomodações em abrigos, especialmente para famílias com crianças, pessoas com deficiência e idosos (Taylor *et al.*, 2011). Lee *et al.*, 2019, recomendam ainda uma integração de intervenções em reabilitação física nesses planos de resposta.

Nesse sentido, alguns estudos apontam para a promoção da participação de pessoas, inclusive com deficiência, no planejamento, no desenvolvimento de sistemas de alerta precoce e ainda na compreensão de necessidades específicas (Mahmud *et al.*, 2014)

para os tipos de desastres que são mais frequentes em suas áreas (Taylor *et al.*, 2011). Além de propor a atuação do terapeuta ocupacional na manutenção de contato com autoridades governamentais, auxiliando na compreensão de necessidades dessas pessoas, grupos e ou comunidades (Scaffa *et al.*, 2006; Mahmud *et al.*, 2014).

Fase de resposta

Taylor *et al.* (2011) investigaram a satisfação com o desempenho ocupacional e o estado emocional de pessoas afetadas pelo furacão Katrina. Os autores destacaram que, nessa fase, o papel dos terapeutas ocupacionais pode incluir o apoio a populações vulneráveis em abrigos, auxiliando na transição para moradias temporárias e na realização de atividades de vida diária, além da provisão de cuidados em saúde mental (Taylor *et al.*, 2011; Pizzi, 2015). Esse apoio pode ser oferecido tanto aos afetados que estejam em abrigos de emergência quanto àqueles que permaneceram em suas próprias residências, abrangendo também pessoas que apresentam reações de estresse ou ansiedade (Oakley, 2008; Scaffa *et al.*, 2006). Ademais, os terapeutas ocupacionais podem contribuir com o cuidado em saúde mental voltado a socorristas e voluntários, que também podem ser impactados emocionalmente pelas situações de desastre (Scaffa *et al.*, 2006; Taylor *et al.*, 2011).

Oakley *et al.* (2008) descreveram a aplicabilidade das habilidades dos terapeutas ocupacionais nas equipes de resposta a desastres em saúde mental, destacando seu papel essencial no encorajamento dos indivíduos a retomarem suas rotinas diárias o mais rápido possível. Isso inclui a promoção do autocuidado básico, a disponibilidade para responder a perguntas sobre aspectos do desastre e a criação de um espaço seguro para que os afetados compartilhem suas histórias, caso desejem. Além disso, enfatizam a importância de transmitir esperança e resiliência, evitando a patologização do sofrimento e o reforço do desespero, assim como evidenciado por Pizzi (2015).

Scaffa *et al.* (2006) também partem dessa mesma premissa, de que a ocupação facilita a adaptação à mudança, na retomada do controle de suas vidas e até mesmo na superação de possíveis sentimento de culpa de afetados, em relação à falha em proteger a sua família ou de se proteger. Mencionam ainda que a atuação nesta fase também pode abranger o fornecimento de supervisão de funcionários e voluntários em abrigos para

necessidades especiais, visitas domiciliares ou telefonemas para aqueles que estão abrigados no local.

Fase de recuperação

Para Sima *et al.* (2017) a interrupção ocupacional e subsequente adaptação ocupacional, proporcionaram novos significados e prazeres nas rotinas ocupacionais de afetados pelo ciclone Yasi, na Austrália. Pizzi (2015) sugere que a participação em atividades que têm significado para o indivíduo é crucial para a recuperação física e psicológica após um desastre. Terapeutas ocupacionais podem facilitar essa participação, explorando interesses e habilidades e adaptando as atividades conforme necessário.

Outros estudos mostraram que o engajamento em novas ocupações ou ocupações anteriores, individualmente ou nas comunidades, podem reestruturar os hábitos e rotinas de afetados para lidarem de forma mais eficaz com o estresse e a ansiedade (Smith *et al.*, 2011; Mahmud *et al.*, 2014, Altuntas *et al.*, 2021), o que pode ainda aumentar o senso de domínio sobre seu ambiente e a participação em seus valiosos papéis de vida (Mahmud *et al.*, 2014).

Reflexão crítica

Os artigos do tema reflexão crítica expõem argumentos relacionados ao campo profissional, com o objetivo de repensar pressupostos teóricos e práticos e levar em conta a relevância dos profissionais para as demandas de pessoas, grupos e ou comunidades afetadas. As reflexões elucidaram como idade, cultura, gênero, classe socioeconômica e raça são variáveis elementares na compreensão das possibilidades de experimentação no cotidiano, nas ocupações das pessoas e bem-estar emocional. Essas reflexões dialogaram com a experiência de terapeutas ocupacionais nesse campo (Altuntas *et al.*, 2021; Mahmud *et al.*, 2014; Rashad *et al.*, 2022; Taylor *et al.*, 2011), prática com idosos (Oakley, 2008) e crianças (Stark, 2013) e no apoio de entidade representativa de terapeutas ocupacionais (Sinclair *et al.*, 2005).

Outro ponto é levantado por Simon (2005) ao discutir o lugar da terapia ocupacional em desastres. Tradicionalmente, assume-se que o terapeuta ocupacional é uma variável exógena, ou seja, alguém que intervém sem ser diretamente afetado. No

entanto, terapeutas ocupacionais podem ser respondentes e também afetados pelo mesmo desastre. Essa condição desafia o atual paradigma e implica em exigências emocionais complexas tanto para os profissionais quanto para as pessoas, grupos e comunidades atendidas. Reconhecer essa condição do terapeuta ocupacional é fundamental para repensar práticas de cuidado e estratégias de enfrentamento.

3.11.2 Educação de pessoas, grupos, comunidades e de terapeutas ocupacionais

Nesta categoria são propostos dois temas: 1. a educação profissional, e 2. a educação de pessoas, grupos e comunidades.

Educação profissional

Aspectos educativos foram apontados como uma preocupação recorrente em um conjunto de publicações entre 2005 e 2022, demonstrando uma clara convergência temática. Artigos desse eixo examinaram como os terapeutas ocupacionais foram, ou não estavam sendo preparados para a prática profissional em emergências e desastres (Smith *et al.*, 2011; Rashad *et al.*, 2022), destacando a necessidade de formação contínua (Sinclair *et al.*, 2005), inclusive no campo da resposta em saúde mental (Oakley, 2008). Observou-se que muitos profissionais não têm sido ativamente engajados nessa área de prática devido à falta de conhecimento e de habilidades específicas (Duque *et al.*, 2013). Além disso, outros autores enfatizaram a necessidade de inclusão formal desse tema nos currículos de formação em terapia ocupacional (Duque *et al.*, 2013).

Educação de pessoas, grupos e comunidades

Alguns artigos abordaram ainda a educação de pessoas, grupos e comunidades afetadas por desastres. A exemplo, um estudo com pessoas sob proteção temporária, na Turquia, apontou que a educação pode melhorar a integração de imigrantes (deslocados) na economia e na comunidade, e que o treinamento em idiomas poderia reduzir barreiras para o acesso a emprego e serviços de saúde (Altuntal *et al.*, 2021). Já em Bangladesh, os próprios participantes do estudo recomendaram o treinamento da comunidade para ajudar pessoas com deficiência, antes e durante desastres, a partir de métodos como aumento da

conscientização, simulações, linguagem de sinais e alertas (Mahmud *et al.*, 2014). A educação também é vista como uma forma de melhorar a integração, bem-estar de grupos deslocados, favorece a retomada de carreiras, restaura a participação em papéis, hábitos e rotinas valorizados (Altuntal *et al.*, 2021; Rashad *et al.*, 2022).

3.11.3 *Intervenção*

Este tema reuniu artigos, ainda que incipientes, que analisaram a prática de terapeutas ocupacionais com pessoas, grupos e ou comunidades em emergências e desastres, em suas diferentes fases. Para uma melhor compreensão, subdividimos esse tema: características, prioridades e áreas de interesse.

Características

Este tema reuniu artigos que analisaram as características das intervenções de terapeutas ocupacionais, nesse campo, e mostraram que há uma centralidade na ocupação (Simon, 2005; Scaffa *et al.*, 2006; Habib *et al.*, 2013; Stark, 2013; Sima *et al.*, 2017) com uma atenção individualizada, em sua maioria, e aplicável em diversas fases e contextos das emergências e desastres (Habib *et al.*, 2013; Hossain *et al.*, 2013; Stark, 2013).

Prioridades

Já os artigos deste subtema exploraram as prioridades de intervenção, as quais incluíram a segurança, acessibilidade, adaptação ocupacional e o bem-estar de populações em situação vulnerável, facilitação da participação ocupacional e a promoção da saúde mental (Habib *et al.*, 2013; Hossain *et al.*, 2013; Stark, 2013).

Áreas de interesse

As áreas de interesse são amplas, abrangendo desde a preparação para desastres (Habib *et al.*, 2013; Lee, 2014; Ching e Lazaro, 2021) até a recuperação, contudo são mais frequentes nas fases de resposta e recuperação (Hughes, 2006; Oakley, 2008; Habib *et al.*, 2013; Hossain *et al.*, 2013, Stark, 2013; Lee, 2014; Wu *et al.*, 2019).

3.12 Discussão

As publicações aqui examinadas discutiram principalmente recomendações gerais, possíveis contribuições de terapeutas ocupacionais e a necessidade de reconhecimento e integração formal, apesar de alguns artigos abordarem experiências com pessoas, grupos e ou comunidades afetadas. Nesse sentido, há uma urgência em avançar nessa área, para que possamos compreender a eficácia, limitação, desafios, apropriação de termos, noções e ou conceitos, diretrizes e regulamentações envolvidas no âmbito teórico-prático que articulem a terapia ocupacional com esse campo.

As demandas apontadas nos artigos são essenciais para orientar a prática de terapeutas ocupacionais, mas deve ser complementada pelo trabalho de pesquisadores, estudiosos críticos de desastres, ativistas que estudam e muitas vezes compõem a própria população de afetados por emergências e desastres e têm se esforçado para orientar lideranças governamentais, equipes de assistência e a sociedade sobre quais seriam as necessidades. Cabe aos profissionais e pesquisadores da área de terapia ocupacional contribuir com esta agenda com os seus conhecimentos e ações.

Dentre os resultados desta revisão de escopo, encontramos algumas noções que atravessam os três eixos apresentados anteriormente (demandas, educação, intervenções). Diferentes abordagens conceituais surgiram ao longo dos anos e podem ser classificadas em três principais momentos históricos e epistemológicos que compõem esse campo de conhecimento (Gilbert, 1998). Contudo, nesta pesquisa, pode-se perceber um paradigma dominante, até mesmo no artigo que se propôs a discutir conceitos nesse campo (Scaffa *et al.*, 2006). Apontando assim para uma lacuna na compreensão teórica, notadamente nas suas interfaces com a prática realizada por terapeutas ocupacionais.

Em geral, nesse paradigma encontrado nos estudos, uma ênfase é dada aos riscos que geralmente enfatiza os aspectos físicos e naturais (Quarantelli, 2005), enquanto um olhar sobre os desastres destacaria a natureza social desses fenômenos. Com poucas exceções, pouco pode ser feito sobre o primeiro, mas muito pode ser feito em relação ao último (Quarantelli, 2005). Essa lógica dos riscos, atualmente entende os desastres como eventos súbitos e inesperados (Horowitz e Remes, 2021), negligenciando as ações e omissões humanas, imbricadas em hesitações, interesses econômicos e políticos, preconceitos, negacionismos e até mesmo negligências.

Pesquisadores, ativistas e outras pessoas ao redor do mundo apontaram os perigos de manter essa perspectiva (Horowitz e Remes, 2021; Smith-Oliver, 2021). O paradigma estudado, especialmente em artigos de autores críticos sobre desastres, envolve uma série de noções inter-relacionadas, mas duas das noções mais fundamentais são as seguintes: (1) os desastres são fenômenos sociais inerentemente, e (2) a origem dos desastres se encontra na estrutura social ou no sistema social (Quarantelli, 2005)

É interessante notar que a maioria dos estudiosos de desastres nos países em desenvolvimento, atualmente, quase que automaticamente estabelece a relação entre desastres e o processo de desenvolvimento (Quarantelli, 2005). A conexão com a mudança social nesse contexto é clara, porém a maioria dos estudiosos de desastres, incluindo terapeutas ocupacionais, provém de países desenvolvidos, o que torna essa relação menos evidente para eles. Desse modo, permanece o desafio da clareza conceitual que não apenas aprimoraria a nossa compreensão teórica dos fenômenos de desastres, mas também proporcionaria conhecimentos valiosos para o planejamento e a gestão eficientes (Quarantelli, 2005).

É possível que apesar do reconhecimento do potencial dos terapeutas ocupacionais nesse campo, como apontado pela própria entidade representativa (Sinclair *et al.*, 2005), existam desafios na implementação de seu papel em desastres que vão além das dificuldades relatadas em relação a cultura, idioma ou até mesmo na falta de familiaridade com os sistemas de organização (Sinclair *et al.*, 2005), pois há uma convergência clara dos estudos sobre a necessidade urgente de educação e treinamento formalizados, nesse campo, para terapeutas ocupacionais (Smith *et al.*, 2011; Mahmud *et al.*, 2014).

Ainda que várias iniciativas estejam em andamento para abordar essa necessidade, como workshops, desenvolvimento de currículos e recursos online, conforme apresentado por (Scaffa *et al.*, 2006; Smith *et al.*, 2011; Duque *et al.*, 2013; Rashad *et al.*, 2022). No entanto, existem lacunas significativas em termos de oportunidades de atuação, reconhecimento formal de entidades da área, desenvolvimento de habilidades e conhecimentos específicos (Taylor *et al.*, 2011). Nesse sentido, cabe considerar que ter um foco na gestão de risco de emergências e desastres, ou seja, ter como cerne do planejamento a visão de que riscos levam aos desastres, pode ser uma avaliação ingênua (Quarantelli, 2015):

Para dizer a verdade, o perigo pode às vezes existir. No entanto, o perigo, na medida em que ele existe (difícilmente o encontramos em situações de fome,

nevascas, desastres tecnológicos, explosões de ônibus espacial, ataques terroristas, como o de 11/09) representa um fator, e não necessariamente o mais importante. (p.40)

Para Quarantelli (2015), uma das vantagens desse posicionamento é a possibilidade de prever desastres antes que ocorram, evitando-se assim as consequências irreparáveis, como a perda de vidas. Contudo, devemos considerar toda a diversidade de recursos, sejam eles históricos, atuais ou até mesmo hipotéticos, buscando orientações que superem os riscos (Smith-Oliver, 2015; 2021). Ou seja, utilizarmos de nossa leitura do contexto, ao longo do tempo, e aprendermos ainda acerca dos efeitos prejudiciais do neoliberalismo. Além disso, implementar ações de resistência à lógica que negligencia a exploração de ecossistemas e a produção de mais vulnerabilidades. A exemplo, os manifestos que denunciam a imposição de riscos, a assistência inadequada ou mal distribuída, a falta de transparência nos planos de contingência e ou reconstrução, e o deslocamento e reassentamento de *populações vulneráveis*, entre outras formas de engajamento político (Checker, 2017; Oliver-Smith, 2021).

Nesse sentido, tomamos à exemplo um estudo filipino que descobriu que terapeutas ocupacionais estavam mais envolvidos nas fases de resposta e recuperação (Duque *et al.*, 2013), enquanto outro estudo em Bangladesh sugeriu maior envolvimento na preparação e recuperação (Mahmud *et al.*, 2014). Apesar do consenso acerca do papel de terapeutas ocupacionais que é notado nas diferentes fases, como apontado (Sinclair *et al.*, 2005), o nível de envolvimento relatado pelos profissionais pode variar e essas diferenças podem refletir as estruturas organizacionais e as necessidades específicas de cada contexto. Cabe indagar se, em parte, o foco está se descolando de uma preocupação com as características físicas do risco para os fatores sociais. É preciso estarmos atentos ao processo.

As mudanças sociais irão transformar o tipo e os números de desastres, assim a natureza do planejamento e a gestão futura devem levá-las em consideração (Quarantelli, 1999). Em nossa compreensão, para que políticas adequadas sejam estabelecidas, programas executados e medidas implementadas em todas as etapas do planejamento e gestão (prevenção, preparação, mitigação, resposta e recuperação), as decisões e interações entre terapeutas ocupacionais, grupos, líderes e organizações precisam levar em conta que os desastres são, em sua essência, fenômenos sociais.

A colaboração com outras agências e o desenvolvimento de planos nacionais, como a experiência nas Filipinas, demonstram esforços para integrar a terapia

ocupacional no gerenciamento de desastres (Duque *et al.*, 2013). A Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais (WFOT) também desempenha um papel de apoio, informando governos e organizações sobre o papel da terapia ocupacional, inclusive com *populações vulneráveis*. Nesse sentido, os achados convergem na ideia de que os desastres afetam pessoas, grupos e populações de modo desproporcional (Taylor *et al.*, 2011; Mahmud *et al.*, 2014). As diferentes formas de viver de populações afetadas, sobretudo aquelas com menor nível socioeconômico, influenciam os impactos negativos que surgem em situações de desastres, ou seja, precisamos olhar as vulnerabilidades, as deficiências dos sistemas sociais (Quarantelli, 2015).

Espera-se romper a lógica do risco, para adotar uma perspectiva que enfatize a reversão das vulnerabilidades (Cutter, 2001). Nesse sentido, a terapia ocupacional, a partir de seus diversos pressupostos teóricos e metodológicos, pode continuar desenvolvendo novos recursos para que profissionais comprometidos com a participação de todos no convívio social possam se dedicar a ações que apontem para uma sociedade mais justa, além das necessárias compreensões sobre os fenômenos relacionados aos desastres.

3.13 Limitações do estudo

Uma das limitações deste estudo decorre da disponibilidade de bancos de dados relevantes para o ambiente acadêmico, os quais, contudo, apresentam inadequações quanto aos interesses profissionais. Porém, buscando minimizar essa limitação selecionamos bases de dados que reúnem os maiores números de revistas de terapia ocupacional em todo o mundo, além de utilizarmos o único serviço de indexação e busca on-line que contém resumos de periódicos globais de terapia ocupacional desde 1970. Ademais, embora a literatura cinzenta pudesse ter sido incluída, consideramos apenas artigos de revistas acadêmicas, revisado por pares. Além disso, consistente com as diretrizes da revisão do escopo, não realizamos uma avaliação do nível de evidência dos artigos revisados, denotando assim uma perspectiva inicial e exploratória. A inclusão de publicações de diferentes países resultou na ausência de um aprofundamento das particularidades e dos contextos geopolíticos de cada um deles. Ou seja, a diversidade de origens das publicações dificultou uma análise detalhada e comparativa das situações políticas, sociais, econômicas ou culturais específicas de cada país. No entanto, esperamos que estudos futuros e em andamento superem essas limitações.

3.14 Conclusões

Esta revisão de escopo revelou que, embora a terapia ocupacional esteja gradualmente se inserindo no campo das emergências e desastres, sua prática ainda é fortemente moldada por paradigmas limitadores, centrados em noções tecnicistas de risco e respostas reativas. A compreensão dos desastres como construções sociais, e não meramente como eventos naturais inevitáveis, permanece marginal na maioria das publicações analisadas, evidenciando a urgência de uma virada epistemológica e política no campo.

A perpetuação de uma lógica que desconsidera os fatores estruturais que produzem e amplificam as vulnerabilidades sociais compromete não apenas a eficácia das intervenções, mas também a própria ética da prática profissional. Sem uma análise crítica das desigualdades, das omissões institucionais e das violências históricas que atravessam os desastres, a atuação de terapeutas ocupacionais corre o risco de naturalizar injustiças e reforçar dinâmicas de exclusão. Dessa maneira, torna-se imperativo que a terapia ocupacional avance para além da gestão dos efeitos dos desastres e se comprometa com práticas que visem a transformação das condições que os geram. Isso implica revisitar a formação acadêmica, construir referenciais teóricos críticos, dialogar com saberes contra hegemônicos e se engajar ativamente nos processos de resistência e reconstrução social.

Finalmente, a contribuição da terapia ocupacional para o campo das emergências e desastres dependerá menos da adaptação a modelos tradicionais de gestão de risco e desastres e mais da capacidade de afirmar, com clareza, a centralidade da justiça, da equidade e da participação comunitária como princípios orientadores de sua prática.

Me bateu a pergunta meio a esmo
Na verdade, o Brasil o que será?

O Brasil é o homem que tem sede?
Ou quem vive da seca do Sertão
Ou será que o Brasil dos dois é o mesmo?
O que vai e o que vem na contramão?

O Brasil é um caboclo sem dinheiro?
Procurando o doutor nalgum lugar
Ou será o professor Darcy Ribeiro?
Que fugiu do hospital para se tratar

O Brasil é o que tem talher de prata?
Ou aquele que só come com a mão?
Ou será que o Brasil é o que não come?
O Brasil gordo na contradição

O Brasil que bate tambor de lata?
Ou que bate carteira na estação?
O Brasil é o lixo que consome?
Ou tem nele o maná da criação?

Brasil, Mauro Silva, Dunga e Zinho
Que é Brasil zero a zero e campeão?
Ou o Brasil que parou pelo caminho?
Zico, Sócrates, Júnior e Falcão?

O Brasil é uma foto do Betinho?
Ou um vídeo da favela Naval?
São os trens da Alegria de Brasília?
Ou os trens de subúrbio da central?

Brasil-Globo de Roberto Marinho?
Brasil bairro: Garotos Candeal?
Quem vê, do Vidigal, o mar e as ilhas?
Ou quem das ilhas, vê o Vidigal?

O Brasil alagado, palafita?
Seco açude de sangrado, chapadão?
Ou será que é uma Avenida Paulista?
Qual a cara da nação?

A gente é torto igual Garrincha e Aleijadinho?
Ninguém precisa consertar
Se não der certo, a gente se vira sozinho
De certo então nada vai dá

4 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Este estudo inscreve-se na tradição do pensamento crítico, paradigma científico da teoria crítica (Freire, 1994; Horkheimer, 1937; Wacquant, 2004), o qual incluirá não apenas a compreensão das narrativas mais frequentes, como buscará revelar os possíveis silenciamentos manifestos em uma situação de desastre (Santos, 2018). Trata-se de ouvir o que terapeutas ocupacionais têm a dizer, mas também de tentar compreender os seus silêncios.

4.1 Estudo de caso único: contribuições para o campo das emergências e desastres

Este estudo investigou um caso único, de tipo intrínseco (Andre, 2013). Estudos de casos têm sua origem na sociologia e antropologia no final do século XIX e início do XX, e conta com ampla tradição em pesquisas na área de ciências humanas, sociais e de saúde (Andre, 2013; Mazzoti, 2006).

Estudos de casos podem ser de tipo único ou múltiplo, respectivamente, com foco em uma unidade ou em vários estudos conduzidos simultaneamente, com vários indivíduos, várias organizações, por exemplo (Yin, 2007). A vantagem em aderir a um estudo de caso, encontra-se na possibilidade de incluir uma diversidade de fontes de pesquisa, na interdisciplinaridade e na multirreferencialidade, sem deixar escapar a complexidade da realidade social (Yin, 2007), além de favorecer a compreensão de um fenômeno sobre o qual há interesse comum (Andre, 2013).

Estudos de caso têm sido alvo de críticas pela comunidade científica em virtude de equívocos e certa ambiguidade na sua concepção e abordagem (Mazzoti, 2006; Yin, 2007). No entanto, a escolha do estudo de caso foi valiosa neste projeto por se alinhar à questão de pesquisa que envolveu examinar empiricamente o *como* e *por que* das escolhas de terapeutas ocupacionais no campo das emergências e desastres, a partir de um contexto contemporâneo de acontecimentos, além de favorecer a compreensão de um fenômeno sobre o qual há interesse comum (Yin, 2007; 2015).

4.1.1 *O caso da Boate Kiss*

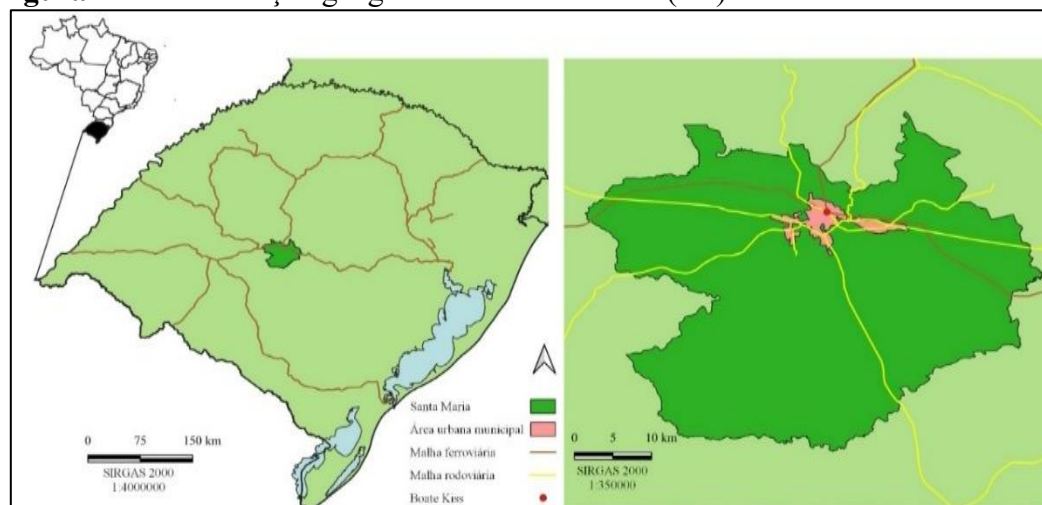
O caso está localizado no centro geográfico do estado do Rio Grande do Sul (RS), na cidade de Santa Maria, considerada a quinta maior cidade do estado, a qual abriga aproximadamente 300 mil pessoas (IBGE, 2022). Cidade que originalmente foi concebida como Santa Maria da Boca do Monte, constituída por um povo que lidou e sofreu com as guerras, como a Revolução Farroupilha (1835–1845), a Revolução de 1923 e o bombardeio ocorrido em 1926 (Belém, 1989). Cidade que originalmente foi concebida como Santa Maria da Boca do Monte, constituída por um povo que lidou e sofreu com as guerras, como as revoluções e sedição Farroupilha em 1830, com a insurreição de 1923 e o bombardeio em 1926 (Belém, 1989)¹⁵.

Acordada em sobressalto a pacífica população do bairro em que está situado aquele imóvel do Estado [quartel da Brigada Militar], cada qual tratou de forrar, pelo lado interior, as frágeis paredes de sua casa de madeira, para que não fosse fuzilado por balas perdidas, dentro de sua própria habitação. Três horas durou a fuzilaria intensa, levando o desassossego a todos os lares, pois que toda população acordou. E, com o coração nas mãos, assistia, com a imaginação, o desenrolar da pavorosa tragédia que seus olhos não viam, mas que o estampido das armas de guerra lhe fazia chegar aos ouvidos. (Belém, 1989, p. 245).

A cidade passou por uma evolução política-administrativa, populacional, urbana, educacional, socioeconômica, cultural, ambiental e institucional. No século XIX com a chegada da ferrovia, por mais de um século, foi o maior centro ferroviário do interior do RS (Dias, 1986). Posteriormente, tornou-se um centro militar relevante, com a construção de mais de vinte quartéis. Ademais, com a fundação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em dezembro de 1960 (Lei n. 3.834-C, de 14 de dezembro de 1960), e a integração do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), em 1970 (Pasqualoto et al., 2016), consolidou-se como polo educacional e hospitalar de referência na região.

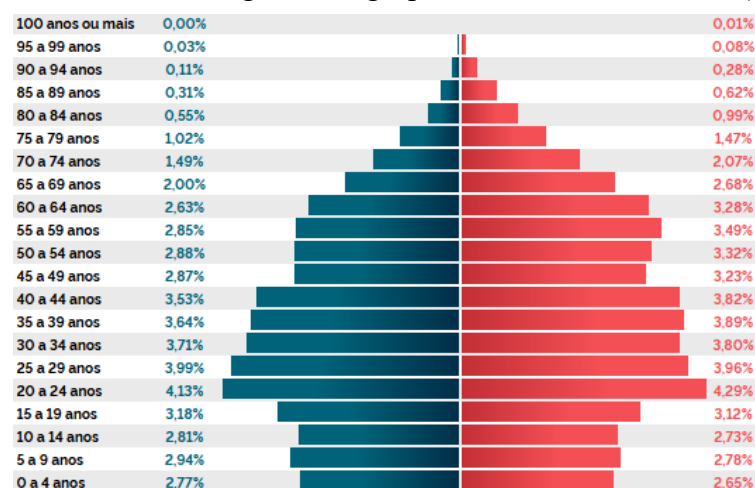
A UFSM desde sua criação abriga um conjunto contínuo de prédios modernistas, os quais romperam com o ecletismo arquitetônico dominante brasileiro e relacionado com a matriz econômica determinada pela atividade ferroviária do período, o que transformou a paisagem urbana para acomodar a nova realidade emergente na sociedade santamariense (Ribeiro, 2018).

¹⁵ Esta obra foi originalmente publicada em 1933, pela Editora Selbach, em Porto Alegre, sendo reeditada pela Editora da UFSM em 1989.

Figura 4 — Localização geográfica de Santa Maria (RS) e acessos rodoferroviários

Fonte: Elaboração própria.

A cidade possui mais de sete hospitais, além do HUSM, totalizando aproximadamente 865 leitos, além de possuir uma unidade da Cruz Vermelha Brasileira. Atualmente é considerada uma cidade universitária, concentrando sete instituições de ensino superior, sendo que apenas a UFSM abriga aproximadamente 30 mil alunos da América Latina (CPD/SIE UFSM, 2023). Portanto, possui muitos jovens (Gráfico 04) que ali estão apenas para cursar uma faculdade, jovens da região e mesmo de outros estados ou da própria capital e de países vizinhos. Outra parcela de sua juventude são os cabos que começam sua vida militar no local. Para além desse grupo, muitos outros militares residem na cidade em razão da ampla presença de instituições militares, que incluem hospital militar, base aérea e diversos quartéis.

Gráfico 4 — Pirâmide etária, segundo os grupos de idade Santa Maria (RS), 2022

Fonte: IBGE, 2022.

Com isso, a cidade possui muitos eventos científicos e festas universitárias. Alunos arrecadam dinheiro para as formaturas por meio da organização de festas. Particularmente em janeiro de 2013 uma festa organizada em sua maioria pelos alunos das ciências rurais com apoio dos alunos de terapia ocupacional, tendo recebido como nome *Agromerados*, ocupou um dos locais mais atrativos da época, a Boate *Kiss*, ao som da banda Gurizada Fandangueira, popularmente conhecida na ocasião. A festa foi realizada na noite de 27 de janeiro de 2013, a qual ficou conhecida, internacionalmente, pela ocorrência de um incêndio não controlado e consequente magnitude de afetados.

4.1.2 A Boate Kiss

Inaugurada em julho de 2009, com três sócios, localizada na rua Andradas, nº 1925, no centro, na região ferroviária de SM com a sua estação poucos quarteirões abaixo, em frente ao estacionamento do Carrefour e entre prédios residenciais, em um local onde anteriormente funcionava um cursinho pré-vestibular. Na época o local passou a atrair um alto número de universitários, principalmente após o fechamento do DCE da UFSM, período em que suas festas tiveram uma superlotação de aproximadamente 1500 pessoas.

A Boate *Kiss* contava com três ambientes principais, um bar central de madeira com uma parede luminosa, uma pista de dança com um palco à frente, onde tocavam as bandas, opostamente à saída, e ainda à direita ao fundo com um pub. Tendo capacidade de lotação de aproximadamente até 600 pessoas e apenas uma saída (conforme inquérito nº. 94/2013/150501, da 1ª Delegacia de Polícia de Santa Maria-RS)

Figura 5 — Palco da Boate *Kiss*, Santa Maria (RS)



Fonte: Palco em maquete apresentado pelo Ministério Público
Foto: Reprodução/UFSM.

Desde sua fundação, a Boate *Kiss*, segundo Arigony (2023), nunca esteve atuando completamente regular. Como exemplo, foram tomadas medidas corretivas a partir de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado com o Ministério Público, em função de poluição sonora. No curso da adequação, um novo sócio, empresário conhecido por sua expertise em casas noturnas em SM, passou a integrar e adaptações estruturais foram realizadas, como a inserção de espumas altamente inflamáveis e vedação de janelas.

Figura 6 — Desenho esquemático do interior da Boate *Kiss*, Santa Maria (RS)



Fonte: IGP – RS.

4.1.3 *A noite que não termina: 27 de janeiro de 2013*

Embora aquelas horas de aflição e angústia permaneçam vivas na memória, especialmente de afetados, familiares, amigos e moradores, é necessário, ainda que doloroso, reproduzir os fatos. A seguir, trago as informações compiladas a partir de documentos públicos e do inquérito policial que investigou os acontecimentos do incêndio na Boate *Kiss*.

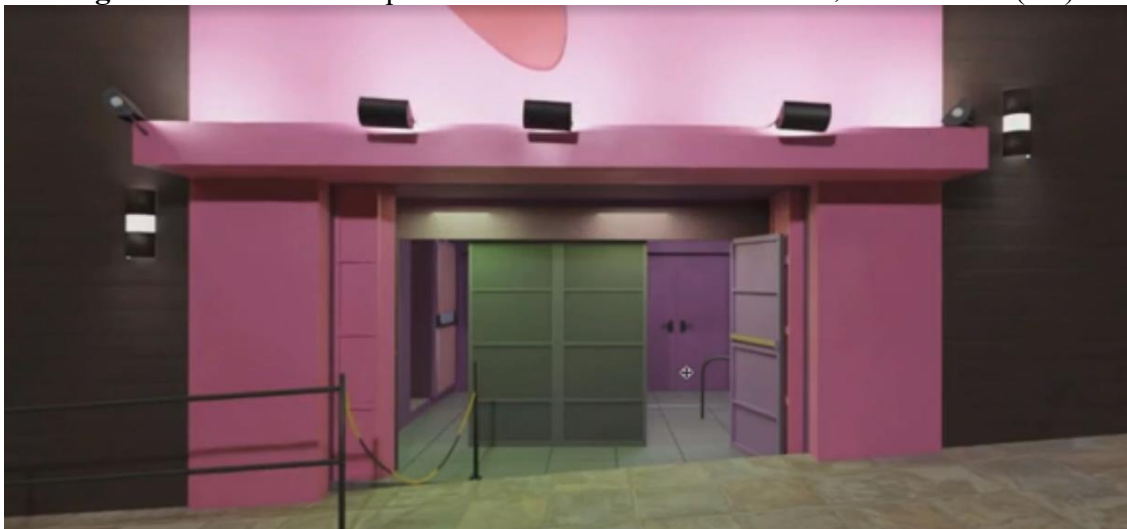
Pouco antes das três horas da manhã do dia 27 de janeiro de 2013, o vocalista da banda Gurizada Fandanguera, com um artefato pirotécnico em sua mão, direcionou-o ao teto da Boate, e a partir de uma faísca, imediatamente pega fogo na espuma, revestida de poliuretano, material altamente inflamável (Inquérito nº. 94/2013/150501, da 1ª Delegacia de Polícia de Santa Maria-RS).

Vale destacar que tal investigação concluiu que o produtor da banda agia de forma totalmente amadora, pois não possuía qualquer treinamento quanto ao uso desses materiais, extremamente perigosos. Contudo, presume-se que o produtor sabia que os fogos de artifício que adquiria eram para uso externo, porém, mesmo assim, utilizava-os em locais fechados, pois o preço destes era muito inferior aos dos fogos de artifício para uso interno, os quais custaram cerca de R\$ 2,50 (dois reais e cinquenta centavos), em detrimento dos internos, que custavam aproximadamente R\$ 50,00 (cinquenta reais) (Inquérito nº. 94/2013/150501, da 1ª Delegacia de Polícia de Santa Maria-RS).

O fogo se espalhou rapidamente, no ambiente fechado, além de uma cortina de fumaça intensa e tóxica que se formou liberando cianeto (Inquérito Policial nº. 94/2013/150501). Algumas pessoas correram em direção aos extintores, que não funcionavam, enquanto outras tentaram se dirigir à única saída da Boate. O inquérito informou que a comunicação dos seguranças que estavam nos fundos da Boate com aqueles que estavam na porta de saída foi tardia, não havia comunicação via rádio entre eles e muito menos treinamento para lidar com incêndio, nessas circunstâncias a saída foi barrada, por pensarem que estavam saindo sem pagar a comanda, por aproximadamente dois minutos, determinantes para que uma aglomeração acontecesse e agravasse a situação. Não havia saídas de emergência no local (Inquérito nº. 94/2013/150501, da 1ª Delegacia de Polícia de Santa Maria-RS).

Em poucos instantes houve uma queda de luz, o que causou desorientação espacial nas pessoas, somado ao fato de que não havia iluminação adequada indicando a saída, pois todas as saídas levavam para o caixa. Os únicos pontos luminosos eram os banheiros, tendo feito com que muitos se dirigissem para este local. Os demais que conseguiram ir em direção à porta de saída, em sua maioria foram barrados por guarda corpos que regulavam o fluxo de entrada na casa noturna, restringindo, a saída da Boate. Posteriormente ficou evidente que essa situação provocou aglomeração, esmagamento, desmaio, queda da própria altura, empilhamento e pisoteio (Inquérito nº. 94/2013/150501, da 1ª Delegacia de Polícia de Santa Maria-RS).

Figura 7 — Desenho esquemático da entrada da Boate *Kiss*, Santa Maria (RS)



Fonte: G1. RBS TV Rio Grande do Sul, 2021.

4.1.4 *A longa trajetória do caso Kiss: entre a dor e a (in)justiça*

O caso, inicialmente investigado pela Polícia Civil do Estado do Rio Grande do Sul, resultou na instauração de inquérito policial com o objetivo de elucidar o ocorrido. A partir disso, o Ministério Público ofereceu denúncia em face dos réus. O feito, originalmente registrado sob o número 027/2.13.0000696-7, seria, conforme a regra de competência, processado e julgado pela 1ª Vara Criminal da Comarca de Santa Maria. Contudo, alegaram que em virtude da intensa comoção social no município, da magnitude dos acontecimentos, do número de envolvidos e da ampla repercussão, o processo foi desaforado, sendo os autos remetidos à Comarca de Porto Alegre, para julgamento pela 1ª Vara do Júri, 2º Juizado, nos termos de recurso provido, por maioria, pela Primeira Câmara Criminal do Egrégio Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul.

Assim, passou a tramitar sob o número 001/2.20.0047171-0, sendo posteriormente renumerado, em razão de atualização dos sistemas processuais, para 51231853020208210001. Concluídos os atos processuais típicos e as intercorrências processuais, incluindo a interposição de recursos às instâncias superiores, o Tribunal do Júri foi instalado em 1º de dezembro de 2021, encerrando-se em 10 de dezembro de 2021, ocasião em que o Conselho de Sentença condenou quatro réus. O réu A foi condenado à

pena de 22 anos e 6 meses de reclusão; o réu B, a 19 anos e 6 meses; e os réus C e D, a 18 anos de reclusão, cada um¹⁶.

Na sequência, os réus do caso da Boate *Kiss* foram colocados em liberdade em 3 de agosto de 2022, devido recurso ao Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, que, à época, anulou o julgamento. Contra essa decisão, foi interposto outro recurso ao Superior Tribunal de Justiça, cuja Sexta Turma, por maioria, manteve a anulação do júri em setembro de 2023.

Até quando a impunidade vai servir à injustiça?.
AVTSM

Também foi manejado recurso ao Supremo Tribunal Federal, que inicialmente suspendeu a realização de novo júri, previsto para 26 de fevereiro de 2024. Posteriormente, em decisão monocrática e definitiva, proferida em setembro de 2024, foi reconhecida a validade do júri anteriormente realizado e, conseqüentemente, confirmadas as condenações. Para tanto, o Ministro José Antônio Dias Toffoli determinou o imediato recolhimento dos réus à prisão, com fundamento no Recurso Extraordinário nº 1235340, julgado por aquela Corte, que reconheceu, por maioria, a soberania das decisões do Tribunal do Júri e a possibilidade de execução imediata das penas impostas, sob a repercussão geral do Tema 1068.

O Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, por sua vez, adotou providências relativas à gestão processual do caso *Kiss*. A Primeira Câmara Especial Criminal encaminhou expediente à Segunda Vice-Presidência, instância responsável pelo controle dos feitos remetidos ao Superior Tribunal de Justiça e ao Supremo Tribunal Federal, para apuração da existência de decisões ou circunstâncias que pudessem obstar o prosseguimento do julgamento no âmbito estadual. Na ocasião, reiterou-se a necessidade *de absoluta transparência e clareza* na condução dos atos processuais.

Em 3 de fevereiro de 2025, o Supremo Tribunal Federal rejeitou os Agravos Regimentais interpostos pelas defesas, acolhendo o Recurso Extraordinário nº 1486671, apresentado pelo Ministério Público Federal e pelo Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, que pleiteava a manutenção da validade do júri anteriormente realizado.

¹⁶ Conforme consulta online das informações do processo do caso *Kiss* pelo TJRS, consta-se “Segredo de Justiça”. Por essa razão, o nome das partes foi omitido, embora seja notoriamente publicizado nos sistemas de comunicação de massa e até mesmo pelo referido tribunal.

Três votos favoráveis à manutenção da condenação foram proferidos pelos Ministros José Antônio Dias Toffoli, Gilmar Mendes e Edson Fachin; ao passo que dois votos divergentes, favoráveis à manutenção do acórdão do Tribunal de Justiça estadual, foram proferidos pelos Ministros André Mendonça e Nunes Marques (STF, 2025).

Segundo informações do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, não há mais possibilidade de recursos quanto à validade do júri em questão. Decorrido o prazo para eventual oposição à referida decisão, os autos deverão retornar ao Tribunal de Justiça estadual para análise de demais questões suscitadas pela defesa que permanecem pendentes de apreciação.

Em termos quantitativos, foram realizadas 182 oitivas, incluindo afetados e testemunhas. Destas, cem foram conduzidas na Comarca de Santa Maria, além de outras onze, realizadas em sete municípios do Rio Grande do Sul e três localizados nas regiões Sul e Nordeste do país. Também foram ouvidos 18 peritos nas cidades de Porto Alegre e Santa Maria. O processo conta com aproximadamente 19 volumes, totalizando aproximadamente 19.100 páginas. Os quatro acusados respondem por homicídio simples, sendo 242 vezes na forma consumada e 636 vezes na forma tentada.

Decorrente da ação penal principal, instauraram-se outros cinco processos, todos tramitados e julgados na Comarca de Santa Maria. Três deles tramitaram na 1ª Vara Criminal: i) ação penal com oito réus acusados por falso testemunho (nº 027/2130006199-2); ii) processo com um réu acusado por fraude documental, arquivado em 2019 (nº 027/2130006197-6); e iii) processo com onze réus imputados pela prática de falsificação de assinaturas e outros documentos relacionados à abertura da Boate, com sentença proferida em 2023 (nº 027/2140011071-5). Os demais processos tramitaram na 1ª Vara Cível Especializada em Fazenda Pública, sendo: uma ação indenizatória proposta pela Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul e pela Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (nº 027/2140011071-5), atualmente suspensa até o julgamento da ação cautelar nº 027/1130006788-8, também de autoria da Defensoria Pública do Estado.

Nesse sentido, ainda não encerrado, o processo retorna ao Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul a atender outros pontos a serem avaliados e julgados. Embora o transcurso do tempo se amplie, dilatado por 12 anos desde o incêndio, exige-se celeridade. A exemplo, a atuação persistente de familiares e afetados, especialmente por meio da Associação de Vítimas da Tragédia de Santa Maria (AVTSM), no controle social e

testemunho contundente da urgência por um sistema judiciário mais célere e sensível à dor.

Outro coletivo que merece destaque, constitui-se ao final do ano de 2013. André Polga, amigo de dois afetados fatalmente pelo incêndio na Boate *Kiss*, criou o perfil ***Kiss que não se repita*** na rede social Instagram, com o intuito de que fosse um espaço para o luto vivido por familiares, sobreviventes e amigos. Desde então, o perfil tem ganhado grande repercussão e é considerada a maior rede de informações e de memória sobre o incêndio, contando com aproximadamente 157 mil seguidores, situados em sua maioria no Brasil, Argentina, Portugal e Estados Unidos. Alguns apoiadores desse coletivo têm desenvolvido ações anuais e mobilizações presenciais com a missão de manter viva a memória do desastre, inserindo pautas inclusivas, a partir da vivência de sobreviventes, além de intencionarem alcançar pessoas, grupos e ou comunidades que foram afetados por emergências e ou desastres similares, em nível nacional e global. O perfil também tem atuado como fonte de informação e articulação para aqueles que lideram a busca por justiça e contribuem para conquistas sociais e políticas significativas. Um exemplo disso é a Lei 6.839, sancionada em novembro de 2023, que instituiu a semana em memória às *vítimas*, celebrada oficialmente no calendário municipal de Santa Maria, entre os dias 21 e 27 de janeiro.

Outro marco simbólico na luta por memória, justiça e reparação, reflexo da morosidade judicial, mas uma conquista alcançada pela resistência da AVTSM em parceria com o Ministério Público do Rio Grande do Sul e a Prefeitura de Santa Maria, é a construção de um memorial, oficialmente aceito em 12 de maio de 2023, com início das obras em 10 de julho de 2024. Intenciona-se homenagear afetados, mas também servir como um espaço de reflexão sobre a importância da segurança em locais de entretenimento e da responsabilidade das autoridades na fiscalização desses espaços.

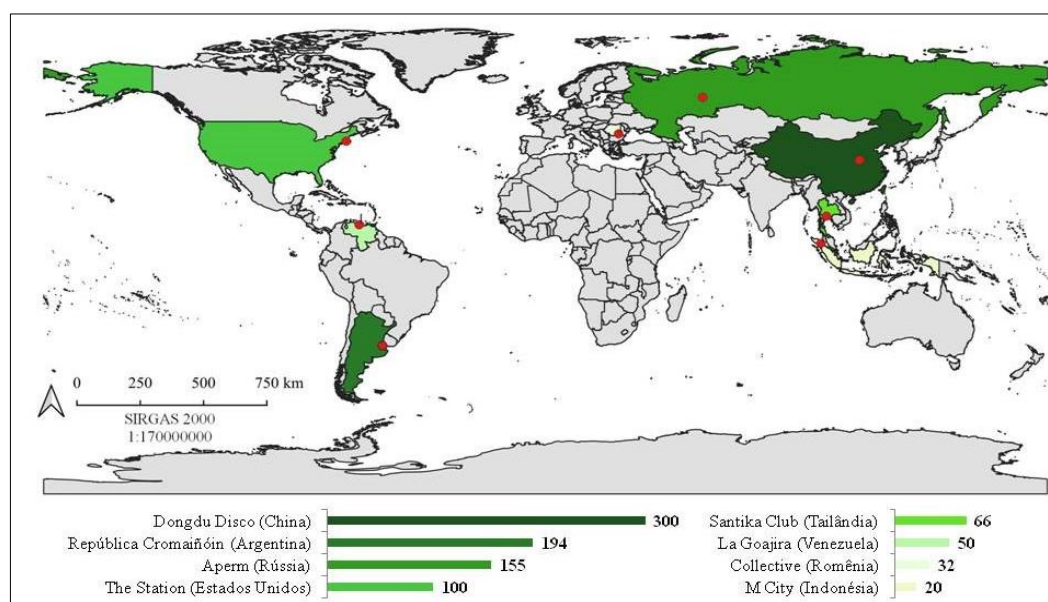
Impõe-se reconhecer que a trajetória processual do caso *Kiss*, marcada por sucessivas decisões, recursos e revisões, não apenas expôs os limites da justiça brasileira em atuar com celeridade aos efeitos dos desastres. Nesse sentido, a morosidade institucional afeta não só o direito à justiça, mas a própria dignidade, inclusive de familiares, pois muitos envelheceram, adoeceram ou faleceram sem testemunhar a conclusão desse processo. O que reafirma a urgência de se repensar o sistema de justiça brasileiro, para que este se torne mais ágil, acessível e atento à dimensão humana dos litígios que julga, especialmente diante dos desastres que atravessam o tempo e marcam

profundamente a história de afetados e da sociedade. Enquanto não há um desfecho definitivo, a repetição de situações similares permanece latente, como veremos no próximo tópico.

4.1.5 Casos semelhantes em casas noturnas encontrados na literatura: a história se repete

Casos semelhantes ao da Boate *Kiss* ocorreram ao longo dos últimos anos, ao redor do mundo, contemplando as mesmas sucessões de erros em casas noturnas, em decorrência da falta de estratégias para emergências, superlotação, desconhecimento de saídas de emergências, material tóxico e inflamável para isolamento acústico, além da ausência de percepção, pelo público juvenil, perante os riscos escondidos por detrás de estruturas supostamente seguras.

Figura 8 — Casos semelhantes em casas noturnas encontrados na literatura e número de afetados fatais



Fonte: Elaboração própria.

Vale destacar que, mesmo após o desastre da *Kiss*, o Brasil continua a registrar episódios de negligência que resultam em perdas irreparáveis. Um exemplo recente é o incêndio ocorrido na Pousada Garoa, situada na Avenida Farrapos, bairro Floresta, em Porto Alegre, local que abrigava pessoas em situação de vulnerabilidade social. De acordo com informações do Corpo de Bombeiros, a edificação operava de forma irregular, sem alvará de funcionamento e sem Plano de Prevenção e Proteção Contra Incêndios (PPCI). O incêndio causou a morte de 11 pessoas e deixou outras 15 feridas (Correio do Povo,

2024). Esse episódio evidencia como, mesmo diante a repercussão, dor e longa trajetória judicial, como a da *Kiss*, a ausência de fiscalização efetiva e de políticas públicas eficazes permite a repetição de desastres, reforçando a urgência de medidas voltadas à prevenção, fiscalização, à responsabilização célere e à proteção da vida.

4.2 Desenho do Estudo

Ao visar a garantia de ampla análise do caso estudado e, igualmente, articular um cuidadoso diálogo entre terapeutas ocupacionais e a pesquisadora, este estudo utilizou de fontes complementares de evidências (adaptado de YIN, 2007, p. 107-119).

4.2.1 Primeira fase: revisão de literatura

Uma RE, segundo a metodologia preconizada pelo Joanna Briggs Institute (JBI), em seu capítulo para revisões de escopo (Peters *et al.*, 2020; 2024) e recomendações da Extensão PRISMA para revisões de escopo (PRISMA-ScR): lista de verificação e explicação (Tricco *et al.*, 2018) foi conduzida. Uma busca ampla na literatura foi realizada e 28 artigos fizeram parte da extração de dados e produção do relatório final (Peters *et al.*, 2024).

4.2.2 Segunda fase: análise documental e observação preliminar de campo

No segundo semestre de 2022 foi realizada uma visita à região para conhecer os planos de um memorial para os afetados, recolhimento de material jornalístico, conhecer o trabalho da *associação dos familiares de vítimas e sobreviventes da tragédia de Santa Maria* (AVTSM), compreender as ações dos coletivos de psicanálise (eixo *Kiss*) e *Kiss* que não se repita, serviços de saúde e reabilitação encarregados de assistir à comunidade afetada, etc. Na ocasião não foram realizadas entrevistas específicas com pessoas, apenas a familiarização com o contexto. Conversas informais com moradores, taxistas, sobreviventes, comerciantes, policiais militares, permitiram acessar a memória coletiva sobre o desastre da Boate *Kiss*, e ajudaram a preparar as fases seguintes.

4.2.3 *Terceira fase: Ouvir terapeutas ocupacionais*

4.2.3.1 Etapa i: Recrutamento (convite) de participantes para a pesquisa

O recrutamento de participantes para o estudo de caso ocorreu por meio do método bola de neve (Bernard, 2005). Nesta fase a pesquisadora não teve acesso às informações pessoais de participantes ou contatos telefônicos, e de e-mails sem sua prévia autorização, de acordo com a lei geral de proteção dos dados (dados sensíveis e pessoais) e circular n. 2/2021 da CNS. Assim, a divulgação da pesquisa foi realizada institucionalmente, por meio de contato direto com a chefia do Departamento de Terapia Ocupacional e com a coordenação do curso de Terapia Ocupacional da UFSM, que colaboraram com a socialização da proposta. Dessa forma, as participantes entraram voluntariamente em contato com a pesquisadora, motivadas pelo interesse pessoal em contribuir com o estudo.

4.2.3.2 Etapa ii: Entrevistas semi-estruturadas

Foram conduzidas entrevistas individuais em profundidade com doze terapeutas ocupacionais, que atuaram no desastre da Boate *Kiss* (Apêndice A, B). A concepção das entrevistas considerou aspectos explicativos:

As explicações consistem em sugerir comparações ou outros tipos de raciocínios não conclusivos que permitam aos respondentes uma reflexão individual ou coletiva a respeito dos fatos observados e cuja interpretação objeto de questionamento (Thiollent. 2009. p.70).

As entrevistas foram gravadas em áudio digital e posteriormente transcritas, manualmente e com o auxílio do software Sonix (<https://sonix.ai/pt>).

4.2.4 *Quarta fase: análise temática*

Dentre os métodos analíticos de estudos de casos únicos, foram utilizados os procedimentos preconizados pela análise temática (Braun; Clarke 2006). A análise temática é mais próxima de um método (ferramenta) do que de uma metodologia (passos para investigação) (Braun; Clarke, 2023). Ela concede flexibilidade aos pesquisadores, podendo ser aplicada em uma variedade de abordagens teóricas e epistemológicas, ao passo que para garantir a sua integridade nos cercearemos de um pensamento e design

cuidadosos em sua condução. Essa abordagem se alinha às pesquisas sociais, engendradas na justiça (Clarke, 2017).

Os temas emergiram das histórias narradas, interpretadas e fundamentadas em significados compartilhados, sendo, portanto, gerados, construídos e co-criados, ou seja, não puderam existir sem a presença da pesquisadora. Essa relação implicou o reconhecimento do posicionamento da pesquisadora e da forma como sua perspectiva se entrelaçou ao processo analítico (Braun; Clarke, 2023). Importa destacar que, na construção das narrativas, foi realizado um processo de validação junto às participantes, garantindo que suas vozes e experiências fossem representadas de maneira fiel e respeitosa.

4.3 Aspectos éticos e legais

Este estudo foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil e do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, segundo os preceitos da resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS e conforme as normas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, com parecer favorável CAAE nº 73128123.5.0000.5504 (Anexo A). Os participantes de pesquisa foram devidamente informados sobre todos os aspectos do mesmo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual foram explicitados os objetivos, desenho do estudo e procedimentos de coleta de dados (Apêndice C).

Terapeutas ocupacionais que aceitaram participar da pesquisa só iniciaram mediante assinatura do TCLE em duas vias, ficando uma com a participante, e a outra com a pesquisadora. O TCLE foi elaborado, para as participantes desta pesquisa, segundo os preceitos da Declaração de Helsinque e do Código de Nuremberg, respeitando as Normas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde.

Optou-se por identificar as participantes da pesquisa, considerando seu consentimento explícito para tal, devidamente registrado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em consonância com as orientações éticas, essa decisão foi comunicada à Plataforma Brasil em 1º de julho de 2025, conforme recomendação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFSCar.

A decisão, construída de forma negociada e acolhida por todas as participantes, decorre do entendimento de que suas vozes, histórias e experiências ganham força política e simbólica quando assumidas publicamente, contribuindo de maneira significativa para a construção da memória coletiva e para a denúncia das omissões institucionais associadas ao desastre. A exposição de seus nomes, portanto, não compromete sua privacidade, mas fortalece sua atuação enquanto ativas na busca por justiça e reparação.

Tertúlia é o eco das vozes, perdidas no campo afora
Cantiga brotando livre, novo prenúncio de aurora
É rima sem compromisso, julgamento ou castração
Onde se marca o compasso, no bater do coração.

É o batismo dos sem nome, rodeio dos desgarrados
Grito de alerta do pampa, tribuna de injustiçados
Tertúlia é o campo sonoro, sem porteira ou aramados
Onde o violão e o poeta podem chorar abraçados.

Tertúlia, Jader Moreci Teixeira (1982).

5 A EXPERIÊNCIA DE DOZE TERAPEUTAS OCUPACIONAIS: DAS PRIMEIRAS HORAS DO DESASTRE ATÉ OS DIAS ATUAIS

5.1 Muitas vozes, pouco eco: síntese das entrevistas

Escutar é deixar-se afetar pelo que o outro tem a dizer.
Vigotski

Uma síntese das narrativas será apresentada, a partir de um processo de escuta e observação, que buscou expressar as particularidades da experiência vivida de cada participante ao segundo maior incêndio urbano no país, na Boate *Kiss*, no âmbito das escolhas, desafios, possibilidades e repercussões em suas ocupações. Nesse processo, destacarei ainda aquilo que permeou a escuta, o transcrever, reler e o retrabalhar as narrativas.

Cabe ressaltar que os encontros marcados pelas experiências vividas das participantes me impactaram profundamente, como pessoa, como terapeuta ocupacional e como pesquisadora. A cada história narrada, senti um atravessamento que foi, pouco a pouco, cultivando afetivamente novas formas de ser, sentir e pensar. Não é possível tratar desse desastre sem se deixar afetar.

A ordem de apresentação das narrativas segue a sequência alfabética dos nomes das participantes. Destaco ainda que para as narrativas apresentadas, utilizei reticências com parênteses, para indicar pausas na fala e ou trechos interrompidos. Já para as falas com pouca clareza, utilizaram-se colchetes com conteúdo explicativo, por fim para as falas enfáticas, aderiu-se ao uso de sublinhado. As expressões usadas na linguagem coloquial foram preservadas com o intuito de manter o repertório e o estilo de linguagem de cada uma das participantes.

5.1.1 A história de Aline: “A única palavra que fica, assim muito forte pra mim, é tristeza. Um sentimento de tristeza muito grande” [...]

Aline nasceu no estado do RS. Ela se graduou em Terapia Ocupacional no ano de 2012 em Santa Maria no estado do RS. Atualmente, é docente do curso de Terapia Ocupacional da UFSM, cargo que ocupa há dois anos, mas teve contratos anteriores como substituta desde 2012.

No dia 27 de janeiro de 2013, Aline estava em sua casa, morando a cerca de quatro quadras da Boate Kiss. Ela acordou com as ligações de sua amiga de apartamento que estava na Boate. Imediatamente, foi ao hospital Caridade para encontrar a amiga.

Como a janela do quarto dava para o lado da Boate. A gente enxergava assim o céu vermelho. Tipo, não era noite escura, mas tinha as luzes vermelhas, né? Porque o bombeiro estava lá e se via fumaça e tinha muito cheiro de queimado [...]

Aline, relatou que na ocasião, sendo recém admitida e próxima da idade dos alunos, sentiu a dificuldade de acolher, pois também se viu enquanto afetada pelo desastre.

eu queria pensar junto, como é que a gente pode se acolher? Porque naquele momento, para mim era acolher. Eles, né? Eu sabia que eles precisavam de acolhimento, mas naquele momento eu também estava vivendo [...]

Contudo, participou das reuniões do Departamento de Terapia Ocupacional (DTO) com o intuito de planejar como iriam acolher os alunos.

A gente não tinha noção de como a gente ia chegar para acolher. Na época, eu dava aula para um só desses alunos. Mas um deles era meu aluno direto. A gente começou assim conversando enquanto grupo de professores para pensar em como a gente podia fazer para acolher esses alunos [...]

Aline também prestou apoio direto à sua amiga, confeccionou órteses e participou ativamente de sua reabilitação física, que incluía cerca de quatro horas diárias de terapia. Ela mencionou ter confeccionado órteses também para outros afetados, mas sem se envolver diretamente na linha de frente do atendimento.

Aline relatou as ações desenvolvidas pelas terapeutas ocupacionais do curso da UFSM, como o jardim, que teve a intenção de homenagear os afetados e que recebeu a participação de alunos e docentes de diversos cursos. Aline dialogou que o curso recebeu muito apoio externo, incluindo caixas com retalhos para uma colcha, que se tornou um símbolo de força e acolhimento.

outra coisa que nos ajudou e que nos ajuda até hoje em muitos momentos, foi a acolhida de fora. Porque além de Santa Maria, a gente recebeu uma acolhida de vários lugares assim. Então a gente tem no curso, a colcha [...]

Posteriormente, no julgamento, ela optou por apoiar de forma indireta, indicando alunos para participar das ações coordenadas por outra professora, pois não se sentia emocionalmente fortalecida para estar à frente

Para Aline, a experiência nesse desastre fortaleceu o grupo de terapeutas ocupacionais, promovendo uma maior união entre os colegas e reforçando laços de apoio mútuo. Ela relata que, em sua prática profissional, desenvolveu uma prática mais sensível às questões emocionais e de saúde mental, passando a valorizar ainda mais a escuta ativa, além de reconhecer a rede de apoio do paciente para além dos limites da própria atuação. Embora reconheça que o tema tenha gerado discussões relevantes no início, ela observa que não houve mudanças significativas na formação atual do terapeuta ocupacional em Santa Maria. Ainda assim, valoriza o debate que se iniciou à época e enxerga nele um ponto de partida importante.

A partir dessa reflexão, Aline defende que os terapeutas ocupacionais devem atuar na prevenção, preparação e até mesmo nas primeiras horas de um desastre. Para a prevenção de desastres, ela traz reflexões no âmbito da orientação à população sobre segurança de ambientes e sobre medidas preventivas.

A gente não é só a profissão que fica lá recebendo a gente é a profissão que pode estar lá na frente também. Não vai estar só dentro da instituição para receber, não. Pode estar lá, com pé na lama sim, ajudando de alguma forma. E como que a gente faz isso? Acho que é muito importante olhar para essa situação, né? [...]

Por fim, ela dialoga que no âmbito pessoal, a vivência deixou marcas profundas: desenvolveu medo de lugares fechados e um constante estado de alerta, buscando rotas de fuga nos ambientes que frequenta.

5.1.2 *A história de Amara: “a-fê-T.O”*

Na minha terra tem um ditado que é das tripas coração, não sei de onde é que vem. Mas enfim, quando você tem que ser muito resiliente, né? [...]

Amara atuou principalmente nas primeiras horas após o desastre, a partir do próprio domingo, dia 27, e em ações que se estenderam às demais semanas e meses. Ela nasceu em outro estado brasileiro, é casada e tem filhos.

Bom, nesse meio tempo foi o dia inteiro assim. Meu marido, dizia: “Sai daí”. Eu dizia: eu não consigo, quero ver se eu acho essas criaturas, quero ter notícia deles. E eu acho que ele sabe que eu sou ansiosa porque meus vitiligos já mostram isso [...]

Ela se graduou, fez mestrado e doutorado. Já esteve à frente de coordenação de curso em terapia ocupacional.

Sem conseguir sair do caos

Era um domingo e logo cedo, ela já estava com a sua casa toda organizada para receber uma turma de alunos do curso de terapia ocupacional que iriam se formar. Recebeu uma ligação, por volta de sete horas da manhã, de outra professora, avisando que não teria mais festa devido a um acidente na Boate Kiss. Parecia gravíssimo, as notícias ainda eram desconstruídas. A partir disso, Amara teve o ímpeto de ajudar no mutirão que havia se formado no centro desportivo municipal de Santa Maria (RS), conhecido como Farreirão, onde estavam os corpos. O local também foi destinado ao recebimento dos afetados, dentre eles familiares, amigos e até mesmo sobreviventes. No entanto, ela reconhece sua limitação em atuar naquela ocasião e num primeiro momento se voltou tanto para a varredura das notícias divulgadas pela mídia quanto pela comunicação com outras docentes do curso de Terapia Ocupacional da UFSM na busca de alunos que poderiam ter sido afetados pelo incêndio na Boate Kiss.

Aí foram várias histórias. Gente que nunca saía [alunos mais caseiros estavam nas listas de afetados fatais]. Triste, assim como um todo, né? Porque eram 242 e tudo gente jovem. A maioria gente jovem, sabe? Aquelas pessoas assim, que tinham um futuro, que tinham um presente, que tinham vida, que tinham, enfim, tudo.

No dia seguinte, ela e outras docentes compareceram ao Departamento de Terapia Ocupacional, unindo-se no intuito de pensarem e planejarem como iriam acolher aqueles que poderiam comparecer à universidade, fossem familiares, alunos, amigos dos afetados e até mesmo docentes de outros cursos. Na mesma semana, Amara participou da criação de um jardim, em homenagem aos afetados. Posteriormente, atuou no planejamento de atividades e metodologias alinhadas ao cumprimento dos requisitos e prazos dos semestres que se sucederam e nos esforços para que aquela turma com sobreviventes do incêndio se mantivesse no período, a partir de um entendimento coletivo de que juntos haveria possibilidades de estarem mais fortalecidos. Recentemente, ela escolhe de quais

ações relacionadas ao desastre irá participar, em razão do seu grande envolvimento emocional. Com isso, não esteve presente diretamente nas atividades realizadas durante o último julgamento. No entanto, teve uma participação ativa na coleta de materiais que seriam utilizados por um pequeno grupo de terapeutas ocupacionais que atuaram nessa ocasião, bem como acompanhou toda a transmissão televisiva local.

No decorrer de sua fala, ela traz reflexões, como quando trata da relevância de inserir o tema das emergências e desastres na grade curricular na formação do terapeuta ocupacional. No entanto, mencionou que mesmo ali, no próprio curso, que passou por duas reformas curriculares, não fizeram tal inserção, pois alega-se que sempre acreditamos que não irá acontecer uma emergência. Ela afirma que emergências acontecem e o despreparo para atuar é evidente.

Amara descreveu ainda a sucessão de erros (pelos órgãos públicos e privados, proprietários e sócios da Boate, dentre outros) que culminaram, de acordo com o seu entendimento, num desastre evitável, contando ainda com responsáveis impunes. Mencionou também o posicionamento da mídia, sobre cuja atuação não viu aspectos positivos ao longo dos últimos anos. Ela acredita que a mídia poderia ter feito um papel de atrair a atenção dos expectadores em defesa aos familiares, em especial daqueles que foram processados, afirmando ainda que a mídia local de Santa Maria representa a parte de um todo.

Por último, Amara tratou da relevância do acolhimento, percebida nas ações organizadas pelos alunos e docentes da UFPel e da UFSCar. Destacou a produção da colcha de retalhos que teve início no laboratório de atividades e recursos terapêuticos da UFSCar, e em seguida percorreu as demais universidades públicas do Brasil que tinham o curso de Terapia Ocupacional. Os alunos de diferentes regiões bordaram retalhos e enviaram para a UFSM em solidária homenagem aos afetados.

Essa colcha, ela foi como um manto assim que acolheu a gente, sabe, que abraçou a gente. Foi tão potente, tão potente, tão bacana assim de ver que que a T.O. é isso, sabe? E é cuidado também. É carinho e afeto. A-fê-T.O, sabe? (risos). Foi, foi muito potente. Foi, é, foi (...). Estava longe lá, mas ela chegou aqui e aquilo ali foi, foi incrível assim, foi incrível.

Em todo a sua narrativa ficou evidente a importância dada ao acolhimento, percebendo-o tanto nas ações do mutirão aos afetados, entre os docentes do curso de terapia ocupacional e em suas condutas com familiares e alunos, quanto no próprio autocuidado.

E tivemos que passar por cima da dor, né? Para ver a dor do outro, mas que ao mesmo tempo teve essa potência de ter das pessoas, se protegerem, se acolherem. Acho que marca assim, como uma coisa muito boa, esse movimento que veio de todo lado.

5.1.3 *A história de Ana Ferrer: “Era um silêncio mortal, ninguém falava disso”*

Ana residia no estado de São Paulo quando o incêndio na Boate *Kiss* ocorreu. Foi afetada pela notícia que foi disseminada, nacional e internacionalmente, ainda mais quando soube que alunos do curso de Terapia Ocupacional haviam sido afetados. Anos depois ela assumiu a docência na cidade de Santa Maria e participou do planejamento das ações do julgamento que ocorreria em março de 2020. Ela menciona:

[...] falar sobre a tragédia em si, abrir espaços para falar sobre a morte, sobre o medo, sobre a violência, é muito difícil.

Ana se graduou em Terapia Ocupacional em São Paulo, tem mestrado e doutorado, no mesmo estado. Atua como docente no curso de Terapia Ocupacional da UFSM e já esteve na coordenação e à frente da reforma curricular.

Atravessamentos individuais e coletivos pelo desastre

Ana destaca que o desastre fez com que todos o elaborassem de modo pessoal, mas que se recorda de duas ações que foram muito significativas para a elaboração coletiva: a produção de uma colcha e de um jardim, pela comunidade do curso de Terapia Ocupacional.

[...] duas coisas que eu acho que aconteceram no âmbito aqui, depois da tragédia, que foram simbólicas, mas muito significativas até para a elaboração do que estava acontecendo, de conseguir processar de forma coletiva, porque acho que todo mundo acabou processando de maneira pessoal, tentando simbolizar, mediatizar [...]

Para Ana, essas duas ações representaram uma forma de partilha daquilo que ainda estava tentando entender e elaborar, bem como, um gesto de solidariedade. Ela mencionou que chegaram muitos retalhos ao curso de Terapia Ocupacional da UFSM e que na ocasião outras docentes os costuraram à colcha. Atualmente, a colcha se encontra

estendida no DTO da UFSM, juntamente a um banner que descreve a história dessa construção coletiva e nacional.

Ana chegou ao curso de Terapia Ocupacional da UFSM como docente em um período muito recente ao desastre. Com isso, mencionou a dificuldade que notava nos alunos e na comunidade de modo geral em falarem sobre o ocorrido, ainda que, algumas vezes, ela própria tenha possibilitado esse espaço para tal escuta e acolhimento. Ela menciona que o incêndio foi peculiar e que mesmo atualmente percebe uma dificuldade do corpo docente em falar sobre isso. Destaca que, diante dessa limitação, é necessário criar espaços de escuta que extrapolem o formato tradicional de aula e disciplina, uma vez que tais modelos, baseados na lógica formal e conteudista, não dão conta de contemplar a dimensão emocional, ética e social envolvida em questões dessa natureza.

eu não sei se é da terapia ocupacional ou se é da sociedade em si. Assim, é muito difícil falar disso. E da mesma forma que é muito difícil falar, por exemplo, dos casos de suicídio que a gente já teve, inclusive na terapia ocupacional. Então falar sobre a tragédia em si, abrir espaços para falar sobre a morte, sobre o medo, sobre a violência, é muito difícil. Então, claro, a gente sempre percebe que tem um algo que se atua, mas que é um não dito.

Ana ministrou aulas e foi supervisora de estágio de uma das sobreviventes do curso de Terapia Ocupacional, a qual teve maior gravidade do estado geral e que havia sido transferida para o hospital de Porto Alegre, na ocasião do desastre. A aluna ficou aproximadamente três meses hospitalizada, teve 50% de seu corpo queimado e sofreu uma amputação. A docente abordou as suas próprias limitações para lidar com a aluna, desde a condução em sala de aula até mesmo no apoio à escolha dela quanto ao campo de estágio (contexto hospitalar).

[...] quando ela chegava para atender, que ela se aproximava das pessoas, quando as pessoas viam a pele dela queimada, a voz dela rouca e viam que ela usava uma prótese, a primeira coisa que eles perguntavam se ela era uma sobrevivente da *Kiss*. E isso impactava demais o processo dela no estágio. E aí, era, como é que é? Eu abordava isso na supervisão de como estava sendo para ela?

Ana enfatizou o papel docente nesse contexto, refletindo que ensinar limites, dar abertura para que a aluna pudesse refletir em como iria se constituir após o desastre (para além de ser sobrevivente) e mediar aquilo que chegava dos pacientes e seu impacto na aluna, permearam a sua atuação. Depois de alguns anos na docência, próximo à data do

primeiro julgamento do caso *Kiss* que ocorreria em 2020, dentro da própria UFSM em seu Centro de Convenções, ela se inseriu em um grupo de trabalho Acolhe Saúde que se constituiu para planejar propostas de acolhimento para os afetados (pais, familiares, amigos, sobreviventes, entre outros), bem como com ações de primeiros socorros. Ela idealizou a inserção de práticas integrativas e complementares. A colcha seria estendida naquela ocasião, como forma de aproximação e possibilidade de coletivizar a narrativa, dentre outras propostas. No entanto, essas medidas acabaram não acontecendo, pois o julgamento foi adiado e aconteceu em dezembro de 2021, devido à pandemia, além de ter sido transferido para Porto Alegre.

A docente refletiu que existe uma ferida aberta em relação ao julgamento, já que os réus condenados à prisão foram soltos, além do anulamento do segundo julgamento que ocorreria em 2023. Sem contar com o abafamento sobre a participação dos envolvidos que têm poder, referindo-se ao prefeito de Santa Maria naquela ocasião, que ficou impune e dos poucos réus condenados, que posteriormente foram absolvidos.

Ana mostrou sua indignação ao relatar que mesmo os familiares tendo um importante papel no controle social, na luta por justiça e manutenção da memória, passaram de *vítimas* a réus, tendo sofrido acusações e culminando em processos criminais. Relatou também que os órgãos públicos do município pretendem que a memória do desastre e seus desdobramentos sejam esquecidos, devido também à ação que colocou fim à tenda (a qual continha as fotos dos afetados fatais) que permanecia na praça Saldanha Marinho. Ana ainda destacou que o espaço se tornou local de resistência e que foi sede da AVTSM.

Ana alega que ainda hoje, Santa Maria não está preparada para lidar com emergências (dentre elas, inundações), mesmo com apoio coordenado externo, como foi no desastre da Boate *Kiss*. Uma cidade que foi atravessada pela degradação do capitalismo (superlotação na Boate, artifício pirotécnico mais barato, seguranças que não deixaram sair sem pagar, tudo isso, visando o lucro) e que perdeu a sua identidade pelo ocorrido, e mesmo diante o desastre ocorrido que levou 242 jovens, ainda não possui equipamentos especializados de saúde para o atendimento a queimados. No entanto, afirmou que houve mudanças, em seu próprio comportamento, frente a percepção e vigilância de normas de segurança. A partir disso, enfatizou a carência desse aprendizado nas formações existentes.

Por fim, ela ainda abordou que é importante que se olhe para o desastre, mas também para o contexto em que esses acontecem. Ela afirma que o desastre da *Kiss* ocorreu em meio a uma comunidade ansiogênica e deprimida, em que alunos e corpo docente tinham um alto índice de medicalização. Ela relata ainda que é a partir desses desastres que as pessoas são colocadas à prova, as quais repensam os seus estilos de vida e passam a focalizar naquilo que é essencial. Cabe destacar, entretanto, que tais mudanças benéficas não se manifestam de forma homogênea em toda a comunidade afetada e, quando ocorrem, nem sempre encontram respaldo ou continuidade nas políticas públicas e nas estruturas institucionais, o que limita seu alcance ao longo do tempo.

5.1.4 A história de Cláudia: “A nossa preocupação, na época, foi fazer esse planejamento, uma forma que a gente conseguisse seguir acolhendo essas pessoas, né?”

Cláudia é casada e tem filhos, foi aluna da primeira turma do curso de Terapia Ocupacional. Ela iniciou as suas atividades no município de Santa Maria alguns anos após o incêndio na Boate *Kiss*, quando assumiu atividades de gestão. Ela relata que o desastre afetou a cidade, o país e todas as especificidades profissionais. Cláudia destacou que o ocorrido “não mudou a sua prática como terapeuta ocupacional, mas a afetou como pessoa, além de despertar a possibilidade para a atuação nesse campo de conhecimento”. No entanto, considero difícil dissociar transformações subjetivas profundas, como as que ela relata, das formas de se implicar no fazer profissional. Ainda que não tenha identificado mudanças diretas na prática, é possível que os afetamentos vividos tenham, de modo sutil ou indireto, reverberado em suas escolhas, sensibilidades e modos de intervenção. A partir disso, mencionou o quanto se sentiu responsável por todo o processo de cuidado e acerca da importância do acolhimento e sua resolutividade:

Ninguém sai sem ser acolhido. O acolhimento envolve encaminhamento. Envolve, né? Quem procura quem? Envolve contrarreferência, envolve tudo isso, né? Então, eu acho que é muito importante saber que isso faz muita diferença, sabe?

Manter o cuidado vivo: o papel do Santa Maria Acolhe após o incêndio

Considerando a relevância do acolhimento aos santa-marienses, Cláudia destacou que, em 2018, o programa Acolhe Saúde, atual Santa Maria Acolhe, seria extinto. Criado

a partir da vinda de representantes do Ministério da Saúde até a cidade de Santa Maria, no período imediato ao desastre, o qual fora destinado aos sobreviventes e familiares afetados pela *Kiss*. O programa tivera mais de 6.000 mil atendimentos, mas naquele ano contava com apenas 60 atendimentos. Cláudia ressaltou a importância da continuidade desse serviço, especialmente por ainda haver pessoas que poderiam necessitar de acompanhamento, como filhos de afetados fatais, e aqueles indiretamente impactados, além da população que enfrentava o sofrimento revivido durante o julgamento do caso *Kiss*, para a qual o apoio psicossocial permanecia fundamental:

a nossa preocupação na época foi fazer esse planejamento de uma forma que a gente conseguisse seguir acolhendo essas pessoas, né? E isso eu te digo assim, que foi difícil separar eu gestora da terapeuta ocupacional, por exemplo, né? Então, eu sou gestora e sou terapeuta ocupacional, isso né?

Ela destacou que continuar o serviço foi um desafio, no entanto, falou de seu orgulho em tê-lo mantido:

[...] hoje o Acolhe, por exemplo, eu sinto o maior orgulho de dizer assim: “tá indo agora para Brumadinho, né? Vai um profissional da equipe para essa tragédia. Já foram lá para Chapecó? Já foram para Várzea. É um serviço de referência e eu fico muito orgulhosa disso, sabe?”

Por fim, Cláudia refletiu acerca da importância da sensibilização de jovens quanto ao conhecimento de normas de segurança e deles estarem presentes nas discussões políticas, a fim de que desastres como o da *Kiss* não se repita.

5.1.5 *A história de Dani Laura: “Então, acho que tem um olhar sobre os fazeres (...) que na hora a gente não pensava assim, estamos fazendo porque somos terapeutas ocupacionais. Não era por isso, mas era por isso”*

Dani Laura é casada, graduada em Terapia Ocupacional, mestra e doutora. Atua como docente e atuou nas primeiras horas do desastre.

Da festa ao drama: janelas para o fazer

No dia 27 de janeiro de 2013, logo cedo, ela estava preparando sua filha para comparecer à casa de Amara, local onde seria a comemoração dos alunos do curso de

Terapia Ocupacional que iriam se formar. Quando fez contato com uma colega, coordenadora do curso de terapia ocupacional, naquela ocasião, para pedir carona, soube do incêndio na Boate *Kiss* e que alguns de seus alunos não haviam conseguido sobreviver.

Ela reconheceu sua limitação para atuar no ginásio Farrezão. Com isso, voltou-se tanto para a varredura das notícias divulgadas pela mídia quanto pela comunicação com outras docentes do curso, na busca de seus alunos que tinham possibilidade de terem sido afetados.

Então eu fui me focando mais nisso, assim, do cuidado de estar mais preparada para acolher os alunos que estivessem muito ruins e que quisessem vir aqui, né? E aí então fico pensando que tem esses lugares, o que é possível para cada um. E é poder estar nesses lugares assim. Mas, acho que o maior drama é saber que a gente saiu de um preparativo para uma festa de final de faculdade para um drama desses, né?

No dia seguinte ela estava presente no DTO da UFSM para receber e acolher alunos, familiares e afetados de modo geral. Ela contou no período da tarde, chegou o momento que sentia a necessidade de ir para “além da fala, abraços, colo e olho no olho”, mas para o fazer, a fim de que pudessem realizar uma passagem. A partir disso, comentou que uma professora teve a ideia de produzirem um jardim, que foi bem aceita entre os demais docentes. Na manhã de terça-feira, ela buscou mudas para o plantio, participou da escrita de um trecho de uma canção de Nando Reis, no muro do ambulatório de Terapia Ocupacional que contornava um dos lados do jardim, bem como na distribuição de água e protetores solares durante a ação.

A partir disso, ela participou das reuniões entre docentes, as quais planejaram o recebimento tanto da turma que havia perdido quatro alunos e deixado outras duas internadas, em estado grave, quanto de novos alunos (voltando a atenção para o desastre ocorrido, no âmbito de escolhas conscientes dos lugares a serem frequentados). Atuou no planejamento de atividades e metodologias alinhadas com o cumprimento dos requisitos e prazos dos semestres que se sucederam.

No decorrer de sua fala, alguns aspectos chamam a atenção, como quando tratou de sua percepção frente à forma como ela e o grupo de docentes responderam ao desastre:

Então acho que tem um (...) tem um olhar sobre os fazeres (...) que na hora a gente não pensava assim, estamos fazendo porque somos terapeutas ocupacionais. Não era por isso, mas era por isso. A gente sabia por onde abrir janelas, por onde acolher, onde levar um pouco mais, sabe?

Um despertar pela dor

Ela descreve sua percepção, após o incêndio, para as normas de segurança dos locais (área de evacuação, lotação, extintor, lugares fechados, porta de entrada e saída). Observa que é preciso nos posicionarmos politicamente, exigindo a segurança e aquilo que nos é de direito. Afirmou que a terapia ocupacional é muito envolvida em discussões políticas. Ela menciona que por longo tempo se questionou, ficou brava consigo, por acreditar não ter cuidado de seus alunos, no sentido de não saber que frequentavam lugares como aquele.

Meu Deus, como eu não questionei, como é que eu nunca cuidei desses alunos? Isso a gente falou em grupo agora também. Lembrando que não dá mais para a gente ficar só aqui dentro. A gente vai ter que cuidar deles fora também.

Dani Laura, menciona ainda que posteriormente transferiu sua raiva para os órgãos públicos, que concederam alvarás inconsistentes e que houve soldados, bombeiros acusados em vez daqueles que realmente tinham responsabilidades, afirmando que aqueles com poder ficaram impunes. Trata com revolta da falta de justiça e ainda comentou sobre o prefeito da cidade de Santa Maria, na ocasião do incêndio, que ao fim de seu mandato assumiu um cargo de secretário de segurança do estado, em Porto Alegre.

A gente falava assim: secretário de segurança? Esse indivíduo, que não conseguiu dar segurança para 200 e poucas crianças dentro de uma casa, né? Olha, tem umas coisas que não dá para entender, que chega a ser meio vergonhoso, né?

Por fim, comentou sobre uma entrevista que concedeu à RBS (afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul), no período que estava na coordenação do curso, quando uma de suas alunas recebeu alta hospitalar. A aluna foi até o DTO da UFSM, acompanhada de seus pais e jornalistas. Dani Laura, comentou que por não ter colaborado com uma postura sensacionalista, pelo contrário, assinalando o que era de direito da aluna, bem como não enfatizando a sua própria dor, mas de inúmeros familiares, a matéria não foi ao ar em sua íntegra.

5.1.6 *A história de Dani Tônus: “Enquanto a gente plantava, alguém chorava, outros cantavam, e outros conversavam sobre o que estavam sentindo”*

Dani Tônus é casada, graduou-se e atua como docente. Em nosso primeiro contato, presencial, ela disse que não participou como terapeuta ocupacional na resposta ao desastre, referindo-se ao dia 27 de janeiro de 2013. Ela menciona que foi apenas voluntária e que acolheu pais e familiares. Observou ainda que não sabia se sua participação seria positiva no estudo.

Era uma cena de filme de terror, assim, uma coisa muito impactante, sabe? Então a gente ficou trabalhando, era muito difícil, porque tinham pais, tendo infarto, tinham pais passando mal, tinham familiares desesperados. Tinha que ter muita gente ali pra acolher, pra socorrer, enfim. E aí a gente ficou, e eu não vi o dia passar.

Dani Tônus atuou nas primeiras horas após o desastre, logo pela manhã no centro desportivo municipal de Santa Maria (RS), conhecido como Farreirão. Ela atuou com o grupo que se constituiu para receber os afetados pelo desastre (familiares, amigos, sobreviventes entre outros). Sua principal atuação se deu no período que inicia a manhã até o entardecer deste dia. Atuou com inúmeras pessoas, as quais sequer couberam dentro do ginásio, ofereceu acolhimento, distribuição de água e manteve a coordenação do curso de Terapia Ocupacional da UFSM informada, a cada lista de nomes que chegava, referente aos seus próprios alunos que não haviam sobrevivido.

Passando por cima da própria dor

Ela também se envolveu ao longo da semana, em seu local de trabalho, com ações específicas desenvolvidas pela coordenação e um pequeno grupo de docentes.

A gente teve bastante dificuldade em retornar. Alguns professores mais, outros menos, porque nem todo mundo sabia lidar, conseguia lidar com o sofrimento daquilo, principalmente nessas primeiras semanas depois da tragédia. A gente percebeu os alunos muito fragilizados. A gente não sabia ao certo como acolher, como fazer. Se a gente tocava no assunto, se a gente abraçava, se a gente fazia uma roda de conversa, se a gente rezava, se a gente (...) a gente não sabia exatamente como fazer pra acolher tanta dor. E de tantas turmas, porque eram várias turmas.

Ela e o grupo de docentes da UFSM inseriram flores nas portas das salas de aula para receberem e acolherem os seus alunos e familiares. Além de terem produzido um

jardim, em homenagem aos afetados. Segundo ela, houve o intuito de, ao fazerem o jardim, elaborarem neste processo, os seus lutos, pois também haviam perdido 04 alunos e três ainda estavam hospitalizadas. Ela mencionou que ali no jardim estiveram muitas pessoas, alunos do próprio curso, familiares de alunos da terapia ocupacional, mas também alunos e docentes de outros cursos, de modo geral pessoas que de alguma forma foram afetadas: “enquanto a gente plantava, alguém chorava, outros cantavam, e outros conversavam sobre o que estavam sentindo”.

Na mesma semana, ela também participou da organização de uma missa. Juntamente com outra docente, contataram um padre para uma cerimônia realizada na própria UFSM em que foram feitas algumas homenagens e plantio de árvores simbolizando as vidas perdidas na *Kiss*. Nesse período, houve a chegada de uma colcha de retalhos ao DTO da UFSM, que segundo ela foi desenvolvida por alunos e docentes de cursos de Terapia Ocupacional do país, em homenagem aos afetados. Ademais, esclareceu que a sua participação mais ativa nas ações relacionadas ao desastre aconteceu no período imediato, exceto no acolhimento aos seus próprios alunos, que se estendeu ao longo dos meses.

Ela mencionou que as marcas da *Kiss* são tristes e abordou o quanto não gosta de ver a colcha de retalhos “os alunos quando chegam dão de cara com aquele momento triste. Fico pensando, gente eu sei que ela demonstra toda solidariedade que recebemos do país inteiro, mas é triste, né?”. Nesse momento, contrapõe a tristeza da colcha de retalhos com o jardim criado em homenagem aos afetados pelo desastre, alegando que “era colorido, tinha vida, mas a colcha me dá uma sensação muito triste”.

Dani Tônus ressaltou a sucessão de erros que levou ao incêndio. Dialogou acerca da permanência da lacuna na formação do terapeuta ocupacional para atuar no campo das emergências e desastres, mesmo com o surgimento de outros desastres, como as chuvas no RS. Por fim, discutiu a relação da mídia com o desastre, mencionando tanto os aspectos positivos, no âmbito da divulgação para que não caia no esquecimento e no alcance da informação em diferentes localizações, quanto negativamente, na falta de sensibilidade com os envolvidos.

5.1.7 *A história de Juliana Borges: “Eu acho que isso vira rotina e eu trago isso da Kiss e dos pacientes, né? Porque aprendi com eles também, a estar e entender que preciso estar segura nos locais”*

Juliana é solteira, natural do próprio estado do Rio Grande do Sul. No momento do desastre, ela atuava na gestão em outro município do RS, posteriormente assumiu como terapeuta ocupacional, um serviço criado originalmente para atender afetados pelo desastre. Já nos últimos três anos atua como docente.

Ela atuou no dia 27 de janeiro de 2013, em um município que fica a aproximadamente 60 km do epicentro do desastre, por meio de ações que mapearam os afetados (familiares, sobreviventes ou não), já que o incêndio afetou alunos que vinham de cidades do interior do RS para estudarem nas universidades, privadas e ou públicas, em Santa Maria (RS). O mapeamento se deu com o objetivo de prover suporte assistencial com apoio a saúde mental, financeiro e funeral. O serviço prestado, estendeu-se por meses, no entanto, em maio do mesmo ano, 2013, ela deixou as atividades de gestão e assumiu outro cargo, agora em Santa Maria.

Juliana apontou que, no período imediato ao desastre, a referência em Terapia Ocupacional de Santa Maria eram as docentes da UFSM, pois até então não havia terapeuta ocupacional na rede. Ela mencionou que as docentes responderam, principalmente a partir de ações de acolhimento, declarando que os afetados pelo desastre, assim como a comunidade em geral, precisavam desse acolhimento, inclusive os próprios terapeutas ocupacionais, pois também haviam sido afetados e perderam os seus próprios alunos. Ela afirmou que primeiro tiveram que acolher e de certo modo serem acolhidos, para então assimilarem e se apropriarem de abordagens mais especializadas.

Ao assumir seu novo cargo, em Santa Maria, participou da adaptação de um protocolo de reabilitação em queimados. Isso ocorreu ao mesmo tempo em que realizava os atendimentos aos sobreviventes que haviam recebido alta nos hospitais em Porto Alegre, e vinham para o hospital de referência da cidade de Santa Maria.

Ela atuou na reabilitação, em sua maioria daqueles com grandes queimaduras externas, mas também com estresse pós-traumático, alterações cognitivas e neurológicas. Ela afirma: “eram pessoas que tinham áreas extensas de queimaduras, né? Quando chegaram ali, não conseguiam segurar uma garrafa e saíram de lá assinando o seu nome”.

Juliana relatou que ao longo do tempo, após o desastre, sentiu-se sozinha pois além de ter sido a única terapeuta ocupacional de oferta de serviço, testemunhou escassez de material, sem falar da ausência de suporte emocional e técnico. Relatou ainda que sentiu a ausência de sua própria categoria profissional, afirmando não ter percebido comunicação entre terapeutas ocupacionais da cidade. Sua fala revela uma lacuna sentida no campo da atuação profissional, ainda que, à época, o número de terapeutas ocupacionais presentes no território fosse bastante reduzido e concentrado majoritariamente nas universidades. Assim, é possível reconhecer que a dificuldade de articulação entre profissionais pode ter sido atravessada por essa distribuição desigual e pela ausência de espaços institucionais de coordenação ou mobilização coletiva da categoria. Ela entende que esse aspecto possivelmente implicou na qualidade dos atendimentos. No entanto, quanto ao seu grupo profissional, entendeu que eram um grupo muito fragilizado, afetado por muitas perdas.

Acho que até mesmo os profissionais, como eu coloquei, conseguiram entender que precisavam parar, pensar e olhar o que estava acontecendo e aí, depois, então é possível seguir ... preciso de um suporte, preciso de um apoio, e aí, então depois seguir e a gente conseguir fazer esses direcionamentos também [...]

Ela abordou a relação do desastre da Boate *Kiss* com a pandemia pela Covid-19. Juliana afirmou que ambos acometeram um número grande de afetados, mas que o incêndio não possibilitou minimamente um tempo para planejamento das ações, pois havia necessidade de responder imediatamente. Ademais, relacionou as atuais chuvas no RS, refletindo sobre o quanto isso afetou a comunidade e que terapeutas ocupacionais não têm preparo para lidar e que esse campo de conhecimento permanece sem estar inserido na matriz curricular.

hoje eu consigo entender a dimensão e talvez a gente poderia ter se colocado em outras situações, né? Como um grupo mais coeso, assim, eu acho que hoje a gente já teria outra postura em relação a isso. Hoje eu teria feito diferente.

Juliana ressaltou que recentemente há algumas peças-chave, referindo-se a algumas docentes, que conseguiram estabelecer um diálogo e unir esforços. A partir disso, exemplificou a ação de acolhimento de terapeutas ocupacionais no julgamento do caso *Kiss* em 2021, período em que assumiu a docência. Ela recebeu o convite e se juntou à outra docente da UFSM. As duas se uniram com egressos do curso de Terapia

Ocupacional (residentes em saúde mental e coletiva) e profissionais autônomos, e ofereceram acolhimento durante a construção de uma nova colcha de retalhos com a comunidade, ao longo de dez dias com escalas de revezamento (período do julgamento).

Assumindo o cargo em maio de 2013, ela atendeu entre 30 e 40 pacientes ao longo de dois anos e meio. Encerrado esse período, interrompeu os atendimentos em razão do término de seu contrato e da abertura de um concurso público no HUSM, que ofertou três vagas para terapeutas ocupacionais, mas nenhuma para a função que exercia. Naquele momento, ainda acompanhava 10 pacientes, aos quais realizou os devidos encaminhamentos, ciente, contudo, de que não havia terapeutas ocupacionais disponíveis na rede, o que resultou na perda dos seguimentos. Ressaltou que se colocou à disposição para atendê-los e, quando procurada, oferecia orientações.

Por fim, abordou o papel da mídia, avaliou que os aspectos positivos se deram no âmbito da chegada da informação, pois afirmou que todos precisavam compreender que a *Kiss* foi uma sucessão de erros e que muitas pessoas pagaram com as suas próprias vidas. No entanto, reconheceu as falhas das matérias jornalísticas quanto à falta de sensibilidade com os afetados, alegando sensacionalismo com exagero no uso das imagens, sem pudor e cuidado. Ainda assim, destacou que a falta de segurança em locais públicos para lazer continua acontecendo e citou a morte de uma pessoa e os mais de mil casos de desmaios, no show internacional de Taylor Swift, no ano de 2023, no Rio de Janeiro. Afirmou ainda que terapeutas ocupacionais podem ter o papel de disseminar a informação, no âmbito da orientação, acerca do desastre da *Kiss* para que outros não se repitam.

5.1.8 A história de Kássia: “Não foi uma coisa que tu consegue te despedir e te preparar e talvez pensar em como lidar com aquilo. Foram coisas que são tiradas assim, sabe? São apagadas da tua vida. E aí? E aí?”

Kássia é natural do próprio estado do RS, solteira, terapeuta ocupacional. Perdeu um familiar, Manolo, como o chamava, e atuou nas primeiras horas do desastre.

A notícia que levou parte de si

Na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, ela estava com a sua mãe e avó na praia, no interior do RS. Durante o café da manhã, estava com a televisão ligada e ali teve

as primeiras notícias do incêndio na Boate *Kiss*. Ela se preocupou com o seu primo, que considerava como irmão. Ele era santa-mariense, com pouco mais de sua idade, na ocasião, e ela sabia que era possível que ele tivesse ido à Boate. Somente com *wi-fi* do hotel, ela buscou notícias dele pelo perfil de seu Facebook. A família, desesperou-se ao saber que ele havia ido. Sua tia e toda família, estavam em Santa Maria buscando notícias, e horas depois souberam de sua morte. Kássia chegou no dia seguinte a Santa Maria e se dirigiu para os hospitais, onde atuou como na gestão e entrega de alimentos aos afetados, bem como ofereceu suporte aos seus tios, pais de seu primo-irmão.

Naquela ocasião, ela já havia sido aprovada no vestibular de Terapia Ocupacional pela UFSM, e iniciou a sua graduação três meses após o desastre. No dia 27 de cada mês, com os seus tios e com alguns pais com quem tinha proximidade, ela participou das vigílias e dos atos de protestos que aconteciam em frente à Boate *Kiss*. Ademais, esteve presente nas Comissões Parlamentares de Inquéritos (CPIs) do caso *Kiss*, bem como nos dias do julgamento, que ocorrera em Porto Alegre: “no dia da sentença eu entrei no júri. Entrei para ficar com a minha tia, na verdade, porque ela foi sozinha. E aí eu entrei para ficar com ela”.

Kássia relacionou o desastre da Boate *Kiss* de Santa Maria com o rompimento da barragem de minério da Vale, em Brumadinho, Minas Gerais, no fato de ter ocasionado um número alto de mortes e afetados, bem como na interrupção abrupta das relações com familiares e amigos. Ademais, abordou a semelhança nas condutas da terapia ocupacional com os sobreviventes, observando que a reabilitação física foi importante, mas que identificou a necessidade da ênfase em saúde mental. Ela afirma: “não foi uma coisa que tu consegue te despedir e te preparar e talvez pensar em como lidar com aquilo. Foram coisas que são tiradas assim, sabe? São apagadas da tua vida. E aí? E aí?”.

Ela apontou que o incêndio gerou reflexão nos terapeutas ocupacionais, no entanto afirmou que ainda que tenha iniciado a graduação, na mesma cidade e naquele mesmo ano do desastre, o assunto foi pouco abordado e considerou insuficiente para que se atue nesse campo de conhecimento. Ela entende que até os dias atuais a prática do terapeuta ocupacional não mudou. Entretanto, insiste sobre o quanto é relevante essa discussão e preparo para lidar com eventos dessa natureza, para que se consiga ter uma resposta imediata, tendo em vista o aumento no número de desastres hoje em dia.

[...] a gente vai aprendendo a acolher meio que na marra, sabe? Ali, tu tendo as tuas experiências de vida e acolhendo aquela pessoa, mas tu não sabe se tu tá

fazendo correto ou se nem é o correto. O que é próximo do mais correto, assim, sabe, para não dar um gatilho naquela pessoa?

Por último, ela discutiu a relação da mídia com o desastre, e avaliou como trataram e ainda tratam o assunto, mencionando tanto os aspectos positivos, no âmbito da divulgação para que não caia no esquecimento e no alcance da informação em diferentes localizações, quanto as falhas na cobertura e na insensibilidade com os envolvidos, de modo que parecia intencional colocar os pais prejudicando os processos. Ademais, mencionou que a mídia poderia usar a comunicação com um caráter de prevenção e não puramente de informar.

5.1.9 *A história de Kayla: “Não é terremoto, não é furacão, não é maremoto. Não é nada disso. É uma cidade universitária, onde morreram jovens”*

Kayla natural de outro estado brasileiro, casada e possui filhos. Graduada, mestra e doutora, atua como docente em terapia ocupacional.

Do sorriso à dor

Dois dias antes do desastre da Boate *Kiss*, ela estava em sala de aula, participando de sua festa de aniversário surpresa, organizada por uma docente e por alunos que, dias depois, seriam afetados pelo incêndio.

Na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013 ela e sua família estavam em casa. O celular de seu marido tocou, despertando-os. Na ocasião e até os dias atuais ele atua como médico do HUSM da UFSM. Ele, médico ortopedista, estava sendo chamado para apoiar os primeiros atendimentos dos afetados e ainda solicitado para que avisasse todos os seus colegas médicos para que ajudassem. Naquele momento, ela notou inúmeras mensagens em seu celular perguntando se estavam bem e pedindo apoio, com isso entendeu que algo grave estava acontecendo:

Começou a passar onde eu morava (...) Muito barulho de sirene de ambulância e de polícia. Eu morava perto da tal da faixa nova que eles chamam, que é a estrada que corta o bairro Camobi, onde tem o Hospital Universitário, com o centro da cidade, onde tem a *Kiss*. E esse barulho entrou no meu quarto. Está na minha memória, dessas ambulâncias passando muito rapidamente.

Kayla, que ainda amamentava uma de suas filhas e tinha a outra ainda pequena, reconheceu a sua limitação em ajudar no mutirão que havia se formado no centro desportivo municipal de Santa Maria (RS). Com isso permaneceu em casa, enquanto o seu marido se dirigiu ao HUSM da UFSM. Nesse primeiro momento, ela se voltou tanto para a varredura das notícias divulgadas pela mídia quanto pela comunicação com outras docentes do curso de Terapia Ocupacional da UFSM na busca de seus alunos.

Quando eu saí na porta do meu condomínio, era um desespero de gente gritando, chorando porque todo mundo nesta cidade perdeu alguém, direta ou indiretamente. Os professores, indiretamente, os alunos. Não teve ninguém que perdeu familiar diretamente, né assim? Mas, foram os alunos. Aí a gente começou a saber, né? Olha, Kayla, aquele teu aluno que estava ontem, aquelas tuas alunas que iriam fazer TCC contigo, aquela tua aluna que estava no evento contigo.

No dia seguinte, ela e outras docentes compareceram ao DTO, tiveram um momento dedicado para as suas próprias escutas e fortalecimento. Em seguida, pensaram e planejaram como iriam acolher aqueles que poderiam comparecer na universidade, fossem familiares, alunos, amigos dos afetados e até mesmo docentes de outros cursos. Ela afirmou que mesmo que a terapia ocupacional em sua essência seja acolhedora, naquele momento, por mais que ela e as demais docentes quisessem fazer algo, não sabiam o que fazer, onde e como fazer. Kayla menciona isso no âmbito de ter se sentido sem preparo nenhum para lidar com o incêndio, sem competência e, por vezes, impotente. Com dificuldade, ela e o coletivo de docentes, planejaram e executaram dinâmicas de acolhimento, criação de um jardim e escrita na parede do ambulatório de Terapia Ocupacional, em homenagem aos afetados.

Kayla lembra que assim que as aulas retornaram, junto às colegas, por longo tempo, pensaram em uma metodologia que fosse capaz de ouvir, acolher e seguir adiante com os conteúdos. Kayla, também acompanhou o julgamento do caso *Kiss* em 2021, o qual foi televisionado para a cidade de Santa Maria, também pelo fato de sua ex-aluna, sobrevivente ao incêndio, atual ativista e membro da AVTSM ter participado e testemunhado.

A docente dialogou acerca do despreparo de terapeutas ocupacionais, desde sua formação, e que ela mesma ainda não prepara os seus alunos, alegando que esse é um assunto difícil para lidar. Ela mencionou está atenta às normas de segurança de espaços públicos e que passou a enxergar a morte após a *Kiss*, ainda que lide com o envelhecimento. Com isso inseriu a temática acerca da finitude durante a reforma

curricular do curso de Terapia Ocupacional da UFSM, mas não a relaciona com as emergências e desastres. Ademais, ponderou que o Brasil não é um país de catástrofes:

E a gente aqui não. Ninguém esperava nada, né? Principalmente que foi um incêndio, não é? Não é terremoto, não é furacão, não é maremoto. Não, não é nada disso. E aí, tu diz, é uma cidade universitária, onde morreram jovens.

Segundo Kayla, o luto era evidente e permeou toda a cidade e diferentes espaços, como mercado, farmácia, escola entre outros. Mencionou que havia muita movimentação com barulho de helicóptero, mas que havia algo “abafado e esquisito, um clima tão estranho que deve ser realmente das grandes catástrofes”. Ela mencionou que ter visto a morte de jovens, de perto, influenciou-a no sentido de estimular os seus alunos a serem menos poliqueixosos, garantindo melhor gestão do tempo com escolhas mais conscientes e assertivas perante as atividades curriculares:

Hoje eu construí isso. Acabou o dia ótimo, muito obrigado. Construí isso. Amanhã é outro dia (...) Tenho um projeto de extensão, Acalanto, direcionado aos idosos e seus cuidadores, com o intuito principal de acolher (ouvir), dizem “professora, eu nunca pensei que eu me colocar à disposição do outro pra ouvir uma vez por semana fosse surtir tanto efeito na vida dele”.

Embora ela tenha afirmado que o Brasil não seja um país de catástrofes, reconhece que isso está começando no país, como as consequências das mudanças climáticas (referiu-se as inundações, secas, derretimento de geleiras), provocadas pela exploração e ganância humana. Nesse momento, refletiu ainda acerca do novo profissional da terapia ocupacional que deve se adequar às novas demandas, “tu tá pensando no novo. Ninguém estava pensando em desastre, gente, quanto tempo”.

Por último, abordou as recentes produções televisivas que trataram do incêndio na Boate *Kiss*. Mencionou que teve curiosidade para assistir e discutiu com a sua ex-aluna, que afirmou que a série apresentada pela Netflix é fiel ao que vivenciaram. A partir disso, assistiu juntamente de suas duas filhas e relatou que o fez com o objetivo de mostrar a realidade para elas e trabalhar o assunto. Durante a exibição, dirigiu-se às filhas dizendo: “na época, tu era bebê” e “a mãe do teu colega foi quem colocou essas meninas assim, uma ao lado da outra”. Kayla afirmou que isso contribui para que compreendam que a vida vai para além do contexto em que vivem, conectando o desastre com as guerras, a seca no Nordeste e as enchentes no Rio Grande do Sul, temas que também discute com elas. Acrescentou ainda que o respeito e a memória devem servir para que não se repita,

mas que a mídia é negativa ao fazer com que Santa Maria seja vista apenas como a cidade da *Kiss*.

5.1.10 A história de Miriam: “Ela marca a vida de todo mundo que esteve em contato com isso, né? Não tem como você sair assim, ileso, né?”

Miriam se formou em 1987 e, posteriormente, exerceu a função de coordenadora. À época do incêndio da *Kiss*, também ocupava esse cargo, mas na UFSM. Atualmente, é professora convidada do programa de pós-graduação em Gerontologia e está aposentada.

No dia do incêndio na Boate *Kiss*, Miriam estava em casa, em Santa Maria. A notícia do ocorrido chegou até ela por meio de uma aluna, que telefonou cedo para avisar que o churrasco da primeira turma de Terapia Ocupacional (UFSM), que estava prestes a se formar, havia sido cancelado por causa de um acidente na Boate. Esta aluna esteve no local, mas conseguiu sair sem tumulto, puxada por um amigo, e naquele momento ainda não tinha clareza da gravidade da situação.

A primeira reação de Miriam foi ir até a universidade para tentar levantar os nomes dos alunos que sua aluna havia visto na festa. No entanto, deparou-se com uma falha significativa: os cadastros físicos dos estudantes não incluíam contatos de pais ou responsáveis, o que dificultou profundamente as tentativas de comunicação. Mesmo assim, empenhou-se em fazer o que fosse possível, apesar de estar em tratamento médico, o que a impedia de se expor ao sol e, consequentemente, de estar presente nos locais onde ocorriam ações de resposta.

Ela refletiu que o incêndio teve um impacto profundo no curso de Terapia Ocupacional, que perdeu quatro estudantes, um rapaz e três meninas, e teve duas alunas gravemente feridas. Entre elas, uma precisou amputar um dos membros inferiores.

A *Kiss*... Ela é um divisor de águas, porque ela realmente (...) Ela marca a vida de todo mundo que esteve em contato com isso, né? Não tem como você sair assim ileso, né? Dessa história [...]

Na segunda-feira, apesar do luto decretado pela universidade, todas as professoras do curso se reuniram no campus para acolher os alunos. O aviso foi feito por e-mail, e muitos estudantes compareceram. Como forma de homenagem, relatou que decidiram criar um jardim em memória aos alunos afetados fatalmente. Alunos e professores trouxeram mudas de plantas, simbolizando seus desejos e sentimentos. Durante algum

tempo, o jardim foi um local de visita para os pais e de significados profundos, mas acabou se perdendo.

A gente ficou. A manhã inteira assim, acolhendo. Chorando junto. Depois a gente acabou fazendo uma roda grande de oração e cada um acabou expondo um pouco daquilo que tava. Sentindo naquele momento, dos seus receios, dos medos, da tristeza, do que tinha vivenciado. E a gente ficou aberto assim para quem quisesse vir. E vieram muitos alunos [...]

Outra ação simbólica que mencionou foi o recebimento da colcha de retalhos, construída coletivamente por cursos de Terapia Ocupacional de todo o Brasil, como expressão de afeto e rede de apoio.

Miriam destacou que, com o tempo, as relações que haviam se fortalecido, entre o grupo local, retornaram ao padrão anterior. E que algumas preocupações, permanecem. Uma delas é a ausência de uma unidade de queimados em Santa Maria, o que obriga a transferência de *vítimas* para Porto Alegre em casos graves. Outra frustração relatada, diz respeito à falta de um kit de primeiros socorros como Vitamina B12 — reconhecido por um médico local como protetor do sistema nervoso periférico contra a *fumaça tóxica*, alegando que, mesmo após tentativas de implementação, ainda não está disponível para bombeiros no Brasil.

No que diz respeito à formação profissional, Miriam reconhece que, embora a terapia ocupacional tenha uma base humanista sólida e seja capaz de acolher o sofrimento, ainda não há uma disciplina específica sobre emergências e desastres. A disciplina de contexto hospitalar aborda biossegurança e a observação de situações de iminência de risco, mas de forma ainda limitada frente à tamanha complexidade.

Miriam acredita que terapeutas ocupacionais têm um papel essencial na prevenção, e reflete acerca da educação de jovens e adultos a identificarem itens de segurança nos espaços que frequentam. Ela relatou, por exemplo, que sua filha hoje é atenta a esses aspectos em baladas, uma consequência direta do trauma vivido pela família.

Por fim, ela avaliou positivamente a cobertura da mídia, especialmente a série, que considera sensível e fiel aos fatos, retratando com respeito a dor dos pais e o impacto coletivo.

5.1.11 *A história de Silvani: “Eu acho que aí vem uma questão importante da terapia ocupacional, a ser pensada como fonte de orientação, de prevenção, de cuidados, né?”*

Silvani é divorciada, tem filhos, é natural do próprio estado. Ela é técnica em enfermagem e terapeuta ocupacional, mestra e doutora, e atua como docente.

Na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013 por volta de meia noite, ela e o seu filho mais velho conversavam sobre a ida dele até a Boate *Kiss*. Ela não estava com dinheiro em casa, mas ofereceu ao filho que levasse o seu cartão. A partir disso, ele insistiu com ela que fosse até um caixa eletrônico para sacar dinheiro, mas cansada pelos preparativos do aniversário de sua filha caçula que seria naquele mesmo dia, ofereceu mais uma vez o seu cartão, mas ele desistiu e passou a madrugada tomando cerveja com um amigo, em um posto de gasolina em frente ao Hospital da Caridade.

Logo cedo, por volta de 6 h da manhã, ela despertou com a chegada de seu filho em casa. Ele estava agitado, cheirava à fumaça e naquele momento contou para a mãe que havia ocorrido um incêndio. Ela não o levou à sério, já que o filho era muito brincalhão e até achou que ele estivesse embriagado. Pediu que fosse tomar um banho e uma água para deitar-se. Escutou-o chorando e falando sozinho durante o banho, o qual havia deixado a porta aberta. Ele presenciou a chegada das ambulâncias enquanto estava se divertindo, e em seguida, juntamente com um amigo, deslocaram-se para o local do incêndio e ajudaram afetados a saírem da Boate.

Silvani ligou o rádio e ouviu as primeiras notícias do incêndio na Boate *Kiss*. Uma colega entrou em contato com ela pedindo ajuda, já que trabalhara por três anos no pronto-socorro como técnica de enfermagem. Dirigiu-se até lá e se deparou com uma superlotação de afetados, profissionais da saúde, voluntários, assim como familiares e amigos na porta do hospital em busca de notícias. A mesma pessoa que entrou em contato por ligação entendeu que não havia mais como abrigar os profissionais de saúde para atendimentos, com isso ela foi até o hemocentro para realizar uma doação de sangue. Lá, ela também se deparou com uma superlotação e uma grande tentativa de organizar o serviço para os atendimentos. Silvani comentou que o incêndio foi inesperado e que não havia preparo, sentiu-se angustiada por testemunhar a falta de estrutura física que desse conta daquela superlotação, bem como da falta de suporte e orientação para as equipes que respondiam ao desastre:

As pessoas precisavam de alguém que pudesse estar olhando de fora, assim, auxiliando e vendo as fragilidades, né? E na organização do espaço físico, das equipes, e na emissão de informações corretas, né?

Ela afirmou que todos na cidade tinham um conhecido na *Kiss*, fosse um amigo, familiar, aluno. Silvani mesma, após conversar com uma colega, soube que havia uma lista com os nomes de afetados que estavam nos hospitais. A partir disso, identificou que uma aluna sua estava no hospital da Brigada Militar, a qual foi transferida posteriormente para o hospital de Porto Alegre. Ela fez todo o trâmite para avisar a família de sua aluna que vinha de Alegrete (RS). Ainda mencionou que todos de alguma forma foram afetados:

Vou colocar a situação da minha filha caçula, né, que estava ali organizada para o seu aniversário, feliz, e de repente ela viu sua festinha frustrada, porque não tinha como as pessoas irem no aniversário dela, né? Coragem de cantar parabéns? Nossa, enquanto a gente estava cantando parabéns pra ela, ali tinha pessoas sofrendo. Nós mesmos estávamos preocupados e sofrendo por aquelas pessoas que a gente não sabia ainda. A Jéssica era amiga das minhas filhas, né? A Jéssica mesmo, a gente foi ficar sabendo já depois do almoço ali, que tinha falecido.

Silvani acredita que o desastre da Boate *Kiss* fez com que os profissionais pensassem a formação do terapeuta ocupacional, mas ao longo do tempo não houve continuidade, alegou que esse aspecto ainda é carente e que não estão preparados para atuar nesse campo de conhecimento:

A tragédia comoveu o mundo. Realmente ela foi mostrando a força dessa situação e a necessidade do terapeuta ocupacional em diversas frentes de trabalho. Na situação e no evento, mas também de enfrentamento para a prevenção, para a atenção e os cuidados. Antes, né? Porque eu acho que aí vem uma questão importante da terapia ocupacional, a ser pensada como fonte de orientação, de prevenção, de cuidados, né?.

Silvani refletiu que terapeutas ocupacionais poderiam atuar na avaliação das condições de segurança e acessibilidade de locais públicos. Relembrou que antes do incêndio, juntamente com outra docente, pensavam nisso e atuaram em um projeto na área de saúde do trabalhador que focalizava a segurança em espaços culturais, e que realizaram mapas de risco, inclusive. Antes do incêndio, segundo ela, já discutia as competências profissionais para atuar nesses espaços, a partir de políticas públicas que reconhecessem os direitos do indivíduo enquanto cidadão, que pudesse ter mobilidade e acessibilidade aos locais com garantia de segurança para a saúde física e mental.

Mencionou também que notou alguns movimentos de estudantes e docentes, do país todo e da Argentina, que chegaram até Santa Maria como forma de acolhimento, união e incentivo para que continuassem. Na ocasião, em seu local de trabalho, foi criado um serviço para acolhimento dos estudantes. Em seguida, mencionou que logo que iniciou as suas atividades como docente na UFSM, percebeu que não era fácil falar sobre o ocorrido, mas que todos funcionavam como suporte.

A partir disso, ela relatou que os terapeutas ocupacionais são afetados de modo semelhante ao da Boate *Kiss*, no âmbito da violência, das situações de guerra, referindo-se ao atual conflito de Israel-Gaza, bem como nos desastres ambientais, lembrando do rompimento de barragens, deslizamentos de terras entre outros. Principalmente quando são populosos e que os terapeutas ocupacionais podem ser tanto vítimas, afetados emocional, física e como cidadãos, quanto aqueles profissionais que deveriam responder, nesse momento, “como nós aqui”.

Por fim, ela discutiu acerca das mídias digitais, alegando que compreendeu o papel e interesse dos jornalistas que precisavam explorar e disseminar a notícia, pois era um tema e uma proporção muito grande. No entanto, percebeu que em alguns momentos eles afloraram a dor das pessoas, além de terem sido precipitados. Ela relatou que o seu maior susto foi com a reação da própria população às notícias. De modo geral, foi muito dura e debochada. Em contrapartida, os atendimentos prestados aos afetados eram muito cuidadosos.

A gente viu assim, cartazes né? Debochando da gente, vocês gostam tanto de fazer churrasco? Aí a gente recebeu muitas imagens, muitas gravuras duras, né? Preconceituosas, agressivas, né? Sem nenhum, sem nenhum sinal de respeito, né?

5.1.12 A história de Tatiana: “Eu não tenho como ‘desver’ a *Kiss*”

Tatiana é casada, tem filhos, é natural de outro estado brasileiro, graduada em terapia ocupacional, mestra e doutora em universidades públicas. Atua como docente. Residia no estado de São Paulo quando o incêndio na Boate *Kiss* ocorreu, em janeiro de 2013, e encontrava-se nos últimos meses de sua licença maternidade. Relatou que, mesmo sem ter televisão em casa, era impossível não saber da notícia. No entanto, naquela ocasião não teve participação, sendo, entretanto, ativa em 2021 no julgamento do caso *Kiss*.

Ela lembrou a vinda imediata de representantes do Ministério da Saúde a Santa Maria que culminou na criação de serviços para atendimentos aos afetados. Comentou ainda que a terapia ocupacional respondeu ao desastre por meio da adesão à vaga criada no HUSM da UFSM para atendimento aos queimados, também pela mobilização entre estudantes e docentes, a partir da confecção de uma colcha de retalhos que surgiu da vivência de um momento de enlutamento e solidariedade, a qual chegou ao departamento de terapia ocupacional da UFSM.

Tatiana iniciou suas atividades como docente na UFSM em 2016, recordando-se de ter percebido uma “marca” tanto no prédio quanto no coletivo de docentes. Anos depois, em dezembro de 2019, relatou o adoecimento e a consequente perda de uma professora do próprio curso de Terapia Ocupacional. Segundo ela, houve outros momentos difíceis, seguidos pelo adiamento e posterior transferência do julgamento do caso *Kiss*, o qual ocorreria em março de 2020 na cidade de Santa Maria. O julgamento foi cancelado, a partir do decreto de estado de emergência no país pela pandemia, posteriormente transferido para Porto Alegre. Ainda naquela semana mencionou que uma aluna do próprio curso, cometera suicídio. Além de toda essa “marca”, afirmou que lidar com o incêndio da Boate *Kiss* é também ter que lidar com as próprias dores, as quais reverberaram de lugares que se imaginava estarem curadas.

Em 2021, constitui-se um coletivo para planejar as ações relacionadas ao julgamento do caso *Kiss*. Ela apontou que a terapia ocupacional da UFSM foi convidada para atuar, a partir disso ela percebeu que possivelmente era difícil para as docentes que estiveram presentes no período imediato ao desastre, inserirem-se em novas ações e que não houve adesão dos demais membros. Tatiana conversou com duas alunas egressas do curso de terapia ocupacional da UFSM e outras duas terapeutas ocupacionais da rede. A partir disso o grupo encabeçou as ações que aconteceriam durante o julgamento do caso *Kiss* e que se estendeu por 10 dias. Vale lembrar que o julgamento foi televisionado para a população de Santa Maria na praça Saldanha Marinho, no ano de 2023. Terapeutas ocupacionais confeccionaram uma nova colcha de retalhos juntamente com aqueles que passavam pelo local, ofereceram escuta e acolhimento. Nesse momento, refletiu que a maior parte das pessoas que estiveram presentes eram santa-marienses, os quais perderam os seus filhos, irmãos, estudantes entre outros. Ela ponderou que, ao comparecer ao julgamento e estar com a população, durante a ação da confecção da colcha, viu pessoas que estavam enlutadas e solidárias:

Então, enquanto eu estava lá sentada, tecendo, vinha um comerciante que dava comida pra gente assim, sabe? Comida pra todo mundo que estava esperando e não queria ser identificado, sabe? Não é que ele estava fazendo pra dar propaganda, ele estava fazendo pra ser solidário. Daí vinha um senhor e falava pra mim, por exemplo: “Nossa, eu moro no caminho das ambulâncias. A pessoa ainda estava traumatizada, porque passava ambulância, ficou horas passando ambulância, horas, entendeu?”

Tatiana considera que a partir dessa ação, não foi possível “desver” as consequências do desastre e as implicações no coletivo de Santa Maria. Evidenciadas nas escutas oferecidas, foi recorrente a fala de que a cidade ficou triste, com isso a profissional afirmou que elaborar o luto não é uma tarefa fácil. Ela comparou Santa Maria aos processos do conflito de Israel-Gaza com as mortes diárias e a pandemia pela Covid-19, apontando o trauma coletivo. Ademais, relatou que essa vivência a fez elaborar e tentar entender o papel do terapeuta ocupacional, da universidade, da gestão municipal e dos serviços prestados, inclusive mencionou acerca da escassez de literatura científica que poderia auxiliar na compreensão da problemática.

No âmbito da terapia ocupacional brasileira, Tatiana relatou que não observa esse campo de conhecimento nos currículos, mesmo após as atuais reformas curriculares dos cursos de graduação, e que talvez por esse motivo haja um esvaziamento nas produções e na própria ação. A partir disso, mencionou as alterações climáticas e as consequentes enchentes que acometeram, recentemente, o estado do Rio Grande do Sul, afirmando que não soube da atuação de terapeutas ocupacionais. Com isso, observou que nós estamos (terapeutas ocupacionais brasileiros) mais ausentes do que apropriados quanto a esse campo de conhecimento e que o desastre da *Kiss* não nos despertou para compreendermos o nosso papel profissional.

Ela acredita na relevância da atuação do terapeuta ocupacional em tais temáticas, no entanto, discorreu que talvez tenham surgido algumas mudanças em nível local, mas notou que estes profissionais foram afetados emocionalmente enquanto pessoas e que em sua maioria têm dificuldades para atuar, considerando sua proximidade com os afetados (relação docente e aluno). A partir disso, reflete sobre sua própria dificuldade para escrever em eventos científicos sobre sua experiência na ação que permeou o julgamento do caso *Kiss* em 2021:

eu vou te dizer que pra mim é emocionalmente... eu não consegui sentar pra escrever, sabe? Assim, foi uma coisa muito (...) foi um processo, assim, de difícil elaboração, né? Eu não conseguia sentar pra escrever.

Tatiana compreende que terapeutas ocupacionais devem ter conhecimento acerca das normas de segurança de boates e domicílios, de materiais para a própria prescrição de recursos, além de acreditar que seja possível contribuir no resgate de histórias para a manutenção da memória como potencial para que desastres como esse não se repitam.

Por último, discorreu acerca do papel das redes sociais, séries e documentários do caso *Kiss* que têm sido veiculadas. Ela reconheceu que em algumas ocasiões as redes sociais tiveram um papel importante na troca e fortalecimento emocional entre pares, como nos diversos grupos e encontros que se constituíram entre irmãos, pais e mães de afetados, bem como de sobreviventes, os quais permanecem até os dias atuais. No entanto, também notou hostilidade, culpabilização e até agressividade, direcionadas principalmente aos familiares e sobreviventes, nos comentários de notícias que foram veiculadas:

Eu achava aquilo muito louco assim, sabe? porque eu falava: “gente, eu tô aqui, na frente do julgamento e da população e eu só escuto solidariedade e amor”, mas sempre nas redes sociais é tipo o esgoto do comportamento humano assim, né?

Quanto à série, *Todo dia a mesma noite*, transmitida pela Netflix (Lipsztein, 2023), afirmou que assistiu pelas razões que os membros da AVTSM esperavam isso dela e por poder ser suporte informal para aqueles que necessitassem, pois apesar dos membros da AVTSM receberem a série de modo positivo, para outros santa-marienses foi um processo doloroso.

5.2 Entre omissões e resistências: singularidades que compõem vozes plurais

Aqui serão apresentados os principais achados e a discussão do estudo, com base nas experiências narradas por terapeutas ocupacionais diretamente envolvidas no desastre da Boate *Kiss*. À época do incêndio, a maioria das participantes residiam em Santa Maria (RS); onze atuavam profissionalmente e uma era estudante de graduação em Terapia Ocupacional.

Inspirado na perspectiva de Stark (2013), que valoriza a potência das narrativas no campo da terapia ocupacional, e nas palavras de De Gruchy (2006, p. 7, tradução nossa), “histórias contadas com honestidade... abrem a realidade, ajudando-nos a ver as

coisas de forma diferente, a nos ver de forma diferente, e esperançosamente, a viver de forma diferente [...]”.

Este estudo reconhece as experiências narradas como fonte legítima de conhecimento e transformação.

A análise das narrativas indicou **cinco temas centrais** que expressam os modos como as participantes se relacionaram com o desastre e construíram suas práticas e sentidos de ser terapeuta ocupacional:

- a) transformações na identidade profissional de terapeutas ocupacionais — novas formas de ser, viver e ensinar;
- b) silêncios e escutas, o lugar da terapia ocupacional na produção de memória e reparação;
- c) confronto com a inoperância das estruturas de proteção social;
- d) atuação profissional de terapeutas ocupacionais em emergências e desastres;
- e) mídia, reconhecimento e disputa de narrativas.

Embora apresentados separadamente, esses temas se entrelaçam nas histórias compartilhadas, revelando múltiplas dimensões do envolvimento das terapeutas ocupacionais com um campo ainda em construção, marcado por afetos, rupturas, dor, resistências e reinvenções cotidianas.

5.2.1 Transformações na identidade profissional das terapeutas ocupacionais: novas formas de ser, viver e ensinar

Entre rupturas e atravessamentos: transformação na identidade de Santa Maria e no curso de Terapia Ocupacional da UFSM

Ao rememorar o desastre, as entrevistadas narraram como o incêndio provocou uma marca profunda na cidade e como atravessou suas vidas pessoais, práticas pedagógicas e o próprio curso. Belém (1989), ao descrever os efeitos das *guerras*:

[...] entrando pela noite adentro até o dia seguinte, às 3 da madrugada [...] começou, então, a triste romaria ao Hospital de caridade para onde eram conduzidos os mortos e os feridos. (p. 248-249) [...] tinha agora alguma coisa de lúgubre como se uma peste por ali houvesse passado deixando a desolação e o luto em quase todos os lares (Belém, 1989, p. 77)

Os relatos parecem nos levar de volta ao dia 27 de janeiro de 2013, um marco indelével na história de Santa Maria, que desencadeou processos profundos de ruptura, transbordando o individual e assumindo contornos coletivos, públicos e históricos.

[...] quando eu saí na porta do meu condomínio, era um desespero de gente gritando, chorando porque todo mundo nesta cidade perdeu alguém, direta ou indiretamente. Os professores, indiretamente, os alunos [...] Então ficou aquele... muito barulho de sirene de ambulância e de polícia. E esse barulho entrou no meu quarto. Está na minha memória [...] Kayla

Santa Maria e o curso de Terapia Ocupacional da UFSM deixaram de ser vistos apenas como símbolos de juventude e vitalidade, passando a ser associados à interrupção da vida, a um cotidiano rasgado e à dor permanente da ausência.

[...] Santa Maria mudou depois disso [...] A cidade hoje é conhecida como a cidade da tragédia da Kiss. Não é mais a cidade que era conhecida pelos universitários, como sempre foi uma cidade alegre, uma cidade com vida [...] parece que quem chega no curso, os alunos que chegam, dão de cara com a colcha, com aquele momento triste, sabe? [...] Daniela Tônus

O desastre da Boate Kiss como ponto de inflexão na formação de terapeutas ocupacionais e em sua própria identidade profissional

O desastre reposicionou Santa Maria no imaginário nacional e forjou, nas terapeutas ocupacionais, a reinvenção de suas formas de ser, viver e ensinar, enfrentando um espaço liminar entre o luto, as exigências institucionais de continuidade e o compromisso ético com a reconstrução da vida cotidiana.

Aquele ânimo, aquela vontade, era muito, foi muito paralisante assim, sabe? A gente juntava a força para vir, para estar aqui, para cuidar, mas só quando a gente chegava, aí você caía... E aí o que eu podia não fazer? Eu não fazia [...] Amara

Simon (2005) critica o atual paradigma que trata terapeutas ocupacionais como variáveis externas aos desastres, negligenciando que muitas atuam também como afetadas. Esse aspecto revela a necessidade de políticas públicas que incluam estratégias formais de cuidado para os profissionais da linha de frente, reconhecendo-os como igualmente afetados.

Eu enxergo as terapeutas ocupacionais que eu conheço mais impactadas como pessoa, né? Emocionalmente, pelo evento. Porque eu acho que, pra atuar numa situação dessas, às vezes, talvez, seja mais fácil pra quem está mais distante, né? Talvez a pessoa que estava lá, a pessoa que perdeu o seu aluno, que estava na sala de aula, a pessoa que perdeu o seu amigo, né? A pessoa que perdeu o seu familiar (...) ela tenha um outro papel, né? [...] Tatiana

Somado a isso, a profissão ainda busca reconhecimento e tem a necessidade crucial de integrar conteúdos sobre emergências e desastres nos currículos de terapia ocupacional, bem como oferecer treinamento e desenvolvimento profissional contínuos, apontado por diversos autores (SINCLAIR *et al.*, 2005; OAKLEY, 2008; DUQUE *et al.*, 2013; JEONG *et al.*, 2015; LEE *et al.*, 2019; CHING; LAZARO, 2021). Apesar desse consenso, há obstáculos nas instituições de ensino, como dúvidas sobre a melhor forma de incluir o tema e em como operacionalizar sua implementação.

A gente não tinha isso no currículo, não tinha isso na formação. Não passava nem pela cabeça da gente trabalhar isso [...] Não era uma área assim que, por exemplo, você tem que ter alguém da saúde mental no curso da terapia ocupacional, então você abre o concurso para aquilo. Mas essa era uma área que é importante a gente saber, porque senão pega a gente, né, numa situação desprevenida. Mas não é uma área que seja, diria nem obrigatória. Mas assim me foge a palavra assim que tenha que ter naquele curso. Então não foi feito nenhum movimento mais em relação a isso [...] Amara

A dificuldade em integrar esse tema à formação se deve tanto à falta de conhecimento sobre referenciais teóricos consolidados quanto à escassez de estratégias pedagógicas e recursos práticos. Para nós, essa questão é um tensionamento que revela a urgência não apenas de reconhecer a importância do tema, mas também de investir na formação e cuidado dos próprios formadores, para que possam atuar com criticidade, consistência e autocuidado.

Eu não acho o profissional de terapia ocupacional preparado, não acho. A gente não é preparado, a gente até tenta, né? [...] nós não temos nem formação. É tudo muito pouco, é muito pouco [...] Kayla

O que converge com Duque *et al.* (2013) que destacam a falta de conhecimento e habilidades práticas. Nesse mesmo sentido Ching e Lazaro (2021) e Murray *et al.* (2025) apontam que para formar profissionais competentes em gestão de desastres, é necessário ir além do conhecimento teórico e incluir instruções práticas e experiências simuladas.

Poderia ter, talvez, um campo de estágio. [...] Porque a gente vai aprendendo a acolher, meio que na marra, sabe? Ali, ah, tu tendo as tuas experiências de vida

e ali acolhendo aquela pessoa, mas tu não sabes se tu tá fazendo correto ou se até nem é o correto [...] Kássia

Clareza conceitual é fundamental para o entendimento teórico, planejamento e gestão eficaz (Quarantelli, 2005). A falta de clareza nas interfaces com a terapia ocupacional gera lacunas na comunicação e dificulta a atuação (YA/WFOT, 2024). Ainda há pouca produção conceitual na área, e são raros os estudos que abordam suas complexidades epistêmicas e distinções fundamentais (Scaffa *et al.*, 2006). Apesar disso, terapeutas ocupacionais contam com um repertório teórico-prático que os aproxima de temas centrais nesse campo: segurança, acessibilidade, adaptação ocupacional, bem-estar de populações em situação de vulnerabilidade, inclusão, promoção da saúde mental, facilitação da participação ocupacional e o acompanhamento do luto (Sinclair; Thomas, 2010; Habib *et al.*, 2013; Hossain *et al.*, 2013; Stark, 2013; MMD/WFOT, 2024).

O terapeuta ocupacional vai sempre saber que ele pode ser útil no apoio daquela situação, entendeu? Mesmo hoje eu te dizendo que não existe uma disciplina específica dos desastres, né? De como atuar. Uhum, ele vai saber, né? De que forma que ele pode conduzir algumas situações? [...] Miriam

O engajamento político, ético e moral, assim como o compromisso com a justiça social, inerentes à profissão, podem, e devem, fundamentar uma prática crítica e situada que, articulada a um embasamento teórico consistente, fortaleça a atuação de terapeutas ocupacionais diante das complexidades em emergências e desastres. Isso amplia as possibilidades de cuidado e de intervenção sensível às realidades sociais, especialmente ao Brasil. É vital considerar fatores imbricados às pessoas e ou comunidades afetadas como cultura, gênero, religião, história e linguagem (Jeong *et al.*, 2015; MMD/WFOT, 2024):

[...] Aqui no Sul o significado da formatura é muito diferente do nosso. Lá no Sudeste eles têm um negócio com formatura, mas aqui é impressionante assim, né? A escolha dos professores, a colação de grau, a festa. Cada um faz a sua festa. Não existe um baile. É diferente da vivência que a gente tem. Então é um marco assim. Você anda pela cidade na época que tem os processos seletivos e você vê faixas penduradas nas casas dizendo: “aqui tem alguém que passou na universidade”. E aí, quando você tem essa noção, você pensa nossa, uma turma inteira não houve formatura assim aqui, o que é isso? [...] Ana

Para Sinclair e Thomas (2010) os aspectos culturais e religiosos devem ser cuidadosamente considerados, o apoio mútuo e os rituais culturalmente relevantes são mais eficazes do que aconselhamentos profissionais propriamente.

E aí ele diz: “um foco de luz”. Ai eu: “um foco de luz?” (choro). Ele: “é, não sei se você acredita? Mas, nós somos espíritas. Ele explicou... E a gente não está conseguindo entrar. [...] E aí ele falou do jeitinho dele lá, que eu acho que eu entendi [...] E eu vim para cá pensando: um foco de luz, um foco de luz. E ele: pensa e mentaliza um foco de luz, um foco de luz. E eu vim mentalizando [...] Dani Laura

Destacam-se outras iniciativas como workshops, recursos on-line e desenvolvimento de currículos específicos (Scaffa *et al.*, 2006; Smith *et al.*, 2011; Duque *et al.*, 2013; Rashad *et al.*, 2022 e WFOT, 2024). Contudo, persistem lacunas no reconhecimento formal, oportunidades de atuação, desenvolvimento de competências específicas para uma atuação eficaz e um olhar para além da lógica centrada no risco, (Quarantelli, 2005; Smith-Oliver, 2021). Tal inserção ainda é apontada como um desafio a ser superado (Duque *et al.*, 2013). Assim, as vozes narradas reforçam a necessidade de uma abordagem que integre diversos saberes, superando limitações estruturais e epistemológicas ainda presentes na formação e atuação profissional.

5.2.2 *Silêncios e escutas: o lugar da terapia ocupacional na produção de memória e reparação*

Santa Maria da Boca do Monte: A Boca não quer mais falar ou não há quem escute?

Todos ouvem seus barulhos. Alguns, tua voz. São raros os que ouvem o teu silêncio.
Abner Santos

O tema reflete sobre o papel das terapeutas ocupacionais como ouvintes e mediadoras do sofrimento, diante de uma sociedade, inclusive entidades governamentais, que muitas vezes silencia afetados, e destaca como isso afeta profundamente o exercício da escuta sensível e ética.

Eu vejo a tragédia da Kiss assim como uma bola de pelo, presa na garganta de Santa Maria. Daí fica essa coisa, sabe? O julgamento não anda e o memorial não é feito, né? É muito difícil, né? Mas, precisa digerir [...] Tatiana

Santa Maria da Boca do Monte, nomeada há pelo menos 137 anos, cidade que recebeu nome e sobrenome, deixou de constar nos documentos oficiais e ficou mais conhecida como Santa Maria. O sobrenome foi abandonado e a identidade atravessada

pelo sofrimento histórico. A ruptura imposta pelo desastre da Kiss gerou o que Kai Erikson (1976) chamou de trauma coletivo, um abalo que afeta o tecido social, desorganiza significados culturais compartilhados e desestabiliza formas habituais de viver e se relacionar com o espaço urbano.

Quando foi isso? Foi no verão. Final de ano é época de aula. Eu não me lembro o dia, mas eu sei que começa a rolar uma agonia, sabe? Dá uma agonia. Daqui a pouco alguém diz: “Ah, é? É a data? Era isso que estava dando?” Começa a esquentar, começa a vir a lembrança [...] Dani Laura

Os atravessamentos vividos pela comunidade, estudantes e terapeutas ocupacionais não se restringiram à mera contagem cronológica do desastre, mas influenciam, ainda hoje discursos públicos, práticas culturais, rituais de memória, movimentos políticos e reconfigurações afetivas em torno do pertencimento à cidade.

[...] criticaram, nas redes sociais, a presença da colcha no auditório do departamento, referindo-se a ela de forma pejorativa como “panos de prato pendurados”. A reação imediata dos alunos de Terapia Ocupacional foi de indignação, sobretudo porque muitos deles haviam vivenciado diretamente. Em resposta, do jeitinho deles, né? Sabem o que que é isso? Isso, isso, isso [...] Aí agora tem um material escrito, o que é? O que que é essa colcha? [...] posicionaram-se politicamente em defesa, né? E aí eu digo que isso não é para qualquer profissão, né? Fazer uma defesa. [...] Dani Laura

Aqui, o ponto central é que o desastre criou uma ruptura nas percepções sociais de tempo e espaço, forçando as pessoas a reestruturarem suas relações com esses conceitos (Sorokin; Merton, 1951), ou seja, as pessoas são forçadas a pensar o fenômeno desastre de forma diferente daquela com que outros vêm utilizando o tempo cronológico e o espaço geográfico (Quarantelli, 2005).

[...] teve gente aqui que a gente ficou muito pertinho. Tinha colegas assim, que acompanharam por tempo, sabe, sugerindo: “Olha, vai ao médico agora, tá na hora. Isso que tu tá sentindo não é normal. Ninguém passa pelo que tu passou e fica de boas.” Então tu tá, tipo, “não consegui dormir, porque se fecha os olhos, vem a imagem dos corpos, das pessoas, das mães chegando, chorando, e esse telefone tocando o tempo todo”, né? E aí a pessoa não conseguia dormir [...] Dani Laura

Merton (1968) apresentou o conceito de tempo social, destacando sua ligação com a estrutura social e os padrões culturais. Segundo ele, a percepção temporal varia conforme o contexto social de cada indivíduo. Em situações de desastre, por exemplo, as pessoas podem sentir que o tempo está suspenso ou precisam reorganizá-lo para enfrentar

a *crise*. Além disso, ele aponta que diferentes grupos vivenciam o tempo de maneira desigual em momentos críticos.

[...] Cada um com a sua marca do que viveu e do que sentiu naqueles dias, né?
Daniela Tônus

McGrath e Kelley (1986) e McGrath (1988) exploraram como desastres podem alterar a percepção do espaço. Eles destacam que o espaço geográfico, que antes tinha um significado cotidiano e regular, pode se tornar um espaço de luto, reconfiguração e novas formas de interação.

E mesmo que você tentasse abrir espaços de fala na sala de aula ou em outros espaços, isso era um silêncio mortal. Ninguém falava disso, ninguém falava sobre isso [...] Ana

O espaço, por sua vez, pode ainda se tornar uma arena de significados transformados, onde as interações sociais e o senso de pertencimento podem ser profundamente alterados (Young; Schuller, 1988), ou seja, criando novos significados a partir da experiência do sofrimento coletivo (Baker, 1993).

Então é uma ferida que está aberta e é uma ferida que não, não se fala não, se não se tem espaço para falar sobre isso abertamente [...] Ana

Nesse sentido, é importante avançar na compreensão de como a sociedade reorganiza suas relações com o tempo e o espaço diante do sofrimento coletivo e dos processos de reconstrução identitária, situados entre o direito de esquecer para alguns e o dever da memória para nós, enquanto pesquisadoras deste estudo (Ingiyimber, 2022).

Se não se tem espaço para falar sobre isso abertamente. Quando se toca nesse assunto, o que a gente mais escuta? “Ah gente já foi, chega, já deu dez anos, deixa as pessoas descansarem, não vai ficar levantando, né? Ficar falando dos mortos não é nem bom”. Então é uma tentativa de sufocamento [...] Ana

Implica-nos garantir espaços seguros de escuta e partilha, como apontam Sinclair, 2014 e GL/WFOT (2024), dar voz (MMD/WFOT, 2024), dentro e fora de sala de aula, no apoio às transformações no ambiente, sem apressar o processo de cura, trazendo ressignificação a partir da ocupação (Thibeault, 2011; SG/WFOT, 2024; Skelton, 2020) e até mesmo no exercício do controle social (Ferreira, 2021; Stark 2013).

Quando o indizível vem à luz, ele é político.
Annie Ernaux

Essas ações carregam uma dimensão ético-política, cultural e histórica, diretamente relacionada à responsabilidade coletiva de construirmos um futuro solidário, atento às questões sociais mais amplas que envolvem os desastres — mais seguro, equitativo e justo.

5.2.3 *Confronto com a Inoperância das Estruturas de Proteção Social*

Deficiência dos sistemas sociais: propulsores de desastres

A vida dos nossos filhos, pra eles, vale menos do que 20 centavos.
(Todo dia a mesma noite, 2023)

O tema evidencia como terapeutas ocupacionais se depararam com o colapso institucional, sendo chamadas a atuar nos vazios deixados pelo Estado, o que reconfigura suas noções de justiça, cuidado e política pública. O desastre, revelado como fenômeno inerentemente social, implicou considerar ações ou omissões humanas, marcadas por hesitações, interesses econômicos e políticos, e negligências.

Pagar alguém para fazer, né, a reforma. Aí a empresa que vai fazer o negócio, faz inadequado. E quem vai fiscalizar, mesmo que ela tivesse feito inadequado, e dar o alvará, deu [...] Dani Laura

Alguns autores enfatizam as raízes dos desastres, destacando que suas causas resultam de processos sociais, econômicos e políticos (Quarantelli, 2005; IRDR, 2013; Oliver-Smith *et al.*, 2016). Assim, associa-se o aumento de emergências e desastres ao modelo capitalista e ao neoliberalismo (Moore, 2015; Smith, 2007; Torres e Maso, 2023). Igualmente, Albala Bertrand (1993) indica que os desastres escancaram problemas sociais já existentes.

Acho que somos todos nós, não só terapeutas ocupacionais, impactados com tudo que anda acontecendo assim de outras tragédias, né, de violências, muitas violências no Brasil, de exclusão, de, enfim, de negligências, de falta de políticas e de falta de justiça, com várias situações que nos impactam o tempo inteiro, né? [...] Ana

O desastre da Boate *Kiss* revela o Brasil *gordo na contradição*¹⁷: apesar de avanços em indicadores globais (FAO, IFAD, UNICEF, WFP e WHO, 2024), ainda se convive com a fome, o analfabetismo e a precariedade habitacional, reflexo de negligências históricas e de múltiplas violências, institucionais, sociais e simbólicas. Como pensar em estratégias eficazes de prevenção e preparação para emergências e desastres quando muitos sequer têm acesso ao básico para viver (AM/WFOT, 2024)?

[...] foi uma sucessão de erros que talvez pudesse ter sido evitada, né? E muitas pessoas pagaram com as suas vidas [...] Juliana Borges

Isso também quer dizer que as diferentes formas de viver das populações afetadas, sobretudo aquelas com menor nível socioeconômico, influenciam os impactos negativos que surgem em situações de desastres, ou seja, precisamos olhar as vulnerabilidades, as deficiências dos sistemas sociais (Quarantelli, 2005).

[...] aí entra o Poder Público. O prefeito saiu pela tangente, foi-se embora para Porto Alegre e aí até na própria prefeitura tinha irregularidades em relação a segurança de incêndio, essas coisas. E aí, quem deveria ser o responsável? Se safou! [...] Aí prendem os músicos e o dono da casa. Daqui a pouco solta porque não sei o quê. Sabe (...) (respira fundo) E ver pais sendo presos, porque xingou, porque... me poupe sabe. Foi penalizado, perdendo o filho. É brincadeira, sabe? Brincadeira [...] Dani Laura

Desastres, em geral, tendem a gerar respostas pró-sociais e cooperativas, ao contrário de contextos de conflito, mais associados a atitudes antissociais (Quarantelli, 2005). No caso da Boate *Kiss*, porém, há marcas persistentes de hostilidade (AVTSM, 2025). Ainda assim, essas atitudes contrastam com gestos de solidariedade que emergiram na sociedade.

[...] durante o julgamento, né? estavam sofrendo profundamente, porque entravam nas redes sociais e estavam recebendo xingamento, sabe? E eu achava aquilo muito louco assim, sabe? Porque eu falava: “gente, eu tô aqui, na frente do julgamento e da população e eu só escuto solidariedade e amor, mas sempre nas redes sociais é tipo o esgoto do comportamento humano assim, né? [...] Tatiana

Nas narrativas, a busca por justiça, portanto, transborda a dor da perda, ela se transforma em um enfrentamento cotidiano à severa insensibilidade pública:

¹⁷ *A cara do Brasil*. Celso Viáfora & Vicente Barreto, 2017.

se a gente for pensar enquanto população, de um modo geral, ela foi muito dura, né? A gente viu assim, cartazes, né? Debochando a gente. Aquelas coisas “gostam tanto de fazer churrasco”. Aí a gente recebeu muitas imagens, muitas gravuras duras, né? Preconceituosas, agressivas, né? Sem nenhum, sem nenhum, nenhum sinal, né? Que respeito, né? Eu acho que pra mim isso foi o que mais marcou assim, né? [...] Silvani

A erosão da confiança na segurança pública e seus reflexos na percepção individual e coletiva de proteção e justiça

Um ponto a destacar que se evidencia nas narrativas, é que o desastre levou a uma desconfiança generalizada nas estruturas públicas e privadas que deveriam garantir condições mínimas de segurança. Diante da percepção de abandono e falha institucional, emergiu entre elas a necessidade de desenvolver estratégias próprias de autoproteção e cuidado coletivo.

tudo tomava uma dimensão grande, onde a gente entrava, olhava a janela, olhava a porta, olhava para ver onde é que saía a quantidade de gente [...] outra coisa que ficou muito forte em mim. De que tem que falar para os adolescentes. Eles não têm noção de que estão desprotegidos, então isso é meio rotineiro, sabe? Vai e vem me pegando, falando na aula, vocês estão se cuidando, onde é que vocês estão? Vocês andam em grupo? [...] Dani Laura

O incêndio pode até ter motivado a alteração de leis (Brasil, 2017) e criação de resolução, inclusive na terapia ocupacional (COFFITO, 2013). No entanto, essas normativas muitas vezes permanecem no plano formal, sem se traduzirem em mudanças efetivas nas práticas. O que se observa, e gera legítimas preocupações, é a recorrência de falhas e a repetição de erros já denunciados (G1, 2024; 2025)

[...] isso tinha que ter avançado né, no país. Então isso me deixa triste. Será que o Brasil mudou, né? Será que já não voltou tudo a ser como era? [...] Miriam.

Paralelamente, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) admitiu o caso da Boate *Kiss* para apurar a responsabilidade do Estado brasileiro no desastre. Neste mesmo período, o ministro Dias Toffoli do STF, em decisão monocrática, restabeleceu a decisão do Tribunal do Juri que condenou os réus e por conta disso determinou o imediato recolhimento deles à prisão. Essa decisão foi mantida em colegiado em momento posterior e retorna “para o Tribunal de Justiça do Rio Grande do

Sul (TJRS), que vai examinar outros argumentos lançados no recurso das defesas, ainda pendentes de análise” (MPRS, 2025), e embora exija celeridade, a longa espera coloca em dúvida se o respeito aos afetados e à sociedade tem, de fato, sido preservado. Diante da omissão prolongada e da frágil resposta institucional, esse desastre revela-se menos como um fato isolado e mais como reflexo das falhas estruturais que seguimos, coletivamente, autorizando.

Se a justiça tarda, já é injusta.
Rui Barbosa

5.2.4 *Atuação profissional em emergências e desastres*

Na fragilidade dos segundos: ações de terapeutas ocupacionais ao segundo maior incêndio urbano na história do Brasil

Este tema focaliza as ações das terapeutas ocupacionais diante do desastre, das primeiras horas aos dias atuais, mostrando como o senso de urgência, empatia, improviso, resistência e cuidado demandaram competências que extrapolaram o tradicional escopo da profissão.

Docentes do curso de Terapia Ocupacional da UFSM e da UFN foram afetadas pelo desastre; na UFSM, perderam alunos, e na UFN, os seus alunos foram afetados diretamente — uma das entrevistadas perdeu um familiar, e outra, uma amiga. Nesse contexto, ecoam atravessamentos que dialogam com a reflexão da terapeuta ocupacional Stark (2013, p. 24), ao utilizar o termo *perdas intratáveis* para expressar essa dor.

A cidade, na segunda-feira, era extremamente silenciosa. Eu nunca vi uma coisa igual, assim (...) eu lembro que eu fui ao mercado, e era um silêncio, assim (...). As pessoas não conversavam, não tinha música. A única coisa que a gente via era carro de funerária. Só isso. Era muito triste, sabe? Nunca vi coisa igual. Era, uma sensação de (...) era um desconforto, era uma sensação de vazio, sabe? Era muita tristeza! [...] Daniela Tônus

De um clima festivo em meio aos preparativos para a comemoração de formatura, encontraram-se, tomadas por angústia, diante do desafio de responder. O desastre revelou a tênue fronteira entre a resposta reativa e a preparação prospectiva. Quando não há ações de preparação a resposta tende a ser fragmentada e desorganizada, reforçando a falsa percepção de que o ocorrido era imprevisível (UNDRR, 2015). Diante disso, impôs-se

um desafio urgente: reconhecer, de forma imediata e consciente, os próprios limites e identificar maneiras de apoiar afetados sem comprometer a própria saúde.

[...] foi um momento difícil, a gente tem marcas disso, mas a vida, né? Exige que a gente seja forte! Então a gente teve que ser, né? Por nós, por nossos alunos [...] Daniela Tõnus

Apesar das competências já estabelecidas nesse campo (AOTA, 2017; WFOT, 2014; WHO, 2016), há pouca evidência nas ações que antecedem os desastres (Habib *et al.*, 2013; Ching; Lázaro, 2021; WFOT, 2024). Scaffa *et al.* (2006) já destacavam a importância de planos que considerassem o cuidado com as famílias dos profissionais, prevenindo conflitos sobre suas próprias energias e emoções, durante longos períodos de serviço.

Eu, como tinha bebê, a bebê acordou, foi mamar, aquela coisa toda [...] Então já estava todo mundo nessa movimentação. Aí eu me lembro que eu fiquei em casa, continuei, né, com a bebê [...] Kayla

A ausência dessa preparação, contribui para uma vivência marcada pela sensação de estar imerso em um caos do qual, para alguns, não se conseguia sair, continuamente alimentado pelo sofrimento provocado pelas notícias que chegavam, no início daquele domingo, revelando com intensidade a dimensão humana e emocional do desastre.

[...] nesse meio tempo foi, foi o dia inteiro assim. Ele dizia: “Sai daí”. Eu dizia: eu não consigo, quero ver se eu consigo achar essas criaturas, quero ter notícia deles [...] Eu fiquei o dia inteiro ali, naquele computador, vendo as coisas e ouvindo e tentando. E foi muito, muito louco assim, muito doloroso [...] Amara

Nas primeiras horas, elas realizaram a busca e o gerenciamento de informações de afetados; comunicação entre docentes; ida até os hospitais; doação de sangue; distribuição de água; e atendimento aos familiares e à comunidade. Segundo (TBS/WFOT, 2024) essas ações representam a multiplicidade de funções que pode ocorrer em emergências e desastres. O que está invisível nos currículos tradicionais e se ancora no compromisso ético com a vida em suas complexidades.

Era um dia muito quente ali em Santa Maria, a gente saía distribuindo caixas e caixas de água para as pessoas que estavam do lado de fora, uma multidão do lado de fora, não cabiam lá dentro, lá dentro só conseguiam entrar os familiares ou alguém que estivesse ali pra reconhecer o corpo. Ao mesmo tempo, nós

enquanto professoras daqui da UFSM, ficávamos dando informações pros colegas que estavam procurando, né? [...] Daniela Tônus

Elas atuaram com familiares em São Sepé, na UFSM e no Centro Desportivo de Santa Maria (RS), conhecido como Farrezão, local que se tornou um dos cenários mais dramáticos do luto coletivo.

Eu me lembro da cena de um pai que me deu um abraço e dizia: “Professora, o que eu vou fazer agora?” Nossa, me deu um desespero [...] e aí eu não tive resposta para ele. “O que é que eu vou fazer agora?” Ninguém tem. O que é que tu vai dizer? [...] Kayla

Nesse contexto de intensa comoção, duas terapeutas ocupacionais atuaram diretamente no acolhimento de familiares que fariam o reconhecimento dos corpos. Em algumas situações, uma delas também auxiliou na identificação de afetados, cujos familiares não estavam presentes naquele momento, isso é chamado de múltiplos papéis (TBS/WFOT, 2024). Ou seja, ainda que essa função não seja exclusiva de terapeutas ocupacionais, ela reforça a importância da presença sensível e ativa desses profissionais nesse contexto.

Era uma cena de filme de terror, assim, uma coisa muito impactante, sabe? [...] Então a gente ficou trabalhando. Era muito (...) era muito difícil, porque tinham pais, tendo infarto, né? Tinha pais passando mal, tinham familiares, desesperados... então a gente tinha que ter muita gente ali pra acolher, pra... pra socorrer, né? Enfim. E aí a gente ficou, né? [...] E tinham ali uns quatro alunos nossos, inclusive um deles, na hora da identificação ali, não tinha nenhum familiar e a Taísa foi identificar, né? [...] Daniela Tônus

Stark (2013) nos lembra da experiência profunda e, por vezes, dilacerante de permanecer em um lugar “onde o que podemos fazer não pode compensar todas as perdas sofridas” (p. 24).

Dei meu telefone para algumas pessoas, caso precisassem de casa para ficar, nesse sentido, né? Mas, realmente me sentindo totalmente impotente para fazer o que? [...] Kayla

Estar nesses espaços exigiu delas sustentar a presença em meio à dor irremediável, ao silêncio pesado, aos choros contidos e aos gestos de desespero dos que ali buscavam por notícias, reconhecimento e despedidas, colocando-as diante dos limites do cuidado. Permanecer significou reconhecer que, apesar de que não fosse possível apagar a dor, era possível compartilhá-la com escuta, acolhimento, respeito e humanidade. Foi nesse

espaço que o estar se tornou, por si só, uma forma potente de cuidado e transformação: estar ao lado, sustentar o momento, oferecer apoio mesmo no não saber, no não conseguir consertar.

[...] a gente percebeu os alunos muito fragilizados, né? A gente não sabia ao certo como acolher, como fazer, né? Se a gente tocava no assunto, se a gente abraçava, se a gente fazia uma roda de conversa, se a gente rezava, se a gente (...) a gente não sabia exatamente como fazer pra acolher tanta dor, né? E de tantas turmas, porque eram, eram várias turmas, né? [...] A gente, separou umas flores e colocou nas portas das salas de aulas, mesmo que não tivesse aula, a gente sabia que os alunos iriam vir pra cá, porque cancelaram tudo, né? E a gente veio pra cá com a intenção de receber, né? Os alunos que chegassem naquele dia [...] Daniela Tônus

Cabe trazer a indagação da terapeuta ocupacional, BZ Chile: “O que nos tornaria diferentes?”, à qual responde com clareza: foi a abordagem. Com isso, ela afirma que o que tinha a oferecer era a escuta (WFOT, 2024). Alguns autores destacam a importância de ouvir as vozes de sobreviventes em emergências (Ricci *et al.*, 2020) e desastres (Scaffa *et al.*, 2006; Sinclair *et al.*, 2010) e de profissionais respondentes (Tierney *et al.*, 2001; Scaffa *et al.*, 2006; Oakley *et al.*, 2009; Habib, 2013; Smith-Forbes, 2014). Para Sinclair (2010), apoiar sobreviventes a se organizarem, realizarem cerimônias e criar espaços onde possam simplesmente se reunir, abraçar, chorar, compartilhar suas histórias, são maneiras realmente importantes para as pessoas gerenciarem seu luto e raiva. Nesse sentido, as próprias entrevistadas, enquanto afetadas e respondentes, também encontraram entre si um espaço de acolhimento e escuta mútua, onde puderam compartilhar suas vivências, dores e reflexões, reafirmando a importância da construção coletiva do cuidado.

[...] teve um momento entre nós. Escuta, professor com professor, né? [...] professores acolhem nos seus departamentos para receber esses alunos, né? Sim, seja para ouvir, para chorar junto [...] Kayla

As entrevistadas utilizaram então desse *estar* como condição essencial para, gradualmente, possibilitar o *fazer*: um fazer construído a partir da escuta sensível, do vínculo e do reconhecimento das necessidades concretas e subjetivas daquele que sofre. Escuta não apenas de palavras, mas de gestos, silêncios, rotinas interrompidas, sentidos fragilizados. Essa escuta atenta, sensível e ampliada nos permite compreender contextos complexos e, a partir deles, planejar e agir de maneira situada, respeitosa e comprometida com a realidade do outro (BZ, Chile/WFOT, 2024). Escutar, portanto, não é um ato passivo: é o ponto de partida para um fazer que se constrói junto, que reconhece o outro

em sua dor, mas também em sua potência. É nesse espaço de encontro, entre o acolher e o agir, que terapeutas ocupacionais revelaram o cerne da terapia ocupacional. Quando escutamos, acolhemos, e quando acolhemos verdadeiramente, abrimos caminhos para restaurar tecidos sociais, sentidos, ocupações, cotidianos e reconstruir modos de estar no mundo (Thibeault, 2011).

Então acho que tem um (...) tem um olhar sobre os fazeres (...) que na hora a gente não pensava assim, estamos fazendo porque somos terapeutas ocupacionais. Não era por isso, mas era por isso. A gente sabia por onde abrir janelas, por onde acolher, onde levar um pouco mais, sabe? Porque quase como um ato terapêutico mesmo, né? [...] Eu disse sim, a gente tem que sair da (...) passar da fala assim [...] muita conversa, muito abraço, muito colo, muito olho no olho. E aí a gente aqui a gente tem que fazer. Então eu acho que é isso, sabe, essa coisa de se colocar numa cena produzindo algo em grupo para que a gente pudesse fazer essa passagem, sabe? [...] Dani Laura

Ao longo daquela semana, oficialmente decretada como período de luto, as docentes promoveram dinâmicas de grupo que proporcionaram um espaço seguro para a expressão de sentimentos, entremeadas por momentos de oração coletiva. Nesse sentido, autores apontam que a espiritualidade pode emergir como uma âncora emocional tanto para terapeutas ocupacionais quanto para outros afetados, sendo, em alguns casos, despertada ou intensificada a partir da vivência de desastres (Simon, 2005; Smith et al., 2011). Cabe destacar que se sentir parte de um grupo social ou vivenciar o pertencimento também pode funcionar como um fator de proteção emocional frente a situações de extrema adversidade (Fine, 1991). A exemplo, o jardim idealizado e construído em frente ao DTO, um fazer coletivo, carregado de simbolismo, que reuniu amigos, familiares, docentes, estudantes de diversos cursos e demais afetados. O simples ato de mexer com a terra ultrapassou o gesto físico: o jardim transformou-se em um território de afeto, memória e expressão de cuidado. Ali, o luto pôde ser vivido, respeitado, compartilhado e, de algum modo, ressignificado por meio da presença, do cuidado mútuo e dos gestos cotidianos. Para marcar esse espaço simbólico, foi escrita na parede do ambulatório uma frase da canção Por onde andei de Nando Reis: **“A vida é mesmo coisa muito frágil... Diante da eternidade, do amor de quem se ama”** evocando, com delicadeza, a dor da perda e a potência da transformação.

surgiu a ideia do jardim, que partiu da professora Andreia, da gente tornar isso um momento de sentirmos o que tinha que sentir, de homenagearmos. E aí, e aí a gente veio pra cá, num dia muito quente, os alunos, cada um trouxe material, né? Enxada pra gente fazer, começar a mexer na terra. As pessoas

chegavam, plantinhas de vários lugares, pessoas que a gente nem conhecia [...] foi um momento que ajudou bastante, foi uma ideia interessante da gente, cada um do seu jeitinho, trabalhar a sua dor, sabe? Porque enquanto a gente plantava, alguém chorava, outros cantavam, outros conversavam sobre o que estavam sentindo, né? E acabou sendo um lugar que muitas pessoas vinham visitar [...] Dani Tônus

Uma das docentes, com apoio do grupo, organizou uma missa que reuniu a comunidade universitária e familiares, em um momento de espiritualidade e acolhimento. Griffith *et al.* (2007) apontam que a espiritualidade pode contribuir significativamente para o bem-estar, ajudando na reconstrução da identidade diante de perdas de autonomia e influenciando ocupações significativas.

Na quarta, uma colega organizou uma missa e a gente então fez aqui dentro. Ela chamou um padre da comunidade aqui de Santa Maria [...] Dani Laura

Nesse sentido, a ocupação, vivência ativa do fazer que compõe o tecido da vida cotidiana, brutalmente interrompida pelo desastre, foi, aos poucos, abrindo espaço, para um fazer compartilhado que reaproximou as pessoas, deu lugar a ressignificação da dor e abriu caminhos para a vida em meio ao luto. Smith *et al.* (2011) abordam como os desastres podem perturbar hábitos, rotinas e papéis. Nesse sentido, o reengajamento na ocupação constitui um aspecto importante do processo de recuperação pós-desastre de indivíduos e comunidades (Rushford e Thomas, 2015). Para Sima *et al.* (2017) a ocupação é central nesse apoio à recuperação, sustentando a resiliência e adaptação de sobreviventes aos desastres. Outros autores apontam que a ocupação é fundamental para a saúde, o bem-estar, a recuperação e a reintegração de indivíduos e comunidades afetadas por desastres (Sinclair, 2014; Roy *et al.*, 2017; Altuntas *et al.*, 2021).

Em seguida ao término oficial do luto, as docentes proporcionaram, com delicadeza e presença, que esse compasso fosse vivido sem pressa, sem imposição de uma cura imediata. Resistiram à lógica institucional do retorno à normalidade e transformaram as disciplinas em espaços de escuta e cuidado prolongado. Adaptaram a forma como os conteúdos eram abordados, com atenção especial aos temas que poderiam reativar memórias do desastre. Além disso, respeitaram as escolhas dos alunos sobre permanecer ou não nas salas onde haviam perdido colegas de turma. Esse posicionamento ético e afetivo reafirmou o compromisso da terapia ocupacional com a reconstrução do cotidiano em sua complexidade, reconhecendo o tempo do luto e a potência do acolhimento como ocupações em si mesmas.

E os próximos dias, uma interrogação, claro teve os dias de luto, de não ter aula e depois que as coisas foram retornando a gente ficava como que recebe, né? Sim, essas pessoas, o que é que segue? Então a gente foi transformando as disciplinas em escuta, né? Em escuta, em muito, muito tempo. Foi de escuta, total escuta [...] A gente falava a respeito, mas depois a gente dá continuidade. Tudo bem para vocês? Vamos seguir o conteúdo agora. Tá tudo bem pra vocês? E ia seguindo. E se conseguiu [...] Kayla

Outra ação, desenvolvida alguns meses após o desastre foi a reabilitação de pessoas com queimaduras extensas, principalmente em membros superiores e com quadros de estresse pós-traumático, alterações cognitivas e neurológicas. Uma terapeuta ocupacional atuou por cerca de dois anos e meio nessa área e teve entre 30 e 40 pacientes. Docentes também contribuíram com atendimentos em saúde mental, por meio de estágios supervisionados, enquanto outra colaborou na mobilização de estudantes para apoiar essas ações e na confecção de órteses.

quando chegaram ali, não conseguiam segurar uma garrafa e saíram de lá assinando o seu nome [...] Juliana

O documento da WFOT (2024), com base em entrevistas com 14 profissionais, destaca o papel dos terapeutas ocupacionais em todas as fases dos desastres. No entanto, a atuação das entrevistadas se concentrou principalmente no período imediato e nos anos seguintes ao desastre, assim como apontam Hughes (2006), Oakley (2008), Habib *et al.* (2013), Hossain *et al.* (2013), Stark (2013), Lee (2014), Mousavi *et al.* (2019), Wu *et al.* (2019).

Cabe destacar que outras iniciativas protagonizadas por docentes e estudantes de terapia ocupacional emergiram em diversas regiões do Brasil, demonstrando como a dor e a solidariedade não reconhecem barreiras geográficas. Uma das iniciativas começou na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), liderada pela docente Stella Maris Nicolau e seus alunos, mobilizou docentes e estudantes de cursos de Terapia Ocupacional de diversas universidades públicas do país. Tratou-se da confecção de retalhos que atravessaram o Brasil, e chegaram às docentes e alunos do curso de Terapia Ocupacional da UFSM. Ao chegarem, uma docente costurou-os, compondo então a colcha de retalhos.

[...] esse acolhimento que veio de fora. Era como se cada caixinha que a gente abrisse viesse além da colcha, um pouco de força pra gente conseguir seguir e conseguir, né? Retomar esse cotidiano junto com os alunos ali. A cada caixa

que chegava. Era uma caixa que, para além de uma colcha, vinha uma mensagem de força, de esperança [...] Aline

Outra ação ocorreu na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em um gesto simbólico de solidariedade e cuidado, estudantes, docentes e autoridade universitária se reuniram e durante a cerimônia, balões brancos foram soltos ao céu.

E aí o pessoal de Pelotas também fizeram uma ação, jogaram vários balões brancos e fizeram uma faixa que este tempo estava por aí também, com as mãos dos alunos e desejando coisas boas pra gente [...] Amara

Desastres podem ser catalisadores de transformação: avanços possíveis diante da resistência à mudança

Em nossa análise, todas as vozes e ações narradas revelaram que o desastre também funcionou como catalisador de novas compreensões sobre sua complexidade. A exemplo, muitos estudiosos assumem que um desastre é um evento traumático que ocorre em um sistema social já existente, evocando uma imagem de dano e reatividade diante de um agente externo (Schneider, 1985). Essa visão, amplamente difundida tende a enfatizar os *aspectos negativos* e as *respostas reativas* ao desastre. Por outro lado, há uma perspectiva crescente que entende os desastres como manifestações do próprio processo de evolução dos sistemas sociais, que estão em constante transformação (Quarantelli, 2005). Essa abordagem sugere uma imagem diferente, voltada à *adaptação* e à *ação proativa* diante das vulnerabilidades já presentes no tecido social.

Quarantelli (2005) traz uma reflexão importante: se não considerarmos as transformações sociais, trataremos os desastres como problemas sociais e seremos incapazes de enxergar os *efeitos positivos* que podem ocorrer nessas situações:

nós provavelmente subestimamos como muitos dos nossos conceitos e ideias na área dos desastres não refletem totalmente a gama de experiências humanas no mundo (p. 346, tradução nossa)

De modo geral, a abordagem presente na literatura internacional, ligada às práticas de terapeutas ocupacionais, permanece então centrada na lógica que considera especialmente os *efeitos negativos* da ocorrência dos desastres, voltando o olhar de terapeutas ocupacionais para as *vítimas*. A exemplo, o próprio conceito de desastre, adotado, da ONU, presente no documento atualizado da WFOT (2024), descreve:

“Uma perturbação grave do funcionamento de uma comunidade ou sociedade em qualquer escala devido a eventos perigosos que interagem com condições de exposição, vulnerabilidade e capacidade, levando a um ou mais dos seguintes: perdas e impactos humanos, materiais, econômicos e ambientais (United Nations General Assembly, 2016, tradução nossa, p.9).

Na nova perspectiva, Quarantelli (2005), evoca *o positivo e a proatividade*, retomando o conceito desenvolvido por Scanlon (1988), que abordou diversos aspectos positivos dos desastres em todos os níveis sociais. Contudo, se olharmos os desastres sob essa nova lente, precisaremos alterar nossas condutas e agendas de pesquisa, integrando esse novo foco. Assumimos, assim, o desafio de direcionar nosso olhar a partir dessa perspectiva, ainda que permaneça latente a pergunta: Será que diante tantas formas de afetamentos desse desastre, isso nos será possível?

A inserção da terapia ocupacional, nesse campo, ainda que incipiente, pode ser compreendida como parte da segunda imagem, como refletido por Quarantelli (2005), ou seja, na tentativa de fortalecer redes de cuidado e promover reconstruções cotidianas a partir da escuta, do vínculo e da prática situada, é possível que tenhamos nesses aspectos *o positivo e a pró-atividade*. As ações protagonizadas pelas terapeutas ocupacionais simbolizam o compromisso ético, moral e político da terapia ocupacional com a vida. As iniciativas, profundamente simbólicas, expressam acolhimento, reconhecimento da dor e, em um gesto de resistência, anunciando a possibilidade de construção de um futuro possível. Como dispositivos de cuidado, as práticas coletivas reafirmaram os laços entre instituições, comunidades acadêmicas e territórios atravessados pela perda, tornando-se expressões vivas da valorização da vida, da memória e da ocupação em tempos de desastre.

Foi tão potente, tão potente, tão bacana assim de ver que que a T.O. é isso, sabe? E é cuidado também. É carinho e afeto. A-fé-T.O, sabe? (risos). Foi, foi muito potente [...] Amara

Nesse âmbito, como resposta institucional ao desastre, foi criado o Centro Integrado de Apoio às Vítimas de Acidentes (CIAVA), estabelecido em parceria com os governos federal, estadual e municipal, com o apoio do Ministério da Saúde, que possibilitou a contratação de profissionais de diversas áreas, incluindo a terapia ocupacional, e consolidou uma atuação interdisciplinar voltada ao cuidado das pessoas diretamente afetadas. Outra iniciativa foi o programa Acolhe Santa Maria, criado a partir

de uma política pública local com apoio técnico do Ministério da Saúde, teve inicialmente o objetivo de oferecer apoio psicossocial, acolhimento e acompanhamento contínuo aos afetados diretos do desastre, contribuindo para a reconstrução da vida cotidiana diante da perda e, ao longo dos anos, manteve-se ativo, ampliando seu escopo de atuação e consolidando-se como referência municipal em cuidado e atenção psicossocial.

Essas experiências não apenas abriram espaço para a inserção da terapia ocupacional em um campo até então pouco investigado, como também impulsionaram reflexões mais amplas sobre suas possíveis contribuições. Tal movimento está em consonância com a literatura existente que, embora aponte historicamente o destaque da profissão na promoção da participação social e autonomia em diversos contextos, incluindo crises humanitárias (Stark, 2013), desastres de origem natural (Taylor *et al.*, 2011; Ching; Lazaro, 2021; Rashad *et al.*, 2022), tecnológicos (Hossain *et al.*, 2013; Borges, 2017; Souza, 2023) e, mais recentemente, na pandemia da COVID-19 (Nizzero *et al.*, 2017; Smallwood *et al.*, 2021; Rodrigues, 2023), ainda se concentra na discussão sobre o reconhecimento potencial da terapia ocupacional. Com isso, persiste uma lacuna na compreensão mais aprofundada das vivências concretas desses profissionais nesse campo.

Já em nosso estudo, foi possível observar que as experiências vivenciadas geraram reflexões significativas nas entrevistadas, que relataram transformações em seu olhar profissional e pessoal. A exemplo, muitas delas afirmaram que, após o desastre, tornaram-se mais atentas à segurança de si mesmas, de suas famílias e de seus alunos em espaços públicos de lazer, cultura e convívio. Cabe ainda destacar o estudo de uma das entrevistadas, Borges (2017), que ao relatar o caso com uma jovem, na época, graduanda em terapia ocupacional, diretamente afetada pelo desastre da Boate *Kiss*, revela como essas vivências impactaram diretamente suas formas de habitar o mundo.

O desastre provocou então uma importante transformação no campo profissional, especialmente na região de Santa Maria. Embora o currículo do curso da UFSM, assim como de outras universidades do país, não tenha passado por alterações formais, mesmo após duas reformas curriculares, essas vivências mobilizaram mudanças importantes na prática e nas relações profissionais. A longo prazo, essa experiência fortaleceu os vínculos entre as terapeutas ocupacionais da região, que passaram a se articular de maneira mais coesa, formando um grupo ainda mais unido, solidário e atento às demandas nesse campo, revelando uma atuação ainda em construção, mas com forte potencial. Assim como, no

estudo de Smith *et al.* (2011), as profissionais refletiram sobre o aprofundamento dos relacionamentos sociais como um dos aspectos positivos diante da adversidade.

Acho que o grupo, assim, foi uma coisa bacana, porque acho que todo mundo se imbuía, sabe?, do mesmo sentimento de se auto-acolher, de acolher esses alunos, de se amparar e se preocupar um com o outro, de estar atento a ver como é que cada um estava reagindo. Eu acho que isso foi uma coisa bacana, porque, assim, é um grupo que foi crescendo, e cada um tem as suas especificidades. Tem uns que têm mais afinidade aqui e ali, mas, naquele momento, foi se constituindo um grupo, sabe? Todo mundo se cuidava, todo mundo se olhava, todo mundo estava — e que a gente sabia, assim, que, se eu estivesse ruim e quisesse falar com alguém, essa pessoa, qualquer um que eu chegasse ali, ia me ouvir, sabe? E vice-versa. Eu acho que isso foi uma coisa importante na gente [...] Amara

Inclusive, para algumas, essa experiência serviu como preparação para lidar com a emergência sanitária da COVID-19, ainda que reconheçam se tratar de situações distintas. Enquanto o desastre demandou respostas imediatas, com pouco ou nenhum tempo para planejamento, “a pandemia, por sua natureza prolongada e progressiva, permitiu um certo grau de assimilação e organização antes da intervenção”, assim como expresso por Mooallem (2020, p. 18). Além disso, conforme relatou Cláudia, o Programa Acolhe Santa Maria inspirou iniciativas em outros locais que vivenciaram desastres. Juliana, por sua vez, mencionou que o CIAVA recebeu premiação em evento científico, evidenciando o reconhecimento institucional das práticas desenvolvidas.

Eu não tinha ideia dessa dimensão. Vejo como uma referência, né? Vocês fizeram um trabalho, vocês estavam, vocês participaram disso tudo e, quando eu falo “participaram”, é participaram de todas as formas, né? Porque inclusive com as perdas, né (...) Eu acho que esse impacto é de uma certa referência e aí a gente vê tantas outras situações, né? A própria pandemia que a gente vivenciou (...) talvez alguns direcionamentos, algumas questões tenham saído também, né, do que foi passado aqui em Santa Maria. Eu acho que a pandemia até nos deu esse “parar e olhar”. Naquele momento da Kiss, a gente não teve isso, né? [...] Juliana

Outros desdobramentos, políticos e institucionais, possivelmente oriundos desses processos, foi a Portaria nº 1.139/2013, voltada à gestão de eventos de massa no âmbito do Sistema Único de Saúde, e a Lei nº 13.425/2017, que ficou conhecida como Lei *Kiss*, e que estabeleceu, ao menos formalmente, normas mais rigorosas para a prevenção e o combate à incêndios e desastres em espaços públicos. Contudo, a criação dessas legislações evidencia uma resposta reativa, o que serve como um alerta sobre a forma como lidamos com desastres, no país. Cabe pensar que a ênfase excessiva na reatividade

pode nos afastar da construção de estratégias mais proativas que lidem com as vulnerabilidades já presentes no tecido social.

Terapeutas ocupacionais participaram ativamente no planejamento das ações de acolhimento que ocorreriam durante o julgamento do caso da Boate *Kiss*:

Eu fiquei muito ativa no momento do julgamento, que seria em 2020. Fui acionada para pensar em propostas de acolhimento dos pais, dos sobreviventes e dos familiares, já que a princípio o julgamento aconteceria aqui, inclusive dentro da universidade [...] E aí a colcha entrou de novo, porque a gente levaria essa colcha, estenderia como uma forma de aproximação com os familiares, de contar um pouco da história [...] Ana Ferrer

Apesar do adiamento inicial, pela pandemia, e transferência para o Foro de Porto Alegre, as ações foram retomadas em 2021 com transmissões públicas e suporte interdisciplinar em Santa Maria. Essa atuação, contou com a colaboração entre docentes da UFSM e UFN, acadêmicos, residentes e profissionais autônomos da área. Essas iniciativas não apenas evidenciam a participação ativa e constante das terapeutas ocupacionais no processo de cuidado aos afetados, como também representam um controle social, uma vez que garantiram a presença da sociedade civil organizada no acompanhamento do julgamento, assegurando o direito à informação, à participação cidadã e o fortalecimento da democracia nas decisões relacionadas à responsabilização.

[...] eu também estive muito próximo dos sobreviventes que eu atendia, justamente para poder dar esse suporte [...] Juliana

Durante os dias do julgamento, que se estenderam por períodos da manhã, tarde e noite, o grupo da terapia ocupacional também levou materiais como retalhos, canetas e linhas para bordado, com o objetivo de construir coletivamente uma colcha de retalhos, mas agora com a própria comunidade de Santa Maria, em memória à ação que se tornara símbolo de cuidado, escuta e resistência desde os primeiros anos após o desastre. A proposta da colcha foi acolhida de forma sensível pela comunidade, muitas pessoas que estavam na praça aderiram espontaneamente à atividade, envolvendo-se no processo de diferentes maneiras.

O grupo da terapia ocupacional nunca esteve sozinho — havia sempre alguém junto, compartilhando, bordando ou apenas estando ali [...] Tatiana

No contexto estudado, a atuação das terapeutas ocupacionais destacou-se pelo caráter coletivo, em contraste com a abordagem mais individualizada presente na literatura internacional (Precin, 2003; WFOT, 2024). Considerando toda a diversidade de ações protagonizadas pelas terapeutas ocupacionais, cabe ainda o conceito de incerteza (Aldrich, 2024). Intensificada pelas vulnerabilidades, a incerteza não é apenas um fator externo, mas parte da experiência cotidiana, vital para planejar intervenções. A habilidade de lidar com o que nos parece imprevisível, como a possível falta de controle e a instabilidade durante desastres, exige que ajustemos nossas abordagens, sendo sensíveis às diferentes formas de enfrentamento e adaptação que as pessoas desenvolvem, bem como ao reconhecimento e respeito de nossos próprios ritmos. Esse lugar ajuda a apoiar melhor os indivíduos e grupos na reestruturação de suas rotinas e ocupações, promovendo o restabelecimento da autonomia e bem-estar em contextos que exigem resiliência, agência e flexibilidade. Assim, se considerarmos os desastres como parte integrante da evolução dos sistemas sociais, será fundamental examinarmos tanto os *aspectos funcionais quanto os disfuncionais*, nesse contexto (Quarantelli, 2005).

5.2.5 *Sistemas de Comunicação de Massa, Reconhecimento e Disputa de Narrativas*

O papel esperado dos sistemas de comunicação de massa como agente de mudança

É preciso que a dor se transforme em palavra para que a vida não se transforme em silêncio.
Eliane Brum

Este tema analisa como as terapeutas ocupacionais se viram ao lado de um sistema de comunicação de massa que não parecia aliado na construção de justiça, revelando os desafios de atuar em meio às disputas de narrativas e visibilidade.

Uma compreensão dos processos comunicacionais em desastres exige priorizar os aspectos sociais em vez da tecnologia envolvida. Nesse sentido, mais do que falar em mídia, é preciso enxergar o sistema de comunicação de massa (SCM) como uma instituição social (com regras, princípios e visões próprias que são parcialmente compartilhados com a sociedade, e, trata-se de um sistema que possui o seu submundo), o que permitirá analisar os fenômenos em seu contexto social e não apenas técnico (Quarantelli, 2002).

Para Quarantelli (2002), aquilo que é produzido não necessariamente resulta de distorções deliberadas ou de incompetência, mas decorre do processamento das notícias conforme os valores e normas institucionais e organizacionais de seu próprio sistema. Em contextos de desastre, o processo de seleção e edição de notícias sofre alterações significativas. Rádio e televisão favorecem transmissões ao vivo e eliminam etapas usuais de filtragem, o que pode aumentar erros e imprecisões. Já os jornais impressos, que não tinham cobertura imediata, ampliavam ou tornavam mais complexo seu processo de edição, a exemplo à época do incêndio. No entanto, esse modelo tem passado por transformações, incorporando progressivamente práticas que buscam responder à demanda por agilidade, como visto durante o recente período de chuvas intensas no RS (Pereira, 2024).

a televisão é aquilo de canal em canal, mesmo você não querendo, isso vem. Você pega o celular hoje em dia, a informação vem. O livro não. Eu acho que a Daniela Arbex¹⁸ fez um trabalho bastante interessante, porque ela conversou com as famílias. Ela não escreveu na cabeça dela. Então ela traz os relatos e até do livro dela, que tem uma série¹⁹ que foi feita com atores que também vieram para cá e que ficaram junto dessas famílias para conhecer as pessoas, enfim, para construir [...] Ana

Mesmo em regiões propensas a desastres, poucos SCM possuem planos de preparação para desastres, e os que existem são, em sua maioria, inadequados (Quarantelli, 2002). Isso revela uma contradição fundamental: embora incumbidos de informar a população em momentos críticos, muitos não estão devidamente preparados para enfrentar essas situações em seus próprios ambientes de trabalho, o que pode comprometer a qualidade da cobertura. Nesse sentido, os SCM são amplamente vistos com desconfiança por diversos setores da sociedade, sendo frequentemente acusados de sensacionalismo, imprecisão e parcialidade (Quarantelli, 2002; Ching; Lazaro, 2021).

nos dias bem próximos da situação, muitas coisas eram colocadas e levavam a um desespero maior, em alguns momentos foi muito sensacionalismo [...] era muita exposição, eu lembro de ver assim muitos corpos, as mesmas imagens que ficavam na cabeça, aquilo repetia o tempo todo, onde às vezes as mães viam ali seus filhos mortos, então era muito difícil [...] Juliana

¹⁸ ARBEX, Daniela. *Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss*. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. 248 p. ISBN 978-85-510-0285-8

¹⁹ NETFLIX. *Todo Dia a Mesma Noite*. Minissérie (5 episódios), dirigida por Júlia Rezende e Carol Minêm; roteiro de Gustavo Lipsztein; produção Morena Filmes. Brasil: Netflix, 25 jan. 2023.

Embora críticas à mídia sejam comuns, estudos que analisaram sistematicamente essa condição indicam que erros factuais são relativamente raros, e que a imprecisão nas coberturas é geralmente menor do que se presume (Scanlon *et al.*, 1978; Quarantelli, 2002). Em nosso contexto, numa realidade marcada por baixos níveis de alfabetização, grande parte do que as pessoas acreditam é moldada pela *realidade* apresentada pelos SCM. Nessas circunstâncias, a informação ou suas falhas podem intensificar o sofrimento humano e serem altamente danosas (King, 2008; Smith-Forbes, 2014; Reis, 2017).

[...] enquanto os mais próximos estavam tentando fazer de uma forma cuidadosa para acolher, para cuidar, né? As pessoas que iam receber a notícia. A grande mídia, né? Ela acabava levando uma informação antecipada e às vezes até equivocada, né? Porque às vezes eram dados que ainda não eram precisos. Eram informações que ainda não eram corretas. E tinha algumas coisas que acabavam aflorando a dor da família, né? Prejudicando [...] Silvani

Outros conteúdos como séries, documentários e filmes têm sido desenvolvidos nesse campo como tentativas dos SCM para educar cidadãos sobre riscos, perigos e desastres. No entanto, raramente parecem alcançar mudanças significativas no comportamento ou nas crenças dos indivíduos expostos, o que levanta dúvidas sobre sua real eficácia e nos convida a refletir sobre abordagens mais profundas ou inovadoras (Quarantelli, 2002).

Eu sei que teve documentário, série. Optei por não assistir. O reviver os dias 26, 27, 28, já são dias que eu digo, sempre são três dias, né? Que a gente acaba revivendo esses (...) ah, esses momentos, né? Então é como eu digo, como a Tati estava, eu lembro da roupa que ela estava. Então é como se eu não quisesse despertar gatilhos [...] Aline

A cobertura geralmente tem caráter temporal (Reis, 2017), mas os SCM poderiam estar presentes para além do exaustivo noticiamento nas primeiras horas de desastres (Quarantelli, 2002).

[...] ao mesmo tempo hoje eu acho que algumas pessoas já falam: “ah já deu de *Kiss*! Já chega disso” E eu não concordo, eu acho que isso precisa ser falado, precisa ser colocado, as pessoas precisam (...) não que tenha que estar todos os dias na mídia, não é isso, mas eu acho que tem momentos que é no formato de informação, as pessoas precisam ter essa visão de que a *Kiss* [...] Juliana

Os SCM influenciam o que é considerado notícia e como ela é tratada, privilegiando narrativas dramáticas (Quarantelli, 2002). No caso da Boate *Kiss*, o desastre foi amplamente enquadrado como *tragédia*, termo cuja origem remonta ao teatro grego

(Aristóteles, 384-322 A.C.), mas que hoje, no Brasil, é amplamente usado pela literatura e jornalismo para descrever acidentes, desastres etc. Embora esse enquadramento mobilize emoções, ele pode naturalizar o sofrimento e esconder responsabilidades estruturais. Assim, o uso acrítico desse termo contribui para uma visão fatalista dos fatos, dificultando debates sobre justiça e prevenção. Considera-se essencial repensar a atuação dos SCM com responsabilidade social e ética, promovendo narrativas mais cuidadosas, e que promovam a elaboração dos processos vividos.

Nesse sentido, tanto no incêndio da Boate *Kiss* quanto nas inundações de 2024, os SCM desempenharam um papel ambíguo: ao mesmo tempo em que amplificaram o alcance das informações e ajudaram na mobilização inicial, também reproduziram práticas problemáticas como o sensacionalismo, a desinformação e a marginalização de vozes periféricas.

Uma reflexão crítica sobre isso revela que é urgente repensar o papel social da mídia em emergências e desastres. Mais do que informar, ela precisa ajudar a construir narrativas éticas, plurais e transformadoras, capazes de reconhecer o sofrimento, promover justiça e contribuir para a reconstrução, não apenas das cidades, mas também das subjetividades afetadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é o fim: considerações finais como ato de reafirmação, confronto e imaginação de possibilidades futuras

As emergências e desastres têm historicamente violado corpos, histórias, subjetividades e a própria existência de muitas vidas. Essa não é uma realidade isolada, restrita ao ocorrido na Boate *Kiss*, tampouco afeta apenas seus familiares ou amigos. Nós sabemos disso. Nós sabemos e reconhecemos que o enfrentamento precisa ser coletivo, articulado e politicamente comprometido. No entanto, a atuação nesse campo segue historicamente marcada por abordagens predominantemente reativas e, muitas vezes, desvinculadas das dinâmicas sociais mais amplas, o que também se reflete nas práticas de terapeutas ocupacionais. Soma-se a isso a forte influência de marcos teórico-práticos e normativos internacionais, que nem sempre dialogam com as especificidades históricas, sociais, territoriais e culturais dos contextos locais. No Brasil, essa lógica é reforçada por um ordenamento jurídico que avança de forma lenta e fragmentada, muitas vezes sem garantir medidas efetivas e integradas. Caso essa condição não seja enfrentada com seriedade, continuaremos a perpetuar práticas que ignoram desigualdades estruturais, múltiplas vulnerabilidades, barreiras no acesso ao cuidado e o silenciamento das vozes daqueles que sofrem, elementos que não apenas atravessam, mas constituem o modo como emergências e desastres são vividos, sentidos e geridos.

A contribuição desta pesquisa é multifacetada e significativa para o campo da terapia ocupacional e para a compreensão das emergências e desastres no Brasil. Ao valorizar as narrativas e experiências de terapeutas ocupacionais, fruto de suas batalhas e compromissos, o estudo preenche uma lacuna na literatura que, muitas vezes, se concentra no reconhecimento potencial da profissão, mas não aprofunda suas vivências. Demonstra como as terapeutas ocupacionais agiram como agentes de cuidado e transformação social, ocupando os vazios deixados pelas estruturas de proteção social inoperantes e reconfigurando suas noções de justiça e política pública. Além disso, o trabalho ressalta a potência do coletivo e dos fazeres sensíveis como pilares da atuação em emergências e desastres, em contraste com abordagens mais individualizadas, e evidencia o compromisso ético, moral e político inerente à profissão. Ao analisar a relação das inoperâncias das estruturas de proteção social, a pesquisa aprofunda a compreensão dos

desastres como fenômenos sociais, e amplia a noção de aspectos funcionais que podem emergir a partir dos desastres.

Apesar de suas contribuições, o estudo possui limitações inerentes à sua abordagem. Por ser baseado nas experiências narradas por terapeutas ocupacionais também afetadas pelo desastre da Boate *Kiss*, suas conclusões podem não ser diretamente generalizáveis para todos os contextos de emergências e desastres, no Brasil ou em outras regiões. É importante também reconhecer que a ênfase predominante nas ações reativas, centradas na lógica do risco e no período imediato pós-desastre, embora relevante para a compreensão da resposta e da recuperação, pode não cobrir exaustivamente fases igualmente cruciais, como a prevenção, a preparação, além claro de não tratar da dimensão social do desastre. As narrativas também indicam que, no contexto mais amplo da formação em terapia ocupacional, ainda persistem lacunas no reconhecimento formal, na clareza conceitual e na integração de conteúdos específicos sobre emergências e desastres nos currículos. Embora este estudo lance luz sobre a potencialidade da atuação nesse campo, a área da terapia ocupacional em desastres, sobretudo no plano da formação, ainda é considerada em construção.

Para pesquisas futuras, torna-se fundamental avançar na compreensão dos desastres como fenômenos intrinsecamente sociais, permeados por disputas políticas, desigualdades estruturais e humanamente subjetivas que atravessam cotidianos. Nessa perspectiva, é imprescindível incluir, nos processos formativos e investigativos, reflexões e práticas que contemplem a finitude e o luto, dimensões muitas vezes silenciadas, mas centrais para a compreensão das experiências humanas diante da perda e da reconstrução. Estudos que apresentem instruções práticas e experiências simuladas, capazes de preparar profissionais para atuar de maneira sensível, crítica e contextualizada em contextos de alta complexidade, são necessários e urgentes, contribuindo para uma práxis comprometida com a dignidade, o cuidado e a justiça.

Há ainda a necessidade de estudos que explorem a implementação de políticas públicas voltadas para o cuidado dos próprios profissionais da linha de frente, reconhecendo-os como afetados. Pesquisas futuras poderiam também examinar a transição de uma lógica reativa para uma abordagem mais proativa na gestão de desastres, explorando os efeitos funcionais e as capacidades de adaptação dos sistemas sociais, conforme sugerido por estudiosos da área. Além disso, é crucial investigar como os sistemas de comunicação de massa podem ser agentes de mudança positiva, desenvolvendo narrativas mais éticas e

transformadoras que evitem o sensacionalismo e promovam a justiça, prevenção e preparação. Finalmente, as experiências de terapeutas ocupacionais em diferentes tipos de desastres e contextos geográficos no Brasil pode enriquecer ainda mais o corpo de conhecimento.

*Quando a dor de um é sentida como dor de todos, começa a possibilidade de
justiça.*

Boaventura de Sousa Santos

REFERÊNCIAS

ALBALA-BERTRAND, J.M. **The Political Economy of Large Natural Disasters**. Oxford: Clarendon Press, 1993.

ALBERY, G. F., TURILLI, I., JOSEPH, M. B.; FOLEY, J.; FRERE, C. H.; BANSAL, S. From flames to inflammation: how wildfires affect patterns of wildlife disease. **Fire Ecology**, v. 17, n. 23, 2021. <https://doi.org/10.1186/s42408-021-00113-4>

ALDRICH, R. M. Uncertainty and occupation. **Journal of Occupational Science**, v. 1, n. 20, 2024.

ALMEIDA, L. Q. *et al.* (2016). Disaster risk indicators in Brazil: A proposal based on the world risk index. **International Journal of Disaster Risk Reduction**. v 17, p. 251-272.

ALPINO, T. A.; FREITAS, C. M.; SENA, A. R. M. Desastres relacionados à seca e saúde coletiva – uma revisão da literatura científica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 3, 2016.

ALTHOR, G.; WATSON, J. E. M.; FULLER, R. A. Global mismatch between greenhouse gas emissions and the burden of climate change. **Scientific Reports**, v. 6, 2016.

ALTUNTAŞ, O.; AZİZOĞLU, V.; DAVIS, J. A. Exploring the occupational lives of Syrians under temporary protection in Turkey. **Australian Occupational Therapy Journal**, [S.l.], 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/1440-1630.12756>.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 637–651, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/ZZFMhBnmD3w7dYYVnsrY65F/?lang=pt>. Acesso em: 06 ago. 2025.

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION The Role of Occupational Therapy in Disaster Preparedness, Response, and Recovery. **The American Journal of Occupational Therapy**, v. 65, n. 6, 2011. <https://doi.org/10.5014/ajot.2011.65S11>

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. AOTA's societal statement on disaster response and risk reduction. **The American Journal of Occupational Therapy**, v. 71, n. 2, 2017. <https://doi.org/10.5014/ajot.2017.716S11>

ARISTÓTELES. **A poética clássica**. 6. ed. Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna; introdução de Roberto de Oliveira Brandão. São Paulo: Cultrix, 1995.

ASHER, A.; POLLAK, J. R. Planning emergency evacuations for students with unique needs role of occupational therapy. **OT Practice**, v. 14, n. 21, 2009.

BELÉM, João da Silva. **História do Município de Santa Maria: 1797-1933**. 2. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 1989.

BORGES, Juliana Maia. **Ressignificação do cotidiano de uma sobrevivente da Boate Kiss: um estudo de caso**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Reabilitação e Inclusão) – Centro Universitário Metodista – IPA, Porto Alegre, 2017.

BRASIL. **Decreto nº 9.775, de 6 de setembro de 1946**. Conselho de Segurança Nacional, 1946.

BRASIL. **Decreto nº 49.974-A, de 21 de janeiro de 1961**. Regulamenta, sob a denominação de Código Nacional de Saúde, a Lei nº 2.312, de 3 de setembro de 1954, de normas gerais sobre defesa e proteção da saúde, 1961.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Secretaria Nacional de Defesa Civil. Política Nacional de Defesa Civil. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 1995.

BRASIL. **Decreto Legislativo nº 395, de 2009**. Aprova o Regulamento Sanitário Internacional, 2009.

BRASIL. **Portaria nº 74/GM/MS, de 2009**. Criação do kit de medicamentos e insumos estratégicos, 2009.

BRASIL. Decreto nº 7.616, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional - ESPIN e institui a Força Nacional do Sistema Único de Saúde - FN-SUS. Brasília: **Diário Oficial da União**; 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7616.htm.

BRASIL. **Instrução Normativa nº 1, de 24 de agosto de 2012**. Classificação e Codificação Brasileira de Desastres – COBRADE, 2012.

BRASIL. **Lei nº 12.608, de 10 de abril de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil – PNPDEC; dispõe sobre o Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil – SINPDEC e o Conselho Nacional de Proteção e Defesa Civil – CONPDEC, 2012.

BRASIL. **Portaria nº 2.365/GM/MS, de 18 de outubro de 2012**. Define a composição dos kits de medicamentos e insumos estratégicos para assistência farmacêutica às unidades da federação atingidas por desastres naturais e os respectivos fluxos de solicitação e envio, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 1.139, de 10 de junho de 2013. Define, no âmbito do Sistema único de Saúde (SUS), as responsabilidades das esferas de gestão e estabelece as Diretrizes Nacionais para Planejamento, Execução e Avaliação das Ações de Vigilância e Assistência à Saúde em Eventos de Massa. Brasília: **Diário Oficial da União**; 2013. Disponível em:

https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt1139_10_06_2013.html. Acesso em 11 jun. 2025.

BRASIL. **Portaria nº 1.378/GM/MS, de 2013**. Define responsabilidades das ações de Vigilância em Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Lauda técnico preliminar: impactos ambientais decorrentes do desastre envolvendo o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais**. Brasília, DF: IBAMA, 2015.

BRASIL. **Lei nº 13.425, de 30 de março de 2017**. Estabelece diretrizes gerais sobre medidas de prevenção e combate a incêndio e a desastres em estabelecimentos, edificações e áreas de reunião de público, 2017.

BRASIL. Decreto nº 10.593, de 24 de dezembro de 2020. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil. Brasília: **Diário Oficial da União**; 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/d10593.htm. Acesso em 11 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 874, de 4 de maio de 2021. Altera a Portaria de Consolidação GM/MS nº 1, de 28 de setembro de 2017, para dispor sobre o kit de medicamentos e insumos estratégicos para a assistência farmacêutica às Unidades da Federação atingidas por desastres. Brasília: **Diário Oficial da União**; 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-gm/ms-n-874-de-4-de-maio-de-2021-318280903>. Acesso em? 11 jun. 2025.

BRASIL. **Lei nº 14.750, de 12 de dezembro de 2023**. Aprimora os instrumentos de prevenção de acidentes ou desastres e de recuperação de áreas por eles atingidas, as ações de monitoramento de riscos e a produção de alertas antecipados, 2023.

BRASIL. **Portaria nº 45, de 13 de julho de 2023**. Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Prorroga a suspensão das atividades administrativas e acadêmicas, 2023.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Thematic analysis. In: COOPER, H.; COUTANCHE, M. N.; MCMULLEN, L. M.; PANTER, A. T.; RINDSKOPF, D.; SHER, K. J. (org.). **APA handbook of research methods in psychology: research designs: quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological**. 2. ed. Washington, DC: American Psychological Association, 2023. p. 65-81. DOI: <https://doi.org/10.1037/0000319-004>.

BRITO, M. A. Investment in drugs for neglected diseases: a portrait of the last five years. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 46, p. 1–2, 2013.

BULLARD, R. D. (Ed.). **Confronting environmental racism: voices from the grassroots**. Boston: South End Press, 1993.

- CALAIS, E. *et al.* Citizen seismology helps decipher the 2021 Haiti earthquake. **Science**, New York, v. 376, n. 6590, p. 283–287, 2022. <https://doi.org/10.1126/science.abn1045>.
- CARR, J. L. Disaster and the sequence-pattern concept of social change. **American Journal of Sociology**, v. 38, n. 2, p. 207–218, 1932.
- CEPAL. **Social panorama of Latin America and the Caribbean**. Santiago: CEPAL, 2023.
- CHECKER, M. Stop FEMA now: social media, activism and the sacrificed citizen. **Geoforum**, v. 79, p. 124–133, 2017.
- CHING, P.; LAZARO, R. T. Preparation, roles, and responsibilities of Filipino occupational therapists in disaster preparedness, response, and recovery. **Disability and Rehabilitation**, p. 1–8, 2021.
- CHMUTINA, K.; VON MEDING, J. A dilemma of language: “natural disasters” in academic literature. **International Journal of Disaster Risk Science**, v. 10, n. 3, p. 283–292, 2019. <https://doi.org/10.1007/s13753-019-00232-2>.
- CLARKE, V. *Thematic analysis: what is it, when is it useful, & what does “best practice” look like?*. [Vídeo]. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oY_nlcgZoac. Acesso em: 12 ago. 2023.
- COFFITO. **Resolução COFFITO nº. 383**. Define as competências do Terapeuta Ocupacional nos Contextos Sociais e dá outras providências. 2010.
- COFFITO. **Resolução nº 425, de 8 de julho de 2013**. Código de Ética e Deontologia em Terapia Ocupacional, 2013.
- COLTON, C. E. **An unnatural metropolis: wrestling New Orleans from nature**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006.
- CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (Rio+20). **O futuro que queremos**. 2012. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/eventos/Rio_20_Futuro_que_queremos_guia.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.
- COMISSÃO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS. **Projeto de Lei nº 5002, de 2023**. Política Nacional de Gestão Integral de Risco de Desastres (PNGIRD) e Sistema Nacional de Gestão Integral de Risco de Desastres (SINGIRD). Brasília, DF: Senado Federal, 2024.
- COPERNICUS. **The 2024 annual climate summary: global climate highlights 2024**. 2024. Disponível em: <https://climate.copernicus.eu/global-climate-highlights-2024>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CUNHA, M. A. *et al.* **Debris flow na Serra do Mar: o caso de Caraguatatuba 1967.** São Paulo: Oficina de Textos, 2022.

CUTTER, S. L. **American hazardscapes: the regionalization of hazards and disasters.** Washington, DC: The Joseph Henry Press, 2001a.

DEFESA CIVIL E DEFESA NACIONAL. **Solicitar o reconhecimento federal de Situação de Emergência ou Estado de Calamidade Pública.** 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/ter-reconhecida-situacao-de-emergencia-ouestado-de-calamidade-publica>. Acesso em: 15 jan. 2024.

DIAS, José Roberto de Souza. **Caminhos de ferro do Rio Grande do Sul: uma contribuição ao estudo da formação histórica do sistema de transportes ferroviários no Brasil meridional.** São Paulo: Rios, 1986.

DJONÚ, P. *et al.* Objectives of sustainable development and conditions of health risk areas. **Ambiente & Sociedade**, v. 21, e09110, 2018.

DUDLEY, N. *et al.* **Protected areas as tools for disaster risk reduction: a handbook for practitioners.** Tokyo; Gland: MOEJ; IUCN, 2015.

DUQUE, R. L.; GRECIA, A.; CHING, P. E. Development of a national occupational therapy disaster preparedness and response plan: the Philippine experience. **World Federation of Occupational Therapists Bulletin**, [S.l.], v. 68, n. 1, p. 26–30, 2013. DOI: 10.1179/otb.2013.68.1.008.

EMATER/RS. **Impactos das chuvas e cheias extremas no Rio Grande do Sul em maio de 2024.** 2024. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/upload/arquivos/202406/relatorio-sisperdas-evento-enchentes-em-maio-2024.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

EMERGENCY EVENTS DATABASE (EM-DAT). **Inclusion criteria.** EM-DAT focuses on major disasters. 2021. Disponível em: <https://www.emdat.be/>. Acesso em: 1 set. 2021.

FAO; IFAD; UNICEF; WFP; WHO. **The state of food security and nutrition in the world 2024: financing to end hunger, food insecurity and malnutrition in all its forms.** Rome, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.4060/cd1254en>. Acesso em: 11 jun. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Análise de agravos notificados às bases do DATASUS – Parte 02.** Rio de Janeiro; São Paulo: FGV, 2019.

GALHEIGO, S. M. Sobre identidades, latinoamericanidades e construção de saberes em Terapia Ocupacional: diálogos com Boaventura de Sousa Santos. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 22, n. 1, p. 215–221, 2014.

GILBERT, C. Studying disaster: changes in the main conceptual tools. *In*: QUARANTELLI, E. L. (ed.). **What is a disaster?** Perspectives on the question. London: Routledge, 1998. cap. 2, p. 11–18.

HABIB, M. D. *et al.* Role of occupational therapy in disaster management in Bangladesh. **Bulletin of the World Federation of Occupational Therapists**, v. 68, n. 1, p. 33–37, 2013.

HERCULANO, S. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. **INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, v. 3, n. 1, 2008.

HOSSAIN, M. I.; NAHAR, N.; NAYAN, M. J.; EMA, A. J.; ALVE, M. Y. A. Experience of Bangladeshi occupational therapists with “Rana Plaza Tragedy” survivors: recovery and rehabilitation phases of disaster management. **World Federation of Occupational Therapists Bulletin**, [S.l.], v. 68, n. 1, p. 14-19, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1179/otb.2013.68.1.006>.

HUGHES, C. Moving to New York City. **Occupational Therapy in Mental Health**, [S.l.], v. 21, n. 3-4, p. 91-99, 2006. DOI: https://doi.org/10.1300/j004v21n03_05.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022: Panorama – resultados gerais da população por sexo e idade**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 06 ago. 2025.

IRDR – INTEGRATED RESEARCH ON DISASTER RISK. **Forensic investigations of disaster: report No.1**. 2013. Disponível em: <http://www.irdrinternational.org/2013/01/25/forin-report-1/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

INGIYIMBERE, Fidèle. The necessity to forget and the duty to remember. *In*: **VIRTUES from hell: survivors of conflicts and the reconstruction-reconciliation processes**. Cham: Springer International Publishing, 2022. p. 29-56.

INTER-GOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). Summary for Policymakers. *In*: **Climate Change 2023: Synthesis Report**. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Geneva: IPCC, 2023, p. 1-34, doi: 10.59327/IPCC/AR6-9789291691647.001

INTERNATIONAL STRATEGY FOR DISASTER REDUCTION (UNISDR). **UNISDR Terminology on Disaster Risk Reduction**. Geneva: United Nations International; 2009. Disponível em: <http://www.unisdr.org/eng/library/UNISDR-terminology-2009-eng.pdf>.

JEONG, Y.; LAW, M.; DEMATTEO, C.; STRATFORD, P.; KIM, H. The role of occupational therapists in the contexts of a natural disaster: a scoping review. **Disability and Rehabilitation**, [S.l.], 2016. DOI: <https://doi.org/10.3109/09638288.2015.1106597>.

KILPATRICK, A. M.; RANDOLPH, S. E. Drivers, dynamics, and control of emerging vector-borne zoonotic diseases. **The Lancet**, v. 380, n. 9857, p. 1946–1955, 2012.

LEE, H. C. The role of occupational therapy in the recovery stage of disaster relief: a report from earthquake stricken areas in China. **Australian Occupational Therapy Journal**, [S.l.], v. 61, n. 1, p. 3-10, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1111/1440-1630.12106>.

LEE, S.; AMATYA, B.; JUDSON, R.; TRUESDALE, M.; REINHARDT, J.; UDDIN, T.; XIONG, X.; KHAN, F. Applicability of traumatic brain injury rehabilitation interventions in natural disaster settings. **Brain Injury**, [S.l.], v. 33, n. 10, p. 1323-1330, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/02699052.2019.1641748>.

MAHMUD, M. H. S.; MAHMUD, S.; RAHMAN, A. Challenges for people with disabilities during disasters in Bangladesh: an exploratory study in Gaibandha district. **World Federation of Occupational Therapists Bulletin**, [S.l.], v. 69, n. 1, p. 28-31, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1179/otb.2014.69.1.015>.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL. **Sistema Integrado de Informações sobre Desastres (S2ID)**. Disponível em: <https://s2id.mi.gov.br/>. Acesso em 05 mai. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria GM/MS nº 4.185, de 1º de dezembro de 2022. **Programa Nacional de Vigilância em Saúde dos Riscos Associados aos Desastres - Vigidesastres**, no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Covid-19 no Brasil**. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em 25 set. 2024.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL, SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ENGENHARIA E DEFESA CIVIL. **A P&DC e os 30 anos de desastres no Brasil**. Florianópolis: Fepese, 2022.

MIRANDA, E. **Terminologia desastre, emergência sanitária, crise humanitária, doenças emergentes**. Aula expositiva. Emergências e Desastres em Saúde Pública, 2022.

MONDACA, M. “Doing hope” as a possible way towards a responsive occupational science. **Journal of Occupational Science**, v. 28, n. 1, p. 19–28, 2021. <https://doi.org/10.1080/14427591.2020.1797858>.

MOORE, J. W. **Capitalism in the web of life: ecology and the accumulation of capital**. London: Verso, 2015.

MORAES, Mauro. **Milonga Abaixo de Mau Tempo**. Interpretação de José Cláudio Machado. Em: ENTRE AMIGOS. [S.l.]: RBS Discos, 1995. CD.

MORENS, D. M.; FOLKERS, G. K.; FAUCI, A. S. Emerging infections: a perpetual challenge. **The Lancet Infectious Diseases**, v. 8, n. 11, p. 710–719, 2008.

MOUSAVI, G.; ARDALAN, A.; KHANKEH, H.; KAMALI, M.; OSTADTAGHIZADEH, A. Physical rehabilitation services in disasters and emergencies: a systematic review. **Iranian Journal of Public Health**, [S.l.], v. 48, n. 5, p. 808-815, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18502/ijph.v48i5.1795>.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**, 2000.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**, 2024.

NIZZERO, A.; COTE, P.; CRAMM, H. Occupational disruption: a scoping review. **Journal of Occupational Science**, v. 24, n. 2, p. 114–127, 2017. <https://doi.org/10.1080/14427591.2017.1306791>.

OAKLEY, F.; CASWELL, S.; PARKS, R. Occupational therapists' role on U.S. Army and U.S. Public Health Service Commissioned Corps Disaster Mental Health Response Teams. **The American Journal of Occupational Therapy**, [S.l.], v. 62, n. 3, p. 361-368, 2008. DOI: <https://doi.org/10.5014/ajot.62.3.361>.

OLIVER-SMITH, A. Peru's five-hundred year earthquake: vulnerability to hazard in historical context. In: VARLEY, A. (ed.). **Disasters, development and environment**. Chichester: John Wiley and Sons, 1995. p. 31–48.

OLIVER-SMITH, A. Haiti and the historical construction of disasters. **NACLA Report on the Americas**, v. 43, n. 4, p. 32–37, 2010.

OLIVER-SMITH, A. Conversations in catastrophe: neoliberalism and the cultural construction of disaster risk. In: KRUGER, F. *et al.* (ed.). **The cultural construction of risk**. London: Routledge, 2015.

OLIVER-SMITH, A. *et al.* **Forensic investigations of disasters (FORIN): a conceptual framework and guide to research**. Beijing: Integrated Research on Disaster Risk, 2016.

OLIVER-SMITH, A. The choice of perils: understanding resistance to resettlement for urban disaster risk reduction and climate change adaptation. In: JOHNSON, C.; JAIN, G.; LAVELL, A. (ed.). **Rethinking urban risk and resettlement in the Global South**. London: UCL Press, 2021.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Conferencia mundial sobre la reducción de los desastres: marco de acción de Hyogo para 2005–2015: aumento de la resiliencia de las naciones y las comunidades ante desastres**. Geneva: OMS, 2005.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Ministério da Saúde. **Desastres Naturais e Saúde no Brasil**. Brasília, DF: OPAS, Ministério da Saúde, 2014. 49 p.: il. (Série Desenvolvimento Sustentável e Saúde, 2)

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Ministério da Saúde. **Atuação do setor saúde frente a situações de seca**. Brasília, 2015

PAN-AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. (PAHO). (2010). **Earthquake in Chile shows benefits of disaster preparedness**. Disponível em: <https://www3.paho.org/disasters/newsletter/111-earthquake-in-chile-shows-benefits-of-disaster-preparedness-80-124-en.html>. Acesso em 09 nov. 2022.

PAN-AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. (PAHO). (2011). **Earthquake in Haiti — One Year Later PAHO/WHO Report on the Health Situation**. Disponível em: <https://www3.paho.org/hq/dmdocuments/2011/PAHO-Report-Haiti-Jan-2011.pdf>. Acesso em 09 nov. 2022.

PARENTE, M.; TOFANI, M.; DE SANTIS, R.; ESPOSITO, G.; SANTILLI, V.; GALEOTO, G. The Role of the Occupational Therapist in Disaster Areas: Systematic Review. **Occupational Therapy International**, [S.l.], 2017. DOI: 10.1155/2017/6474761.

PETERS, M. D. J.; GODFREY, C.; MCINERNEY, P.; MUNN, Z.; TRICCO, A. C.; KHALIL, H. Chapter 11: Scoping Review. In: AROMATARIS, E.; MUNN, Z. (ed.). **JBİ Manual for Evidence Synthesis**. Australia: JBI, 2020. p. 406-486.

PETERS, M. D.; MARNIE, C.; TRICCO, A. C.; POLLOCK, D.; MUNN, Z.; ALEXANDER, L. *et al.* **Updated methodological guidance for the conduct of scoping reviews**. JBI Evidence Synthesis, Adelaide, v. 18, n. 10, p. 2119-2126, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11124/JBIES-20-00167>.

PETERS, M. D. J.; GODFREY, C.; MCINERNEY, P.; KHALIL, H.; LARSEN, P.; MARNIE, C.; POLLOCK, D.; TRICCO, A. C.; MUNN, Z. **Best practice guidance and reporting items for the development of scoping review protocols**. JBI Evidence Synthesis, Adelaide, v. 20, n. 4, p. 953-968, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11124/JBIES-21-00242>.

PETERS, M. D. J.; GODFREY, C.; MCINERNEY, P.; MUNN, Z.; TRICCO, A. C.; KHALIL, H. Scoping Review. In: AROMATARIS, E.; LOCKWOOD, C.; PORRITT, K.; PILLA, B.; JORDAN, Z., ed. **Manual for Evidence Synthesis**. Adelaide: JBI, 2024. Disponível em: <https://synthesismanual.jbi.global>. Acesso em: 12 dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.46658/JBİMES-24-09>.

PIZZI, M. Hurricane Sandy, disaster preparedness, and the recovery model. **American Journal of Occupational Therapy**, [S.l.], v. 69, n. 6, p. 6906347010p1-6906347010p8, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5014/ajot.2015.015990>.

PORTO, A.; PONTE, C. F. Vaccines and campaigns: images with a story to tell. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 10, supl. 2, p. 725–742, 2003.

PRINCE, S. H. **Catastrophe and social change**: upon a sociological study of the Halifax disaster. Repr. New Delhi: Repro India Limited, 2024.

QUARANTELLI, E. L. The community general hospital: its immediate problems in disasters. **The American Behavioral Scientist**, v. 13, n. 3, p. 380–391, 1970. <https://doi.org/10.1177/000276427001300308>.

QUARANTELLI, E. L. **What is a disaster?** Perspectives on the question. London: Routledge, 1998. 330 p.

QUARANTELLI, E. Implications for programmes and policies from future disaster trends. **Risk Management**, v. 1, p. 9–19, 1999. <https://doi.org/10.1057/palgrave.rm.8240011>.

QUARANTELLI, E. L. A social science research agenda for the disasters of the 21st century: theoretical, methodological and empirical issues and their professional implementation. In: PERRY, R. W.; QUARANTELLI, E. L. (ed.). **What is a disaster?** New answers to old questions. Newark: International Research Committee on Disasters, 2005. p. 325–396.

QUARANTELLI, E. L. **Catastrophes are different from disasters**: some implications for crisis planning and managing drawn from Katrina. 2006. Disponível em: <http://understandingkatrina.ssrc.org/Quarantelli/>. Acesso em: 7 out. 2022.

QUARANTELLI, E. L. Uma agenda de pesquisa do século 21 em ciências sociais para os desastres: questões teóricas, metodológicas e empíricas, e suas implementações no campo profissional. **O Social em Questão**, Ano XVIII, p. 25–56, 2015.

RASHAD, D. E.; ZAPF, S.; GROGER, S. E. The Opportunity for Occupational Therapy in Pediatric Disaster Recovery. **The American Journal of Occupational Therapy**, [S.l.], 2022. DOI: 10.5014/ajot.2022.48454.

RIBEIRO, F. L.; MAGALHÃES, L. A contribuição de terapeutas ocupacionais no domínio da gestão de risco e desastres: um protocolo de revisão de escopo. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 32, e3678, 2024. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAR282936781>.

RODRIGUES, D. D. S. Terapia ocupacional e trabalho: desafios e perspectivas de uma prática emergente durante e após a pandemia da Covid-19. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 31, e3337, 2023.

SCANLON, J. Winners and losers: some thoughts about the political economy of disaster. **International Journal of Mass Emergencies and Disasters**, v. 6, p. 47–63, 1988.

SCAFFA, M. E.; GERARDI, S.; HERZBERG, G.; MCCOLL, M. A. The role of occupational therapy in disaster preparedness, response, and recovery. **American Journal of Occupational Therapy**, [S.l.], v. 60, n. 6, p. 642–649, nov./dez. 2006. DOI: <https://doi.org/10.5014/ajot.60.6.642>.

SCHOTT, D. *et al.* Detection of Bartonella sp. and a novel spotted fever group Rickettsia sp. in Neotropical fleas of wild rodents (Cricetidae) from Southern Brazil. **Comparative Immunology, Microbiology and Infectious Diseases**, v. 73, 101568, 2020b.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SUSTENTÁVEL. **Plano integrado de prevenção e mitigação de riscos de desastres naturais na Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí**: Grupo Técnico Científico. Florianópolis: SDE, 2009.

SELUCHI, M. **Cemaden monitora cidades onde estão 55% da população brasileira**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2023/11/cemaden-monitora-cidades-onde-estao-55-da-populacao-brasileira-meta-e-ampliar-municipios-acompanhados>. Acesso em: 16 maio 2024.

SEVERE thunderstorms and flooding drive natural disaster losses in the first half of 2024. **Munich Re**, Munich, 31 jul. 2024. Disponível em: <https://www.munichre.com/en/company/media-relations/media-information-and-corporate-news/media-information/2024/natural-disaster-figures-first-half-2024.html>. Acesso em 10 jun. 2025.

SIMA, L.; THOMAS, Y.; LOWRIE, D. Occupational disruption and natural disaster: finding a ‘new normal’ in a changed context. **Journal of Occupational Science**, v. 24, n. 2, p. 128–139, 2017.

SINCLAIR, K. Global policy and local actions for vulnerable populations affected by disaster and displacement. **Australian Occupational Therapy Journal**, [S.l.], v. 61, n. 1, p. 1–5, fev. 2014. DOI: 10.1111/1440-1630.12117.

SINGH, S.; NAIR, S. S.; GUPTA, A. K. Ecosystem services for disaster risk reduction: a case study of wetland in East Delhi region, India. **Global Journal of Human Social Science**, v. 13, n. 4, 2013.

SINGHAL, T. A review of Coronavirus Disease-2019 (COVID-19). **The Indian Journal of Pediatrics**, v. 87, p. 281–286, 2020.

SINGER, M. A dose of drugs, a touch of violence, a case of AIDS: conceptualizing the SAVA syndemic. **Free Inquiry in Creative Sociology**, v. 24, n. 2, p. 99–110, 1996.

SINGER, M. **Introduction to syndemics**: a critical systems approach to public and community health. San Francisco: John Wiley & Sons, 2009.

SMALLWOOD, N. *et al.* Occupational disruptions during the COVID-19 pandemic and their association with healthcare workers’ mental health. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, 9263, 2021. <https://doi.org/10.3390/ijerph18179263>.

SMITH, N. Disastrous accumulation. **South Atlantic Quarterly**, v. 106, n. 4, p. 769–787, 2007.

SMITH, T. M.; DREFUS, A.; HERSCH, G. Habits, routines, and roles of graduate students: effects of Hurricane Ike. **Occupational Therapy in Health Care**, [S.l.], v. 25, n. 4, p. 283-297, 2011. DOI: <https://doi.org/10.3109/07380577.2011.600426>.

STARK, S. Stories from the field: reflections on occupational therapy experiences in Haiti following the earthquake. **World Federation of Occupational Therapists Bulletin**, [S.l.], v. 68, n. 1, p. 20–25, nov. 2013. DOI: 10.1179/otb.2013.68.1.007.

STF – Supremo Tribunal Federal. **STF mantém condenações de réus da Boate Kiss. Notícias do STF**, Brasília, 4 fev. 2025. Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/posts/noticias/stf-mantem-condenacoes-de-reus-da-boate-kiss/>. Acesso em: 06 ago. 2025.

TASK FORCE ON QUALITY CONTROL OF DISASTER MANAGEMENT – TFQCDM/WADEM. **Health disaster management: guidelines for evaluation and research in the “Utstein style”**. Capítulo 3: overview and concepts. Prehospital and Disaster Medicine, v. 17, supl. 3, p. 31–55, 2002.

TAYLOR, E.; JACOBS, R.; MARSH, E. D. First Year Post-Katrina: Changes in Occupational Performance and Emotional Responses. **Occupational Therapy in Mental Health**, [S.l.], v. 27, n. 1, p. 1-16, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1080/0164212X.2011.543454>.

TEMPORÃO, J. G. Depoimento: as pandemias de H1N1 (2009) e de Covid-19 (2020) no Brasil: uma visão comparativa. **Cadernos de História e Ciência**, v. 15, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47692/cadhistcienc.2021.v15.36746>. Acesso em: 3 maio 2024.

TERAPEUTA ocupacional sobrevivente da Kiss idealiza campanha nos sete anos da tragédia. **Crefito5**, [S.l.], 24 jan. 2020. Disponível em: <https://crefito5.org.br/noticia/terapeuta-ocupacional-sobrevivente-da-kiss-idealiza-campanha-nos-sete-anos-da-tragedia>. Acesso em: 10 jun. 2025.

TIN, D. *et al.* Natural disasters: a comprehensive study using EM-DAT database 1995–2022. **Public Health**, v. 226, p. 255–260, 2024. <https://doi.org/10.1016/j.puhe.2023.11.017>.

TODO DIA A MESMA NOITE. [Minissérie]. Direção geral: Júlia Rezende. Criação: Gustavo Lipsztein. Baseada em: ARBEX, Daniela. Brasil: Netflix; Morena Filmes, 2023. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81218409>. Acesso em: 12 ago. 2025.

TORRES, K. R. I.; MASO, T. F. As lutas por justiça socioambiental diante da emergência climática. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 458–485, 2023.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Processo principal Boate Kiss**. Porto Alegre: TJRS, 2021.

TRICCO, A. C.; LILLIE, E.; ZARIN, W.; O'BRIEN, K. K.; COLQUHOUN, H.; LEVAC, D. *et al.* **PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): checklist**

and explanation. *Annals of Internal Medicine*, Philadelphia, v. 169, n. 7, p. 467-473, 2018. DOI: <https://doi.org/10.7326/M18-0850>.

UNITED NATIONS OFFICE FOR DISASTER RISK REDUCTION – UNDRR. **Sendai Framework for Disaster Risk Reduction 2015–2030.** Sendai: UNDRR, 2015.

UNITED NATIONS OFFICE FOR DISASTER RISK REDUCTION – UNDRR. **Disaster risk reduction terminology.** [s.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.undrr.org/drr-glossaryterminology>. Acesso em: 11 jun. 2025.

UNITED NATIONS OFFICE FOR DISASTER RISK REDUCTION – UNDRR. **Forensic insights for future resilience: learning from past disasters.** Geneva, 2024.

UNITED NATIONS INTERNATIONAL STRATEGY FOR DISASTER REDUCTION – UNISDR. **Terminology on disaster risk reduction.** Geneva: UNISDR, 2009. Disponível em: <https://www.undrr.org/publication/2009-unisdr-terminology-disaster-risk-reduction>. Acesso em: 11 jun. 2025.

UNITED NATIONS OFFICE FOR DISASTER RISK REDUCTION – UNISDR. **Annual report 2017.** 2017. Disponível em: https://www.unisdr.org/files/58158_unisdr2017annualreport.pdf. Acesso em: 25 set. 2022.

UNITED NATIONS. **Global sustainable development report (GSDR).** New York: United Nations, 2023.

UNITED NATIONS FRAMEWORK CONVENTION ON CLIMATE CHANGE – UNFCCC. **Report of the Conference of the Parties on its twenty-first session, held in Paris from 30 November to 13 December 2015.** 2016. Disponível em: <https://unfccc.int/resource/docs/2015/cop21/eng/10a01.pdf#page=2>. Acesso em: 11 jun. 2025.

XAVIER, D. R.; BARCELLOS, C.; FREITAS, C. M. Eventos climáticos extremos e consequências sobre a saúde: o desastre de 2008 em Santa Catarina segundo diferentes fontes de informação. *Ambiente & Sociedade*, v. 17, n. 4, p. 273–294, 2014. <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc1119v1742014>.

ZHANG, Y. *et al.* Evaluation of the impact of extreme floods on the biodiversity of terrestrial animals. *Science of the Total Environment*, 2021. <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2021.148227>.

WILDER-SMITH, A.; OSMAN, S. Public health emergencies of international concern: a historic overview. *Journal of Travel Medicine*, v. 27, n. 8, taaa227, 2020. <https://doi.org/10.1093/jtm/taaa227>.

WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS – WFOT. **Position statement: occupational therapy in disaster preparedness and response (DP&R).** 2014.

WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS – WFOT. **Disaster preparedness and response (DP&R).** 2016. Disponível em:

<https://www.wfot.org/resources/occupational-therapy-in-disaster-riskreduction-drr>. Acesso em: 1 ago. 2021.

WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS – WFOT. **Definitions of occupational therapy**. 2017. Disponível em: <https://wfot.org/resources/definitions-of-occupational-therapy-from-member-organisations>. Acesso em: 11 jun. 2025.

WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS – WFOT. **Position statement: occupational therapy and disaster management**. 2024. Disponível em: <https://wfot.org/resources/occupational-therapy-and-disaster-management>. Acesso em: 11 jun. 2025.

WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS – WFOT. **Disaster preparedness and risk reduction manual**. 2024. Disponível em: <https://wfot.org/resources/occupational-therapy-and-disaster-management>. Acesso em: 11 jun. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **International health regulations**. Geneva: WHO, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Emergency medical teams: minimum technical standards and recommendations for rehabilitation**. Geneva: WHO, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **A strategic framework for emergency preparedness**. Geneva: WHO, 2017. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/a-strategic-framework-for-emergency-preparedness>. Acesso em: 25 set. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Emergency response framework**. 2a ed. Geneva: WHO, 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Health emergency and disaster risk management framework**. Geneva: WHO, 2019. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/326106/9789241516181-eng.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2025.

WU, Y.; CHEN, K.; BAN, S.; TUNG, K.; CHEN, L. Evaluation of leap motion control for hand rehabilitation in burn patients: an experience in the dust explosion disaster in Formosa Fun Coast. **Burns**, [S.l.], v. 45, n. 1, p. 188-194, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.burns.2018.08.001>.

APÊNDICES**APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

Nº	Campo
1	Nome:
2	Data de Nascimento:
3	Identidade de Gênero:
4	Origem e Município Atual:
5	Escolaridade:
6	Data:
7	Ano de Graduação:
8	Configuração da Prática (Cargo) e Tempo de Carreira:
9	Local de Formação:

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM PARTICIPANTES DE PESQUISA
(TERAPEUTA OCUPACIONAL)

Tópico	Pergunta
APRESENTAÇÃO	Apresentar-me e ao objetivo da pesquisa.
LOCALIZAÇÃO	1. Onde você estava na noite de 27 de janeiro de 2013.
TERAPIA OCUPACIONAL	2. O que aconteceu na terapia ocupacional da região de Santa Maria após a noite do dia 27 de janeiro de 2013? Você teria como oferecer exemplos de situações e contextos que mudaram? O que não mudou?
TERAPIA OCUPACIONAL	3. Você identifica mudanças nas práticas de terapeutas ocupacionais da região de Santa Maria, após o incêndio de 27 de janeiro de 2013?
TERAPIA OCUPACIONAL	4. Como a terapia ocupacional respondeu ao dia 27 de janeiro de 2013? Você participou dos fatos que ocorreram durante ou após o incêndio? Como?
TERAPIA OCUPACIONAL	5. Quando você reflete sobre o ocorrido na Boate <i>Kiss</i> , você consegue identificar outras situações em que terapeutas ocupacionais brasileiros tenham sido igualmente afetados? Poderia dar exemplos? Que tipo de fontes você usou para responder a essa pergunta?
TERAPIA OCUPACIONAL	6. No plano mais geral, como você analisa o afetamento do incêndio na Boate <i>Kiss</i> entre os profissionais de terapia ocupacional, no Brasil?
SCM	7. Quando você pensa na maneira como a imprensa e as redes sociais lidaram e lidam

	com o ocorrido, o que te parece? Você identifica problemas? Aspectos positivos?
SCM	8. Recentemente houve a divulgação de série e documentário sobre o ocorrido, você se interessou? Qual a sua opinião sobre esses produtos artísticos e/ou jornalísticos?
SCM	9. Há inúmeras histórias de pessoas e famílias que foram veiculadas pela mídia. Alguma história te afetou de maneira mais intensa? Poderia compartilhar?
SCM	10. Você tem algum tipo de vínculo com grupos e ou organizações ligadas ao ocorrido? Por quê?
SCM	11. Há um slogan que se refere ao dia 27 de janeiro de 2013, como: “ <i>Kiss</i> , que não se repita”. O que se pode fazer para que não se repita? Como terapeutas ocupacionais podem atuar para que não se repita?
PESSOAL	12. Como você se sente em relação ao que ocorreu na Boate <i>Kiss</i> ?
PESSOAL	13. A noite do dia 27 de janeiro de 2013 mudou a sua vida?
PESSOAL	14. Você recebeu algum apoio de serviço de saúde mental, treinamento e ou orientação formal ou informal no período entre o incêndio e o momento atual? Você identifica problemas no atendimento recebido? Aspectos positivos?
PESSOAL	15. Houve alguma modificação nas suas atividades rotineiras após a noite do dia 27 de janeiro de 2013? Quanto tempo você notou mudanças em seu comportamento?
TRABALHO	16. Em seu local de trabalho houve alguma ação para lidar com a noite do dia 27 de

	janeiro de 2013?
TRABALHO	17. Você atuou com algumas das frentes envolvidas (apoio a saúde e saúde pública, reabilitação de cenários, assistência, saneamento básico, busca, resgate e salvamento, segurança pública, ajuda humanitária, promoção, assistência e comunicação social e ou instalação e administração de abrigos temporários)? Como se deu?
TRABALHO	18. Em sua prática profissional você já inseriu tal temática?
TRABALHO	19. Você registrou, de alguma forma, o desastre de 27 de janeiro de 2013? Escreveu alguma coisa sobre? Usou as redes sociais para comentar? Leu artigos/ livros/ matérias da imprensa? Você já pensou em escrever ou expor as suas opiniões, experiências e recomendações sobre o ocorrido? Como seria esse material?
TRABALHO	20. Como você avalia a formação dos terapeutas ocupacionais para atuar nesse campo?
QUESTÃO PARA ELICITAÇÃO	O que você gostaria que eu soubesse sobre a noite do dia 27 de janeiro de 2013? (Conte-me)
QUESTÃO PARA ELICITAÇÃO	Existe algo especial/comentário/específico que você tem vontade de dizer.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESOLUÇÃO 510/2016 DO CNS)

PROJETO DE DOUTORADO: TERAPEUTAS OCUPACIONAIS NO CAMPO DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES NO BRASIL

DOUTORANDA: FERNANDA LAÍS RIBEIRO ORIENTADORA: LILIAN
MAGALHÃES

Prezado (a) terapeuta ocupacional,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: “Terapeutas ocupacionais no campo das emergências e desastres no Brasil”, que tem como objetivo geral: *analisar de que forma os conhecimentos e as práticas de terapeutas ocupacionais têm sido construídos e mobilizados em emergências e desastres no Brasil*. Objetivos específicos: *identificar quais ações são priorizadas por terapeutas ocupacionais; identificar as responsabilidades, desafios e as oportunidades para terapeutas ocupacionais em emergências e desastres; e identificar as peculiaridades na formação de terapeutas ocupacionais, no que tange às suas possíveis responsabilidades nesse campo*.

Você está sendo convidado (a) a participar dessa pesquisa, por ser terapeuta ocupacional que teve alguma proximidade profissional relacionada ao desastre da boate Kiss.

Assim, gostaria de consultá-lo (a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você será convidado (a) a participar de um encontro que consistirá em uma entrevista individual, presencial, com duração de cerca de uma hora com a pesquisadora. Você também irá responder a um questionário sócio-demográfico. As entrevistas serão gravadas em áudio, caso você autorize. O encontro acontecerá no local mais confortável para você, tendo como possibilidade uma sala privada da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Sua participação neste estudo ocorrerá após o seu consentimento. A pesquisadora manterá um diário de campo para registro de suas observações. Vale mencionar que, se você autorizar, os depoimentos serão gravados em ÁUDIO. Após a transcrição das entrevistas, a pesquisadora realizará a validação da síntese das narrativas, remotamente, possibilitando a exploração de temas, comentários, gerando novas concepções, análise e ou problematização da ideia em profundidade. O estudo ocorrerá sem que se faça qualquer julgamento de valor em relação às situações que você descrever.

A participação nesta pesquisa apresenta certo risco de desconforto emocional a partir da abordagem de fatores e situações que foram prejudiciais para você, sua vida, ou a de entes queridos, os quais talvez você não goste de reviver. Além disso, a pesquisa também

apresenta riscos característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias utilizadas, que podem gerar violação de dados ou exposição das informações. Asseguramos que, se você se sentir constrangido (a) ao compartilhar algo, é possível interromper o relato e a qualquer momento optar por não participar parcialmente ou completamente da pesquisa, ou mesmo, solicitar a exclusão de dados registrados no diário de campo e quaisquer outros registros gerados durante o estudo envolvendo sua participação, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo. Diante dessas situações, o (a)s participantes terão garantidas pausas nas entrevistas. Se durante a participação nas entrevistas, houver dificuldade de lidar com as suas lembranças ou emoções, você também poderá pedir à entrevistadora que agende serviços de apoio sem custos para você. Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer, se necessário, visando o bem-estar de todos os participantes. Assim sendo, não há nenhuma obrigatoriedade em responder quaisquer perguntas que lhe sejam desconfortáveis. Destacamos também que você pode interromper a entrevista no momento em que assim desejar. A participação nesta pesquisa é voluntária, não havendo nenhuma remuneração ou benefício financeiro. Este estudo não lhe gerará nenhuma despesa, porém, caso você tenha gastos haverá ressarcimento destes valores, da forma que lhe for mais conveniente. Apesar disso, caso sejam identificados danos provenientes desta pesquisa, você tem o direito de buscar indenização por meios legais e jurídicos conforme resolução 510/2016 do conselho nacional de saúde.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento irá decidir se deseja participar da pesquisa, se deseja desistir da participação durante a entrevista ou após as mesmas, e poderá retirar seu consentimento sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com a pesquisadora, ou com a instituição. Caso não concorde, basta fechar a página do navegador. Caso tenha finalizado o preenchimento e enviado suas respostas do TCLE e, após, decida desistir da participação, deverá informar à pesquisadora desta decisão. Seus dados serão descartados sem nenhuma penalização.

Nesta pesquisa, prefere que a sua história contada seja (assinale a opção desejada):

☐ Anônima, a história será escrita em terceira pessoa, todos os identificadores serão eliminados

☐ Revelada, sua identidade será revelada e a história será co-construída com a sua, na primeira pessoa. Outras pessoas, instituições e fatos privados continuarão sob sigilo.

É da responsabilidade da pesquisadora o armazenamento adequado dos dados gerados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do (a) participante da pesquisa que fizerem esta escolha. Uma vez concluída a geração de dados, a pesquisadora responsável irá armazenar no próprio arquivo word e excel. Além disso, será feito o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem". Esse termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais: sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você.

Este estudo trará contribuições para o campo das emergências e desastres com potenciais benefícios futuros, pois teremos informações sobre a participação de terapeutas

ocupacionais nesse campo, no Brasil. Espera-se que o estudo contribua com novos conhecimentos para a área da terapia ocupacional e para a implementação de políticas que promovam a compreensão das emergências e desastres no Brasil, enquanto fenômenos inerentemente sociais.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você poderá me contatar através do e-mail fernandalaisribeiro@estudante.ufscar.br ou através do contato telefônico (17) 98212.8916. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP)** da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luís, km. 235 – Caixa Postal 676 - CEP: 13.565- 905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone: (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO:

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Eu, _____,
RG _____, CPF _____, e-mail, _____,
abaixo assinado, concordo em ser participante do estudo Terapeutas ocupacionais no campo das emergências e desastres no Brasil. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora abaixo assinada sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Recebi uma via do Termo de Consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

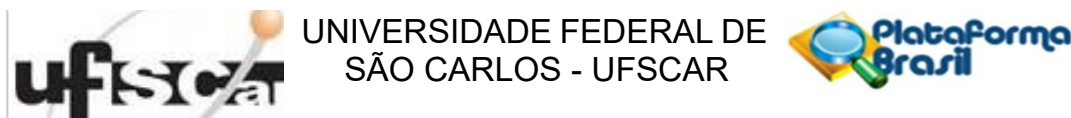
Assinatura do (a) participante da pesquisa

Pesquisadora Fernanda Laís Ribeiro



Terapeuta Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da
Universidade Federal de São Carlos (PPGTO-UFSCar)
Rod. Washington Luís, Km 235 -C.P.676 – CEP 13565-905 – São Carlos – SP, tel. (17) 98212.8916
(TIM) - e-mail: fernandalaisribeiro@estudante.ufscar.br

ANEXO

ANEXO A- PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E
PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TERAPEUTAS OCUPACIONAIS NO CAMPO DAS EMERGÊNCIAS E DESASTRES NO BRASIL

Pesquisador: FERNANDA LAIS RIBEIRO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 73128123.5.0000.5504

Instituição Proponente: Departamento de Terapia Ocupacional

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.429.242

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2189904.pdf Versão do Projeto: 2, de 25/09/2023). RESUMO: Emergências e desastres colocam em risco a vida, aspectos socioeconômicos e ambientais. Isso enseja questionamentos nos domínios individuais e coletivos. Isso porque, escolhas para apoiar, assegurar a vida das pessoas e reduzir a propagação de danos envolvem os direitos humanos, inclusive a liberdade pessoal e a justiça, assim como, tensionam a equidade e o direito a recursos que salvam vidas. No Brasil, a pandemia pela Covid-19, em curso, o rompimento de barragens de Mariana e Brumadinho, as frequentes enchentes no Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, entre outros eventos, revelam dilemas éticos, hesitações na gestão política, negacionismo científico, e sobretudo dificuldades das autoridades constituídas para antecipar-se, resistir, e responder adequadamente aos eventos e desastres. Esse contexto reafirma a necessidade de ações coordenadas e multissetoriais. Em todos esses domínios, terapeutas ocupacionais deveriam ser parte ativa e essencial. Assim, o presente projeto visa investigar eventuais práticas que vêm sendo desenvolvidas por terapeutas ocupacionais no campo das emergências e desastres, com o objetivo de identificar características e prioridades, além de revelar, discutir e aprimorar perspectivas teórico-práticas ora em uso. Trata-se, portanto, de considerar como terapeutas ocupacionais enfrentam os desafios técnicos, políticos e pessoais ao

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

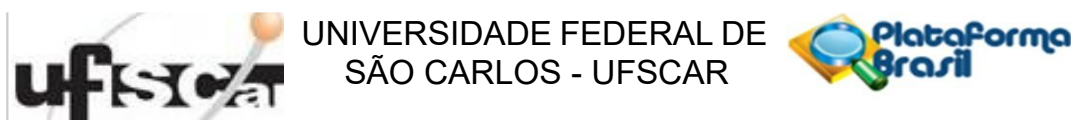
CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.429.242

realizar ações no campo das emergências, considerando a realidade social, histórica, multicultural, ética e política do contexto brasileiro. O desenho do estudo contará com uma combinação de técnicas que incluem análise documental e estudo de caso (Yin, 2015; Gray, Costa 2011). Ademais prevê-se ampla triangulação (Yin, 2015) e análise temática dos dados (Braun, Clarke, 2022). Com o projeto espera-se contribuir para o avanço teórico-metodológico das intervenções desenvolvidas por terapeutas ocupacionais nesse campo de conhecimento. HIPÓTESE: Diretrizes internacionais enfatizam a necessidade de aumento da resiliência econômica, social, cultural e de saúde das pessoas, comunidades e países às emergências e desastres, em especial daqueles grupos situados em contextos de desenvolvimento e ou processo de recuperação (UNSDR, 2015). Ademais, é dever dos três níveis (união, estados, municípios) atuarem na RDD (DOU, 2012). Com isso, é de alta relevância a adoção de ações coerentes, coordenadas e multissetoriais que corroborem para o seu cumprimento legal, de modo que garantam adequada prevenção e redução do risco de desastres nos planos, políticas, programas e processos (UNSDR, 2015). As evidências acerca da atuação de terapeutas ocupacionais em emergências e desastres com ênfase na prevenção e RDD ainda são limitadas (CHING; LAZARO, 2019; PRECIN, 2003). Com isso, evidencia-se a necessidade de examinar o escopo das ações de terapeutas ocupacionais, com intuito de identificar e superar as práticas eventualmente alicerçadas no empirismo e viabilizar o seu fortalecimento baseado em evidências concretas (KINSELLA; WHITEFORD, 2009; MAGALHÃES, 2009), tendo em vista que o profissional deverá disponibilizar seus serviços à comunidade em situações de guerra, catástrofes, epidemias ou crises sociais (DOU, 2013). Investigar as diferenças promovidas por localizações geográficas, contextos sociais, recursos, prévio engajamento na formulação das políticas e estratégias de RDD, principalmente nas ações de prevenção, poderá alicerçar a contribuição de terapeutas ocupacionais em emergências e desastres, no Brasil. METODOLOGIA: As fases de campo deste projeto deverão ser desenvolvidas em cerca de 14 meses, previsto para começar no segundo semestre de 2023. Primeira fase a. Documentação, levantamento de acervo jornalístico e de matérias publicadas nas mídias sociais. b. Leitura e análise detalhada do material. Segunda fase a. Observação direta do contexto do desastre. Terceira fase a. Recrutamento de participantes para o estudo de caso, por meio do método bola de neve (BERNARD, 2005). Nesta fase a pesquisadora não terá acesso às informações pessoais dos participantes ou contatos telefônicos, e-mails sem sua prévia autorização, de acordo com a lei geral de proteção dos dados (dados sensíveis e pessoais) e circular n. 2/2021 da CNS. Desta forma, a pesquisa será divulgada, e, caso o profissional tenha interesse na participação, o mesmo deverá contatá-la. b. Entre 6 e 10 terapeutas ocupacionais serão convidados (a) individualmente a participarem. O convite terá

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

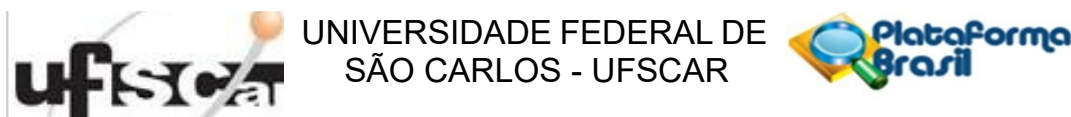
UF: SP

Município: SÃO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.429.242

informações como: a) os objetivos da pesquisa, b) a garantia do anonimato, c) a autonomia para participar da pesquisa, d) autonomia para recusar participar da pesquisa, d) endereço de email da pesquisadora. Caso o (a) terapeuta ocupacional aceite participar da pesquisa, deverá entrar em contato com a pesquisadora via e-mail. Assim, entrarei em contato com os participantes de pesquisa para agendar o dia e o horário da entrevista. A mesma ocorrerá em modalidade presencial e terá duração de aproximadamente uma hora, serão gravadas em áudio e/ou vídeo. Os encontros acontecerão em local confortável, tendo como possibilidade uma sala privada da UFSM. c. Ao concluir a entrevista presencialmente, serão convidados (a) individualmente para participação da próxima fase (grupo focal). Quarta fase: a. Grupo focal, com envio de link para participação remota, para aqueles que aceitarem participar desta etapa em data a ser agendada conforme disponibilidade dos participantes de pesquisa e a pesquisadora. O grupo focal visa apreciar a primeira análise das entrevistas (mantido o anonimato) realizada pela pesquisadora, permitindo a conferência dos dados previamente compilados, tanto nas entrevistas, quanto no material jornalístico (SIM, WATERFIELD, 2019). Quinta fase: a. Conclusão da análise temática (BRAUN, CLARKE 2022). Redação do relatório final. b. Conclusão do projeto. Defesa da tese. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: Profissionais de terapia ocupacional, sobreviventes ou não do incêndio, com experiência empírica e ou de pesquisa referente direta ou indiretamente ao desastre da boate Kiss, com disponibilidade de participação na pesquisa. CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO: a. Não aceitar participar do estudo; b. Ser menor de 18 anos; c. Não ser profissional terapeuta ocupacional com experiência empírica e ou de pesquisa no desastre da boate Kiss.

Objetivo da Pesquisa:

Examinar a experiência de terapeutas ocupacionais inseridos em intervenções no campo das emergências.

Objetivo Secundário:

- a. produzir conhecimento sobre as peculiaridades da inserção de terapeutas ocupacionais na GRD com ênfase na prevenção de desastres no Brasil.
- b. identificar que ações são priorizadas por terapeutas ocupacionais na GRD.
- c. identificar as responsabilidades, desafios e as oportunidades para terapeutas ocupacionais no âmbito multissetorial no campo das emergências.
- d. analisar as condições da formação de terapeutas ocupacionais, no que tange às suas possíveis responsabilidades para a prevenção aos desastres.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

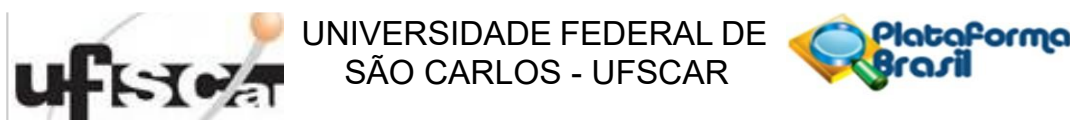
UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.429.242

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos apresenta riscos e/ou desconfortos. O dano eventual poderá ser imediato ou tardio, comprometendo o indivíduo ou a coletividade. Dessa forma, o pesquisador deve fazer o exercício da alteridade colocando-se no lugar do sujeito participante para detectar possíveis riscos/desconfortos, que podem ser físicos, morais ou psicológicos.

Neste sentido, as pesquisadoras afirmam que a pesquisa apresenta riscos característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias utilizadas, que podem gerar violação de dados ou exposição das informações. Além disso, pode sentir cansaço ou necessidade de interrupções pela utilização do ambiente virtual. Asseguramos que, se você se sentir constrangido (a) ao compartilhar algo, é possível interromper o relato e a qualquer momento optar por não participar parcialmente ou completamente da pesquisa, ou mesmo, solicitar a exclusão de dados registrados no diário de campo e quaisquer outros registros gerados durante o estudo envolvendo sua participação, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo. Diante dessas situações, o (a)s participantes terão garantidas pausas nas entrevistas. Se durante a participação nas entrevistas ou grupo focal, houver dificuldade de lidar com lembranças ou emoções, o (a) participante também poderá pedir à entrevistadora que agende serviços de apoio sem custo. Assim sendo, não há nenhuma obrigatoriedade em responder quaisquer perguntas que sejam desconfortáveis. Destacamos também que o (a) participante pode interromper a entrevista no momento em que assim desejar. A participação nesta pesquisa é voluntária, não havendo nenhuma remuneração ou benefício financeiro. Este estudo não lhe gerará nenhuma despesa, porém, caso você tenha gastos haverá ressarcimento destes valores, da forma que lhe for mais conveniente. Apesar disso, caso sejam identificados danos provenientes desta pesquisa, o (a) participante tem o direito de buscar indenização por meios legais e jurídicos conforme resolução 510/2016 do conselho nacional de saúde.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510 de 2016 e suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

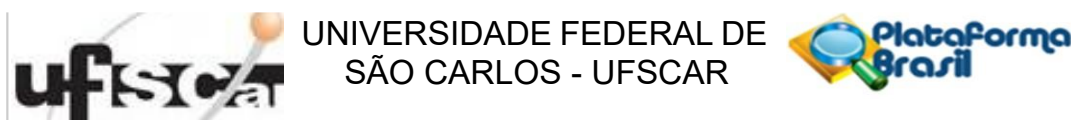
UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.429.242

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Agradecemos as providências e os cuidados tomados pelos pesquisadores ao apresentarem a 2ª versão do protocolo de pesquisa ao CEP da UFSCar. Trata-se de análise de resposta ao parecer pendente n. 6.289.802 emitido pelo CEP em 09 de Setembro de 2023.

Seguem abaixo as pendências listadas no parecer anterior do CEP e seu status (atendida, não atendida, parcialmente atendida):

1) No TCLE é importante colocar no cabeçalho que o projeto se vincula à Resolução 510/2016.

Resposta: Pendência Atendida

2) No TCLE inserir o contato do CEP da UFSCar: O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Resposta: Pendência Atendida

Diante das respostas, indico a aprovação do projeto de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. Conforme dispõe o Capítulo VI, Artigo 28, da Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016, a responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS - UFSCAR



Continuação do Parecer: 6.429.242

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_2189904.pdf	25/09/2023 17:38:03		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Carta_Resposta-versao1.pdf	25/09/2023 17:37:39	FERNANDA LAIS RIBEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE-versao2.pdf	25/09/2023 17:36:57	FERNANDA LAIS RIBEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO.pdf	12/08/2023 22:28:02	FERNANDA LAIS RIBEIRO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	07/08/2023 14:50:35	FERNANDA LAIS RIBEIRO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 16 de Outubro de 2023

Assinado por:
Sonia Regina Zerbetto
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br